



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL – PROEF

LUIS OTÁVIO MENDES

**GOSTO SE DISCUTE: INCORPORANDO REFLEXÕES
SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO**

MARINGÁ – PARANÁ

2023

LUIS OTÁVIO MENDES

**GOSTO SE DISCUTE: INCORPORANDO REFLEXÕES
SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF.

APROVADA em 22 de Março de 2023.

Profa. Dra. Paula Carolina Teixeira Marroni

Prof. Dr. Carlos Herold Júnior

Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda

MARINGÁ – PARANÁ

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

M538g

Mendes, Luis Otávio

Gosto se discute : incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de educação física do ensino médio / Luis Otávio Mendes. -- Maringá, 2023. 185 f.: il. color., figs.,

Acompanha produto educacional: Gosto se discute : incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de educação física do ensino médio. 5 p.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF, 2023.

1. Educação Física - Ensino Médio. 2. Educação Física - Padrões de beleza corporal. 3. Educação Física - Autoestima. I. Miranda, Antonio Carlos Monteiro de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF). III. Título.

CDD 23.ed. 796.07

Rosana de Souza Costa de Oliveira - 9/1366

RESUMO

Esta pesquisa consistiu em analisar como uma proposta educacional de ensino sobre os padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física pode ressignificar a compreensão das questões estéticas de autoaceitação e de relação com o outro entre os estudantes de dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Para tanto, realizou-se dois estudos investigativos distintos e independentes. Primeiramente, cuidou-se de averiguar, por meio da aplicação de um questionário *online*, como que este tema de ensino está sendo abordado pelos professores de Educação Física de quatro Institutos Federais da Região Sul do país. Em seguida, tratou-se de elaborar e ministrar uma intervenção didático-pedagógica de dez aulas sobre a temática dos padrões de beleza corporal com duas turmas de estudantes da modalidade de ensino mencionada. Nessa segunda etapa da investigação, optou-se por uma orientação metodológica de acordo com as técnicas procedimentais da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986); enquanto que a análise dos dados obtidos com a intervenção se fez por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Com relação à etapa que envolveu a participação dos professores, além de identificar-se que esses profissionais consideram pertinente a abordagem pedagógica do tema em questão, detectou-se que ele está presente em suas aulas. Já no tocante à realização da intervenção didático-pedagógica, a partir das atividades ministradas, verificou-se que os estudantes em termos conceituais percebiam o corpo, a princípio, como uma estrutura física e, posteriormente, reconheceram-no como uma forma de linguagem e de comunicação. Constatou-se que os jovens participantes também possuíam diferentes perspectivas de concepções acerca do que é beleza. Observou-se que nas atividades pedagógicas desenvolvidas, os estudantes participaram ativamente na construção dos conhecimentos trabalhados e, especificamente na atividade avaliativa, percebeu-se que eles foram criativos e capazes de recuperar os tópicos discutidos ao longo da proposta educacional, exprimindo autoaceitação entre eles. Espera-se que os resultados compartilhados nesta dissertação a partir da perspectiva metodológica da pesquisa-ação possam ter gerado subsídios elementares para que outros docentes consigam abordar pedagogicamente de forma mais qualificada o tema dos padrões de beleza corporal.

Palavras-chave: padrões de beleza; corpo; ensino médio.

ABSTRACT

This research consisted of an analysis of how an educational teaching proposal about body beauty standards in Physical Education classes can give new meaning to how aesthetic issues of self-acceptance and of relation with others is understood among students of two technical courses integrated to the High School. For this purpose, two distinct and independent investigational studies were conducted. Firstly, it was ascertained, through an online questionnaire, how this teaching subject is being approached by Physical Education teachers of four Federal Institutes in the Southern Region of the country. Then a didactic-pedagogical intervention was devised and applied on ten classes about the body beauty standards subject with two groups of students in the mentioned teaching modality. During this second phase of the investigation, a methodological guidance was chosen according to the procedural techniques of research-action (THIOLLENT, 1986); whilst the analysis of the data acquired from the intervention happened through the content analysis proposed by Bardin (2016). Concerning the phase involving the teachers' participation, besides identifying that those professionals considered the pedagogical approach pertinent to the issue, it was noticed that it is present in their classes. Regarding the realization of the didactic-pedagogical intervention, from the activities done, it was verified that at first the students perceived the body, in conceptual terms, as a physical structure and, later on, they recognized it as a form of language and communication. It was found that the participating youth also had different perspectives on the conceptions of what beauty is. It was observed that, in the developed pedagogical activities, the students participated actively in the construction of the knowledge and, specifically in the assessment activity, it was noticed that they were creative and able to recover the topics discussed throughout the educational proposal, expressing self-acceptance among themselves. It is expected that the results shared in this paper from the research-action methodological perspective may have generated elementary subsidies so that other teachers can approach the subject of body beauty standards pedagogically and in a more qualified way.

Keywords: beauty standards; body; high school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com a faixa etária.....	47
Figura 2 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com o tempo, em anos, decorridos desde a finalização da graduação.....	47
Figura 3 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com a instituição de formação na graduação.....	48
Figura 4 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com o tempo de ingresso nos Institutos Federais.....	49
Figura 5 - O tema dos padrões de beleza corporal nas ementas dos cursos técnicos integrados aos Ensino Médio.....	50
Figura 6 - Número de aulas utilizadas pelos docentes participantes para trabalhar com o tema dos padrões de beleza corporal.....	50
Figura 7 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 1 (CHD 1) obtida a partir do Corpus 1.....	52
Figura 8 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 2 (CHD 2) obtida a partir do Corpus 2.....	56
Figura 9 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 3 (CHD 3) obtida a partir do Corpus 3.....	58
Figura 10 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 4 (CHD 4) obtida a partir do Corpus 4.....	61
Figura 11 - Nuvem de palavras gerada pelos estudantes da Turma A ao responderem a pergunta: para você, o que é corpo?.....	64
Figura 12 - Nuvem de palavras gerada pelos estudantes da Turma B ao responderem a pergunta: para você, o que é corpo?.....	65

Figura 13 - Planilha de preenchimento das características físicas de uma pessoa bonita para os estudantes.....	73
Figura 14 - Estrutura corporal preferida pelos estudantes da Turma A.....	74
Figura 15 - Estrutura corporal preferida pelos estudantes da Turma B.....	74
Figura 16 - Cor da pele preferida pelos estudantes da Turma A.....	75
Figura 17 - Cor da pele preferida pelos estudantes da Turma B.....	75
Figura 18 - Atividade de decodificação de mensagem midiática.....	82
Figura 19 - Palavras de referência como auxílio para a produção textual.....	92

QUADROS

Quadro 1 - Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, segundo a BNCC.....	39
Quadro 2 - Habilidades a serem alcançadas pelos estudantes do Ensino Médio, segundo a BNCC.....	39
Quadro 3 - Tópicos das ações pedagógicas desenvolvidas nos encontros semanais com cada uma das turmas.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O CORPO	11
2.1 Diferentes concepções de corpo	11
2.2 O corpo no âmbito social	16
3 A BELEZA	20
3.1 Diferentes concepções de beleza	20
3.2 Os padrões de beleza corporal	25
4 MÍDIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	28
5 O TEMA DOS PADRÕES DE BELEZA CORPORAL COMO CONTEÚDO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	36
6 METODOLOGIA	41
7 O QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES	46
7.1 Caracterização dos docentes participantes	46
7.2 O tema dos padrões de beleza corporal nos Institutos Federais	49
7.3 Pertinências, dificuldades e facilidades para lidar com o ensino do tema	51
7.4 Metodologias e estratégias de ensino da temática	59
8 A INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA COM OS ESTUDANTES	63
8.1 Os conceitos de corpo e de beleza (aulas 1 e 2)	63
8.2 As características do belo nas pessoas (aulas 3 e 4)	70
8.3 A beleza e a mídia (aulas 5 e 6)	79
8.4 Os padrões de beleza e a autoimagem (aulas 7 e 8)	87
8.5 Avaliação sobre o tema (aulas 9 e 10)	90
9 CATEGORIAS EMERGENTES: CORPO, BELEZA, E PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	93
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A - Questionário enviado aos professores participantes	115
APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido (estudantes)	121
APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido (responsáveis)	124
APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (professores)	127
APÊNDICE E - Atividade “por que concordamos tanto com o que é bonito?”	130
APÊNDICE F - Atividade de decodificação de mensagens midiáticas	147
APÊNDICE G - Produção textual da atividade avaliativa	170
ANEXO A - Anuência do IFC para a realização da pesquisa	182
ANEXO B - Anuência do IFPR para a realização da pesquisa	183
ANEXO C - Anuência do IFRS para a realização da pesquisa	184
ANEXO D - Anuência do IFSC para a realização da pesquisa	185

1 INTRODUÇÃO

O primeiro passo para a definição do tema de pesquisa desta dissertação se deu a partir da inquietação de uma experiência educacional vivida pelo professor pesquisador em suas aulas de Educação Física. Considerando o histórico de vida deste docente com o ensino da temática dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio, notou-se um elevado interesse desses jovens adolescentes para com o assunto. Tal interesse pressupõe que estejamos diante de um tema contemporâneo e pertinente ao público jovem, e que, portanto, carece de uma abordagem científica como este trabalho acadêmico se dispôs a fazer.

O público jovem, entre eles os estudantes do Ensino Médio, sofre com o imperativo de beleza corporal presente em nossa sociedade. O fato do jovem ainda estar numa fase da vida em que a aceitação pelos seus pares seja uma forma de afirmação da identidade, os cuidados com a própria aparência tendem a assumir grande relevância na vida desses sujeitos. Cerqueira (2020) corrobora com essa relação existente entre essa questão de aceitação e de pertencimento social e os padrões de beleza corporal. Nas palavras da autora,

A sociedade contemporânea se organiza sob a égide do mercado e cada indivíduo procura modular o próprio corpo na expectativa de um sentimento de pertença à sociedade. Em meio a esses padrões de comportamento, destacamos os padrões de beleza corporal, que orientam o desejo da sociedade por determinadas características físicas. (CERQUEIRA, 2020, p. 24)

Para efeito de delimitação conceitual no presente trabalho, consideramos os padrões de beleza corporal como um conjunto de atributos físicos valorizados positivamente e desejados pelos indivíduos de uma determinada sociedade. Os corpos tipicamente jovens e a magreza escultural são apenas dois exemplos dessas características físicas que são imensamente exaltadas e almejadas nas sociedades contemporâneas, em especial, as do Ocidente. Todavia, convém ressaltar que esses modelos de beleza muitas vezes se constituem em diretrizes impossíveis de serem seguidas; logo, a representação padronizada do que vem ou não a ser um corpo bonito pode desencadear, entre outros problemas, em preconceitos sociais (CERQUEIRA, 2020).

Começa por aí, então, a relevância de se tratar tal assunto na educação formal. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017),

reconhecendo tal relevância, indica que este tema deva ser analisado criticamente junto aos estudantes no espaço da educação formal, propondo como competência específica da Educação Física a identificação da multiplicidade de padrões de beleza e estética corporal.

Entretanto, falar sobre qualquer aspecto relacionado ao corpo num ambiente educacional como a escola requer muitos cuidados, principalmente se considerarmos as diferentes concepções que o corpo apresenta ao longo da história da humanidade (FARHAT, 2008). Para Silva (2001, p. 88), o corpo atribui em nós “parte da condição humana e identidade da espécie”. De acordo com a mesma autora, podemos ir ainda além dessa compreensão, e entender também o corpo como um elemento da cultura, sendo, nesse caso, portanto, repleto de sentidos e significados. Silva e Baptista (2014, p. 341), concordando com esse entendimento, afirmam que “enquanto uma construção simbólica, o corpo é constituído a partir das mais diversas relações sociais”.

Hodiernamente, a relação que o ser humano possui com o seu próprio corpo no âmbito social e cultural apresenta algumas características particulares e, uma delas, muito marcante por sinal, é como o corpo se tornou alvo de uma idolatria, sendo cultuado e recebendo uma constante preocupação com a sua estética (FARHAT, 2008). Em vista disso, o corpo tido como belo, bonito, passou a ser demasiadamente apreciado nas mais diversas culturas, levando os indivíduos a desejarem incessantemente tais formas de corpo. Ocorre que essa busca desenfreada para alcançar um corpo considerado ideal em termos de beleza, pode desencadear, muitas vezes, no comprometimento do modo como esses indivíduos se veem e, conseqüentemente, gerar transtornos patológicos psíquicos, como por exemplo, a anorexia, a bulimia e a vigorexia.

Ressalta-se que, nesse processo de preocupação e adoração exacerbada ao corpo considerado belo, a mídia costuma desempenhar um papel de influência crucial.

A mídia é uma linguagem poderosa, mais que apenas um veículo de comunicação. Os abusos da mídia no contexto da pressão sobre consumo com a intenção de causar um efeito de informação levou o ser humano a uma confusa idéia de crença na sua própria maneira de viver. (FERREIRA, E., 2008, p. 12)

Admite-se, desse modo, que a mídia, dotada de tanto poder, deliberadamente tem grande capacidade de nos induzir sobre o julgamento da beleza dos corpos. Ousando ir além, podemos afirmar que ela contribui sobremaneira para a formação dos padrões de beleza corporal. Em consonância com esse ponto de vista e referindo-se aos jovens estudantes, Fonseca (2009, p. 53) afirma que “a mídia tem sido responsável pela composição de grande parte do repertório de significados que os alunos trazem para o contexto escolar”.

Em vista disso, reiteramos a pertinência de se tratar este assunto no ambiente educacional. Para Fonseca (2009, p. 45)

A escola se tornaria, então, um espaço de negociação e contestação de conteúdos transmitidos por diversos meios, principalmente o midiático, já que este faz parte do universo de construção de sentidos dos alunos.

Logo, torna-se oportuno que a Educação Física discuta questões relacionadas ao corpo em suas aulas. Ao encontro desse pressuposto, Silva e Baptista (2014, p. 345) enaltecem ainda quão relevante é o papel da Educação Física na

[...] discussão dos aspectos mais amplos relacionados ao corpo, discutindo, debatendo e refletindo acerca da inserção do corpo, enquanto uma construção sociocultural e simbólica, no contexto em que vivemos.

Isto posto, consideramos que seja apropriado para a escola desenvolver pedagogicamente o tema dos padrões de beleza com os estudantes do Ensino Médio, levando-os a serem mais críticos com relação ao assunto em questão. Para além disso, entendemos ainda que, ao desempenhar esta tarefa, a escola estará se aproximando ainda mais dos conteúdos pertinentes à vida social desses educandos. Logo, a pergunta problema que norteia a realização deste trabalho é: como o tema dos padrões de beleza corporal pode ser trabalhado junto aos estudantes do Ensino Médio nas aulas de Educação Física?

Sendo assim, a partir dessa problemática exposta, foi elencado como objetivo geral para a presente pesquisa analisar como uma proposta educacional de ensino sobre os padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física pode ressignificar a compreensão das questões estéticas de autoaceitação e de relação

com o outro entre os estudantes de dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio¹.

Por conseguinte, pretendemos especificamente: a) identificar como vem sendo trabalhado o tema dos padrões de beleza corporal sob a ótica dos professores de Educação Física dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de quatro Institutos Federais da Região Sul do Brasil; b) diagnosticar o entendimento que os estudantes de dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio possuem sobre os padrões de beleza e as relações que esse tema apresenta com a realidade desses jovens; e c) descrever pelo olhar dos discentes e do docente pesquisador o processo de ressignificação dos conteúdos ligados aos padrões de beleza corporal por meio de uma intervenção didático-pedagógica realizada nas aulas de Educação Física.

Portanto, dando início a essa jornada de investigação científica, cuidaremos de apresentar nas próximas páginas algumas preliminares teóricas acerca do corpo e da beleza enquanto objetos de estudos científicos. Além dessas preliminares, também apresentaremos alguns aprofundamentos sobre a mídia, a adolescência e a juventude e, mais adiante, sobre a legitimidade da abordagem do tema dos padrões de beleza corporal dentro da Educação Física escolar. Ademais, compartilharemos o caminho metodológico por nós percorrido, assim como a análise e a discussão dos resultados obtidos.

2 O CORPO

O desejo é o começo do corpo².

(Arnaldo Antunes)

2.1 Diferentes concepções de corpo

Discorrer sobre o corpo, mais especificamente sobre o corpo do ser humano, como é o nosso caso neste trabalho, requer muitos cuidados. Tanto no passado, quanto hodiernamente, o corpo apresenta diferentes concepções em distintas civilizações e culturas. Como indicativo disso, basta consultarmos qualquer

¹ Conforme será explicado mais adiante neste trabalho, o professor pesquisador leciona aulas de Educação Física em cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio; daí a justificativa pela intervenção junto a esta modalidade de ensino.

² Verso da música “Cultura” do compositor Arnaldo Antunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aguu_QzCQy8>.

dicionário para vermos o grande número de definições que este simples verbete possui. A pluralidade de interpretações disponíveis sobre o corpo perpassa também pelas mais variadas áreas de produção de conhecimento científico, sejam elas de ordem biológica ou humana.

Fato é que tais divergências de visões sobre o corpo podem confundir e dificultar a sua compreensão enquanto fenômeno a ser investigado. Na presente pesquisa, encaminharemos as nossas reflexões sobre o corpo predominantemente a partir de uma concepção sociológica e, sendo assim, apresentaremos como o corpo é entendido por esta área de conhecimento. Todavia, acreditamos que seja pertinente e colaborativo para o nosso trabalho também discorrermos sobre como outras áreas concebem esse fenômeno. Desse modo, cuidaremos de trazer a seguir, de forma breve, algumas conceituações de corpo desenvolvidas a partir da ótica da biologia, da filosofia, da teologia, da psicanálise e da sociologia.

Começando pela ótica biológica, podemos dizer que, provavelmente, a concepção de corpo revelada por esta área seja a mais acessível de ser entendida e aceita por todos. A biologia percebe o corpo como algo objetivo e concreto, formado por um conjunto de elementos (células, órgãos, etc.) que constituem um organismo integrado - o corpo humano - que é um objeto de estudo já amplamente explorado pela anatomia, pela fisiologia, pela histologia e demais ramos dessa área de conhecimento. Ainda que consideremos a visão biológica de corpo relevante e pertinente para a nossa pesquisa, conforme mencionamos anteriormente, não será unicamente a partir desta ótica que restringiremos a nossa compreensão sobre este fenômeno.

Quando analisamos o olhar da filosofia sobre a concepção de corpo, em especial a filosofia ocidental, notamos que a sua compreensão e a sua anuência não são tão consensuais ao longo da história, principalmente se comparadas com a perspectiva biológica de corpo. A justificativa para tais discordâncias se deve a uma avaliação mais ampla que a filosofia faz na tentativa de definir o que vem a ser o corpo, ponderando também alguns aspectos subjetivos e dualísticos que se estabelecem entre a alma e ele. Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007)

A concepção mais antiga e difundida de C.³ é a que o considera o instrumento da alma. Ora, todo instrumento pode receber apreço pela função que exerce, sendo por isso elogiado ou exaltado, ou então pode ser criticado por não corresponder a seu objetivo ou por implicar limites e condições. Essas duas possibilidades se alternaram na história da filosofia, que nos mostra tanto a condenação total do C. como túmulo ou prisão da alma, segundo a doutrina dos órficos e de Platão (*Fed*, 66 b ss.), quanto a exaltação do C. feita por Nietzsche ("Quem está desperto e consciente diz: sou todo C. e nada fora dele", *Also Sprach Zarathustra*, I, *Os odiadores do C.*). (ABBAGNANO, 2007, p. 211, grifo do autor)

Nota-se, portanto que, pelo prisma da filosofia, é inevitável falar de corpo sem também nos remetermos à alma e à relação que se institui entre eles na intenção histórica da humanidade em concebê-los a fundo. Vale dizer que essa visão de relação estabelecida entre o corpo e a alma que fundamentou a cultura clássica e a tradição judaico-cristã contribuiu demasiadamente para que, ao longo do tempo, fosse imputado uma certa negatividade a tudo aquilo que estivesse relacionado ao corpo (PANELLA RIBERA, 2017).

Nesse sentido, os filósofos gregos da Antiguidade Clássica atribuíam uma função instrumental ao corpo, entendendo que ele serviria para prestar serviços indispensáveis à alma. Poucos séculos depois, os filósofos estoicos seguiram compactuando com esta ideia de instrumentalidade do corpo para com a alma, afirmando que "a alma é aquilo que domina ou, de vários modos, utiliza o organismo físico" (ABBAGNANO, 2007, p. 211). Tal proposição que designava a alma como sendo a razão de ser do corpo, vale destacar, perdurou e prevaleceu até o final da Idade Média.

Foi René Descartes, filósofo do século XVII, que rompeu com esse ponto de vista e que propôs uma noção dualista de corpo e de alma. De acordo com Abbagnano (2007, p. 211)

Crê-se comumente que a consequência da separação instituída por Descartes entre alma e C., como duas substâncias diferentes, tenha sido o estabelecimento da independência da alma em relação ao C. Na verdade, sua primeira consequência foi estabelecer a independência do C. em relação à alma: ponto de vista que, antes de Descartes, nunca se apresentara.

Esse novo postulado apresentado por Descartes entende o corpo como uma espécie de máquina que possui movimentos próprios, e que está, de certa forma,

³ Forma de abreviação da palavra "corpo" utilizada na obra citada.

alheia aos anseios da alma. Corpo e alma passam a serem entendidos, então, como duas substâncias independentes que se combinam para formar o homem. Contudo, essa proposição gerou muitos questionamentos entre os filósofos de como e por que se daria essa combinação entre o corpo e a alma (ABBAGNANO, 2007).

Também para a teologia, mais especificamente para a teologia cristã, o corpo e a alma são compreendidos como elementos que se unem para compor o ser humano. Se no passado a teologia atribuía uma soberania hierárquica da alma sobre o corpo, atualmente ela prega que há uma reciprocidade na ordem dessa relação.

A alma é para o corpo e o corpo é para a alma. Ambos os princípios estão co-determinados e orientados. Um princípio subsiste por sua relação com o outro. O ser humano é uma unidade constituída pela relação mútua dos princípios material e espiritual. (OLIVEIRA, 2013, p. 1082)

Por outro lado, os filósofos modernos e contemporâneos pressupõem e associam mais o corpo a um elemento ou a uma condição do comportamento humano, afirmando que a sua função seria utilizá-lo para se usufruir das experiências da vida; isto é, o corpo consistiria em algo a ser vivido.

[...] ter um corpo é *aprender a ser afetado*, ou seja «efectuado», movido, posto no movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas. Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto. [...] podemos procurar definir o corpo como *um [sic] interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afectado por muitos mais elementos*. O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior - uma alma imortal, o universal, o pensamento - mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo. (LATOURE, 2008, p. 39, grifo do autor)

A psicanálise é uma outra área de conhecimento humano que estuda o corpo, abordando-o teórica e clinicamente. Para Lazzarini e Viana (2006, p. 241), atualmente, “o corpo que é objeto da psicanálise ultrapassa o somático e constitui um todo em funcionamento coerente com a história do sujeito”. O próprio fundador da psicanálise, Sigmund Freud, já advertia que a abordagem clínica do corpo, neste campo, não deveria seguir os mesmos paradigmas da medicina e da anatomia.

Do trabalho clínico de Freud com as histéricas surge, ainda de uma forma incipiente, o corpo psicanalítico - marcado pelo desejo

inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem [...] Desta forma, o corpo em psicanálise já não pode ser definido somente pelo conceito de organismo, nem pelo conceito puro de somático. Com isso, talvez já se possa afirmar não que o sujeito tem um corpo, mas que o sujeito é um corpo, pois se está falando de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, uma articulação singular. (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 243)

Contudo, enaltecemos que, mesmo expondo e reconhecendo os dualismos e a polissemia do corpo, reiteramos que será essencialmente a partir da sua concepção sociológica que pretendemos pautar a realização dos nossos estudos nesta pesquisa. Acreditamos que o entendimento que a sociologia traz sobre o corpo seja mais coerente com o escopo da nossa investigação. Nesse sentido, é curioso destacar que nem sempre a sociologia se atentou para o corpo como um objeto de estudo digno de ser investigado, tendo negligenciado-o por muito tempo. Foi somente a partir das últimas décadas do século XX que notou-se uma expansão do interesse da sociologia pelo corpo em si, e não somente por suas ações (FERREIRA, 2013).

Le Breton (2007) adverte que a sociologia, ao abordar o corpo, precisa, antes de mais nada, discerni-lo com rigor, a fim de não se cometer possíveis equívocos. Para ele, o corpo é “a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico” (LE BRETON, 2007, p. 92). O mesmo autor enaltece que a ideia de corpo decorre da construção social simbólica que se faz dele.

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (LE BRETON, 2007, p. 26)

O simbolismo inerente a essa concepção de corpo é uma característica que entendemos ser muito forte e pertinente aos nossos estudos na presente pesquisa. Seja emitindo ou recebendo signos, o corpo está constantemente produzindo sentidos.

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator⁴. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de referências culturais. (LE BRETON, 2007, p. 7)

Além dessa característica de representação simbólica que o corpo passa a admitir, outra particularidade decorrente da visão sociológica é o fato dela atribuir ao corpo um papel relevante de identidade ao sujeito; algo que, para nós, também pode ser considerado oportuno, haja vista os propósitos de análise que almejamos fazer em nossas investigações.

Como já dito anteriormente e ratificado até aqui, o corpo pode apresentar múltiplas possibilidades de interpretação por diversas áreas do conhecimento humano. A complexidade do corpo é tamanha ao ponto dele extrapolar as disciplinas, dificultando que estas, isoladamente, deem conta de explicá-lo por completo (FERREIRA, F., 2008). Sendo assim, após termos caminhado brevemente por algumas dessas concepções, bem como indicado a perspectiva que melhor se adequa aos nossos fins, discorreremos a seguir um pouco mais sobre o corpo no âmbito social.

2.2 O corpo no âmbito social

Partindo da concepção de que o corpo é uma construção social, portanto, algo que não é uma realidade objetiva incontestável e muito menos definitiva (LE BRETON, 2007), convém atentarmos para como se dá essa relação entre o corpo e a sociedade, sobretudo na sociedade ocidental contemporânea. É igualmente importante observarmos, também, quais são os desfechos que podemos notar a partir desse elo estabelecido entre eles. Em outros termos, precisamos analisar de que maneira o meio social influencia o modo como vemos e entendemos o corpo e quais são as consequências individuais e coletivas oriundas dessas influências.

⁴ Forma como David Le Breton se refere ao indivíduo social em suas obras.

Para iniciarmos tal análise, recorremo-nos a Mauss (2003), que discursou sobre as técnicas e as atitudes do corpo perante o meio social. De acordo com este autor, cada sociedade possui hábitos corporais que lhe são particulares. Isto é, seja no modo de andar, de sentar, de comer, ou qualquer outra ação que for, os gestos corporais não são universais, mas, sim, transmitidos por imitação entre as gerações de determinada sociedade.

A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser [sic] efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. (MAUSS, 2003, p. 405)

O mesmo autor menciona algo relativo à adolescência e, portanto, pertinente aos sujeitos participantes da nossa pesquisa. Ele enaltece que a adolescência é a fase de desenvolvimento da vida que é decisiva aos indivíduos no que se refere ao aprendizado e à conservação das suas técnicas de corpo. Mauss (2003, p. 420), continuando a sua explanação com relação aos movimentos do corpo, afirma que, numa sociedade, “todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições”.

Nessa mesma linha de pensamento, Bourdieu (2014), sociólogo renomado do século XX, complementa ainda que o corpo se trata de um produto social, fabricado a partir do meio cultural ao qual o agente⁵ está inserido. Para este autor, a relação que cada um desenvolve com o seu próprio corpo consiste num modo particular de experimentar o local no âmbito social, levando-o a uma noção de pertencimento de classe. A partir desse pressuposto, admite-se que, atrelados a uma questão de classificação social e de dominação simbólica, as modificações e os investimentos corporais que as pessoas fazem em si mesmas, como por exemplo, o uso de barbas e/ou de determinadas vestimentas, constituem-se em expressivas marcas sociais. Logo, segundo Bourdieu (2014), o esquema corporal do agente estaria intimamente ligado tanto à sua perspectiva de mundo social, quanto ao de pertencimento a um determinado grupo comunitário.

⁵ Forma como Pierre Bourdieu se refere ao indivíduo social em suas obras.

Produtos sociais, as propriedades corporais são apreendidas por meio das categorias de percepção e dos sistemas de classificação social, que não são independentes da distribuição das diferentes propriedades entre as classes sociais: as taxonomias em vigor tendem a contrapor, hierarquizando-as, as propriedades mais frequentes entre os dominantes (isto é, as mais raras) às mais frequentes entre os dominados. (BOURDIEU, 2014, p. 249)

Também se referindo ao corpo inserido na esfera social, Foucault (1987) faz grandes contribuições a respeito do seu processo de disciplinarização. Segundo ele, o corpo passa por diversos tipos de coerção social que é exercido por instituições como, por exemplo, os quartéis, os hospitais, as fábricas, as prisões e, inclusive, as escolas. Tal coerção social, teria a função de controlar os gestos e demais ações que o indivíduo pode ou não vir a efetuar, principalmente se pensarmos nos espaços públicos de convivência. A ergonomia e as disposições das carteiras nas salas de aula, e a formação de filas para o deslocamento dos aprendizes, são apenas dois exemplos, dentro do contexto escolar, desse tipo de coerção social de adestramento dos corpos ao qual o autor se refere.

O intuito desses mecanismos disciplinares, segundo Foucault (1987), seria o de formar “corpos submissos” e “corpos dóceis”, ou seja, corpos fáceis de serem governados.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. [...] Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder; e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro. (FOUCAULT, 1987, p. 118 e 120)

Portanto, para Foucault (1987), existem em nossa sociedade relações de poder não violentas; isto é, relações que por meio da imposição de normas de adequação, visam constantemente tornar os corpos mais passivos e dóceis politicamente, além de mais úteis economicamente.

Todavia, salienta-se que, socialmente, o estabelecimento dessas normas de adequação nem sempre acontecem de modo explícito. Nessa orientação, Soares (2007) dá um enfoque especial para um aspecto onipresente e intrínseco a qualquer meio social, que é a educação do corpo. A referida autora afirma que, independentemente da idade, o indivíduo em contato com o mundo e com o seu semelhante está em constante aprendizagem corporal, expressando isso por meio de seus gestos, movimentos, posturas, linguagens, vestimentas, entre outros..

Pensar a educação do corpo, portanto, é pensar sempre nos modos pelos quais uma sociedade se representa, pensa a si mesma. Superfície individual e social ao mesmo tempo, o corpo testemunha os muitos e múltiplos investimentos, ele partilha a sociedade e a revela. A cor da pele, a altura, o peso, os gestos mais íntimos e os mais visíveis, as ações mais complexas e as mais delicadas, assim como as roupas e os adereços revelam o corpo como lugar de pertencimento, de identidade. (SOARES, 2007, p. 161)

Soares (2021), em outro estudo acerca da educação corporal, realiza um minucioso exame histórico e apresenta uma espécie de catálogo sobre os usos dos corpos e os comportamentos dos indivíduos em sociedade ao longo do tempo que, segundo ela, além de estarem ligados a lentos processos civilizatórios, são compreendidos como auxiliares no ordenamento da vida social.

Ainda operando no campo social, vale dizer que as aparências do corpo constituem-se num aspecto crucial em nossa pesquisa, merecendo alguns apontamentos. Le Breton (2007), citado anteriormente, traz considerações oportunas a respeito delas. Para este autor, as aparências corporais podem ser notadas a partir da forma como cada um se apresenta e se representa cotidianamente no meio social. Para ele, há duas constituintes da aparência corporal a serem observadas: uma mais provisória e ligada ao pertencimento social e cultural do ator (trajes, vestuários, etc.); e a outra mais rígida, vinculada ao aspecto físico do ator (altura, peso, etc.) (LE BRETON, 2007).

A aparência do corpo está sob constante vigia na sociedade e, por isso mesmo, requer demasiada preocupação por parte do indivíduo, a fim de que ele seja aceito, integrado, e incluído junto ao coletivo. Quanto a isso, cabe ponderar que esse procedimento de vigilância social já foi explicitado por Foucault (1987) quando

ele trabalhou com a ideia do Panoptismo⁶. Destarte, o que se percebe é que “essa prática da aparência, na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em engajamento social, em meio deliberado de difusão de informações sobre si” (LE BRETON, 2007, p. 77).

Por conseguinte a tudo isso que vimos, percebemos como o corpo não existe isoladamente em si; ele se constitui, de fato, entrelaçando-se intimamente em meio à teia do social. Tal condição reforça a nossa proposta de analisar e de compreender as sutilezas do corpo a partir de um olhar pautado em princípios das Ciências Sociais. Todavia, cabe-nos ainda dissertarmos sobre a beleza, que também se compõe como temática da nossa pesquisa.

3 A BELEZA

A beleza não é uma qualidade das próprias coisas; ela existe apenas no espírito que as contempla, e cada espírito percebe uma beleza diferente⁷.

(David Hume)

3.1 Diferentes concepções de beleza

Assim como o corpo, a beleza (ou o belo) apresenta diferentes concepções ao longo da história e, durante todo este tempo, foi a filosofia a área de conhecimento que mais buscou compreendê-la enquanto um objeto de investigação. Tal entusiasmo pela beleza começou a se desenhar ainda na Antiguidade Clássica, quando os filósofos gregos passaram a se interessar por ela e principiaram

⁶ “O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, que permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. [...] O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça”. (FOUCAULT, 1987, p. 165, 166 e 169).

⁷ HUME, D. Do padrão do gosto. Tradução de Luciano Trigo. In: DUARTE, R. **O belo autônomo**. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012, p. 91-113.

significativas reflexões acerca deste fenômeno em várias obras literárias daquela época.

Platão (428-348 a.C), por exemplo, foi um desses filósofos que iniciaram os debates sobre o conceito e a manifestação da beleza no mundo. Mas, antes de comentarmos sobre a ótica de Platão a respeito da beleza, vale lembrar que este filósofo propunha uma divisão do mundo em dois planos: o mundo ou o plano das ideias, perfeito e de onde viemos; e o mundo ou o plano perceptível, mimético e onde vivemos de fato. A partir dessa proposição, Platão discutia a beleza em seus textos de uma forma transcendental e, especificamente em “O Banquete”, ele deixa evidente a sua visão de beleza atrelada às virtudes morais, relacionadas principalmente à expressão do bem. Isso fica notório no trecho a seguir desta obra.

O que há porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feio. Ora, é indecentemente quando é a um mau e de modo mau que se aquiesce, e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. E é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. Com efeito, ao mesmo tempo que cessa o viço do corpo, que era o que ele amava, ‘alça ele o seu vô’, sem respeito a muitas palavras e promessas feitas. Ao contrário, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que é constante. (PLATÃO, 1972, p. 23)

Ainda no período clássico, todavia pensando diferentemente de Platão, Aristóteles (384-322 a.C.) vai trabalhar o conceito de beleza de um modo mais imanente, propondo que ela se constitua a partir da ordem, da harmonia e da simetria. Destarte, neste caso, a forma se torna um fator apreciável e de destaque na concepção de beleza apresentada por Aristóteles.

[...] uma coisa bela - seja um animal seja toda uma acção - sendo composta de algumas partes, precisará não somente de as ter ordenadas, mas também de ter uma dimensão que não seja ao acaso: a beleza reside na dimensão e na ordem e, por isso, um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo), nem demasiado grande (a vista não abrange tudo e, assim, escapa à observação de quem vê a unidade e a totalidade), como no caso de um animal que tivesse milhares de estádios de comprimento. (ARISTÓTELES, 2008, p. 51 e 52)

Mais adiante, Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), nos séculos IV e V, e Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), no século XIII, foram teólogos cristãos que também discorreram filosoficamente sobre o belo em suas obras, sendo influenciados, respectivamente, por Platão e por Aristóteles. Os dois filósofos trataram da beleza sempre de forma bastante atrelada à divindade e toda a sua criação, remetendo-a também ao bem e à verdade. Para Agostinho de Hipona, “onde quer que existam ordem, harmonia e proporção ou, em outros termos, onde quer que exista unidade produzida pela semelhança, existirá também beleza” (ALMEIDA, 2019, p. 18). Já Tomás de Aquino, apresenta como características essenciais para algo ser considerado belo: a integridade ou perfeição; a justa proporção ou harmonia; e a claridade (BAYER, 1993).

Convém destacar aqui que, nos casos citados anteriormente, pertencentes aos períodos da Antiguidade Clássica e da Idade Média, a beleza foi investigada e teve os seus postulados elaborados a partir de uma perspectiva do objeto ou do corpo em si. Melhor dizendo, para entender o fenômeno do belo, os filósofos dessas épocas recorreram a uma minuciosa inspeção e compreensão do objeto que estava sendo apreciado, fazendo com que a beleza, portanto, se valesse de um caráter objetivo que o próprio objeto em contemplação supostamente dispusesse.

Posteriormente, na Idade Moderna, a beleza começou a ser estudada na filosofia por meio de uma disciplina distinta, que é a Estética. O alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), conhecido como o fundador da Estética, cunhou pela primeira vez o referido termo em sua famigerada obra “*Ästhetik*”, trabalho em que ele valorizou a sensibilidade do observador no processo individual de reconhecimento do belo nas coisas. Segundo Bayer (1993, p. 181), Baumgarten define a beleza como sendo “o acordo da ordem interna segundo a qual arrumamos as coisas belamente pensadas [...] o acordo dos sinais, acordo interno, acordo com os pensamentos e acordo com as coisas”.

Notamos, pois, uma mudança de perspectiva investigativa com relação ao fenômeno do belo. Os filósofos da Idade Moderna intensificaram o foco da compreensão da beleza para o observador, e não mais para o objeto apreciado, como fizeram os filósofos que os antecederam. Ou seja, na modernidade, a atenção para desvendar o fenômeno de manifestação do belo no mundo levou mais em consideração quem estava contemplando o objeto do que o próprio alvo da contemplação em si. Tal alteração de ótica examinadora passou a conferir à beleza,

portanto, um aspecto mais subjetivo sobre o seu entendimento, conferindo mais importância às representações que fazemos dos objetos e dos corpos que estão à nossa volta.

Também nesse período, Immanuel Kant (1724-1804) trouxe algumas contribuições acerca dessas representações que fazemos contemplando os objetos. Kant (1995) dissertou intensamente sobre a capacidade humana de emitir tais julgamentos estéticos sobre esses objetos, algo que este pensador chamou de juízo de gosto. Segundo Kant (1995, p. 48), “o juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo”.

Em sua *Analítica do Belo*, Kant (1995) fez uma subdivisão do juízo de gosto em quatro momentos (partes), sendo cada um deles analisado por categorias específicas próprias. Foi a partir de cada um desses momentos que o filósofo apresentou a sua explicação do que é o belo, segundo o seu entendimento. No primeiro momento dessa subdivisão, definindo o belo segundo a “qualidade”, Kant (1995, p. 55) explicou que o “gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se belo”. Já no segundo momento, analisando o belo pela “quantidade”, a explicação consistiu em dizer que o “belo é o que apraz universalmente sem conceito” (KANT, 1995, p. 64). No terceiro momento, ao definir o belo a partir da categoria da “relação dos fins que nele é considerada”, Kant (1995, p. 82) inferiu que a “beleza é a forma da conformidade a fins de um objeto, na medida em que ela é percebida nele sem representação de um fim”. E, no quarto momento, considerando o belo pela “modalidade da complacência no objeto”, a explicação apresentada foi que o “belo é o que é conhecido sem conceito como objeto de uma complacência necessária” (KANT, 1995, p. 86).

Gonçalves (2006) esboçou uma síntese dessas quatro explicações de Kant e afirmou que

para ser julgado belo um objeto deve promover uma satisfação desinteressada, que seja fruto da harmonia entre a imaginação e o entendimento por ocasião da sua representação, e esta satisfação deve poder ser tomada por universal e necessária, ainda que o sentimento da beleza não possa ser delimitado por conceitos. Além

disso, a forma de tal objeto deve ser percebida como final, mas sem representar efetivamente um fim. (GONÇALVES, 2006, p. 50)

Destaca-se nos enunciados de Kant, então, o fato de buscarmos distinguir de forma subjetiva o que é belo, recorrendo de forma conciliada para isso, tanto da nossa faculdade da imaginação ligada ao entendimento, quanto da faculdade cognitiva (RAHDE; DALPIZZOLO, 2007). Tal pressuposto seria, portanto, o que nos possibilitaria ampliar ou diminuir a nossa apreciação estética com relação a um objeto ou a um corpo, de acordo com o contexto das exposições circunstanciais.

Saltando da Idade Moderna para a contemporaneidade, estudiosos do tema destacam que algumas características como a pluralidade e a polivalência estiveram presentes no processo de reconhecimento e de determinação da beleza nos últimos séculos, tornando-a ainda mais polissêmica. No tocante a essa complexidade que a beleza admite na contemporaneidade, Rahde e Dalpizzolo (2007, p. 14) afirmam que

Por ser diferenciado dos cânones estabelecidos na modernidade, não serão esses objetos ou formas representativas menos belos aos nossos olhos se assim o desejarmos. O estabelecimento de relações entre o que é e o que poderá vir a ser, não mais depende apenas das teorias desenvolvidas, mas da união entre conhecimento, emoção, imaginário, participação, interação do próprio eu com o objeto ou a forma visual.

Corroborando ainda mais com essa pluralidade conceitual mencionada, uma das muitas concepções de beleza existentes na Idade Contemporânea argumenta que ela é sempre inscrita perante a uma estrutura social, contrapondo, desse modo, a noção de que ela seria unicamente uma experiência particular e subjetiva. Segundo Beech (2009), essa contraposição e tensão entre o social e o subjetivo se tornou típica das disputas em torno da beleza nos dias atuais, conferindo a ela, desse modo, um caráter político.

Convém ressaltar que a beleza na contemporaneidade também é alvo de contestação e tida, por muitas vezes, como inadequada, conforme pondera Higgins (1996, p. 227).

Beleza, onde quer que exista, deve ser contextualizada e estar sempre sujeita a ter sua propriedade questionada. Sabendo, como nós, que o esplendor sublime da nuvem de cogumelo acompanha uma moral perversa, que os apelos estéticos engrossavam comícios de Hitler, que roupas lindamente ornamentadas e jóias atualmente

motivam adolescentes a matar; sabendo essas coisas, não podemos ver a beleza como inocente ou seus confortos como necessariamente enobrecedora.

Esse questionamento que Higgins (1996) propõe que seja feito com relação à inofensibilidade da beleza, vem bem a calhar com os desígnios da nossa pesquisa. Em outras palavras, é válido fazer uma contextualização, junto aos estudantes em meio educacional, sobre os ideais de beleza que massivamente são veiculados pelos meios de comunicação visual, a fim de que transtornos das mais variadas ordens não sejam causados a esses jovens.

Por fim, após essa breve síntese sobre as concepções de beleza em diferentes momentos históricos, podemos inferir que ela é decorrente de teorizações diversas, sendo estas de ordem moral/sensorial, objetiva/subjetiva, individual/sócio-cultural, ou ainda outras (SANTANA, 2015). Contudo, independente de qual seja essa teoria, não podemos negar que a beleza, de um modo geral, é tomada pela imensa capacidade de gerar encantamentos em nossos sentidos.

3.2 Os padrões de beleza corporal

Referindo-nos neste momento especificamente aos corpos, as proposições filosóficas que concebem a beleza como algo subjetivo e particular a cada observador suscitam algumas questões intrigantes: por que concordamos tanto com o que é um corpo bonito, se somos tantos e corporalmente tão distintos e singulares entre nós? De onde vem a notável preferência estética por determinados atributos físicos corporais em detrimento de outros? Quais são as explicações para a constituição dos padrões de beleza corporal que verificamos na vida em sociedade?

Admitimos que tais questões, todas elas contestando a subjetividade inerente ao reconhecimento da beleza dos corpos, são demasiadamente complexas para serem respondidas. No entanto, tentaremos nas próximas linhas dar conta dessa árdua tarefa. Porém, convém antes reiterarmos que o termo “padrões de beleza corporal”, utilizado aqui em nossas discussões, consiste basicamente num conjunto de atributos físicos valorizados positivamente, apreciados e desejados pelos indivíduos de uma sociedade qualquer, numa determinada época. Feita essa breve delimitação compreensiva sobre os padrões de beleza corporal, retomemos a nossa reflexão acerca da sua constituição no âmbito social.

Se recorrermos ao cartesianismo para explicar esse nosso consenso sobre o que entendemos como corpos bonitos, veremos que a proporção geométrica ganha enorme destaque. Desse modo, os corpos que apresentam simetrias perfeitas e que sejam geometricamente harmônicos em seus traços costumam receber maior apreciação estética. Nesse caso, uma possível justificativa para a nossa concordância sobre a beleza dos corpos se deveria ao fato do bom senso ser “a coisa mais bem distribuída do mundo” (DESCARTES, 2001, p. 5); ou seja, todos teríamos capacidades racionais de julgamentos semelhantes, e isso se manifestaria, por consequência, em nossa similar distinção entre o que é belo e o que é feio nos corpos.

Por outro lado, se nos pautarmos pela perspectiva da chamada estética empirista, aqui representada por David Hume (1711-1776), a possível explicação para a nossa uniformidade apreciativa perante a beleza dos corpos seria a semelhança que temos no grau de apuração dos nossos sentidos sensoriais. Podemos interpretar a partir dessa vertente filosófica que todas as nossas diferenças não dão conta de superar as semelhanças sensoriais que possuímos, e que, portanto, isso justificaria a coincidência que apresentamos no processo de reconhecimento da beleza nos corpos. Sendo assim, de acordo com a estética empirista, a sensibilidade se sobressairia ao juízo e, neste caso, tudo o que for agradável aos nossos sentidos, é admitido como belo. Hume (2012, p. 98) complementa que

Existem certas formas ou qualidades que, devido à estrutura original da constituição interna do espírito, estão destinadas a agradar, e outras a desagradar. Se elas deixam de ter efeito em algum caso particular, isso se deve a uma deficiência ou imperfeição evidente do órgão. Um homem com febre não pode esperar que seu paladar diferencie os sabores, e outro com icterícia não pode enunciar um veredicto a respeito das cores. Para todas as criaturas existem um estado saudável e um estado doente, e só do primeiro se pode esperar receber um padrão verdadeiro do gosto e do sentimento.

Para Hume (2012), seria a partir da preparação e da apuração dos nossos sentidos que conseguiríamos distinguir e reconhecer de forma pormenorizada a beleza dos corpos e das coisas. Não havendo esse refinamento, a concordância de apreciação tende a prevalecer e, conseqüentemente, a padronização do que

entendemos como corpos bonitos também, tal como verificamos atualmente nas mais variadas mídias, em especial nas redes sociais.

Já Kant (1995), argumentando sobre esta problemática em debate, discorre sobre a pretensão que temos de transformar nosso juízo de beleza, algo que é particular, numa universalidade. A fundamentação deste pensador é de que não nos contentamos apenas em considerar um corpo belo; queremos tornar esse julgamento privado num juízo universal. Kant (1995, p. 83) atribui isso a uma peculiaridade do juízo de gosto e reitera que este, mesmo sendo subjetivo, “imputa o assentimento a qualquer um; e quem declara algo belo quer que qualquer um deva aprovar o objeto em apreço e igualmente declará-lo belo”. Seria a partir desse jogo de assentimento que se formariam, portanto, os padrões de beleza corporal num determinado contexto social.

Outra possível explicação para a constituição dos padrões de beleza, consistiria no reconhecimento de algumas relações sociais de dominação, que de certa forma e entre tantos outros motivos, decorrem também desse jogo de assentimento estabelecido entre os indivíduos acerca da beleza dos corpos. Nesse sentido, Foucault (1987) alerta sobre a existência de uma “anatomia política” que determina como alguns corpos, por meio de coerções, podem ter domínio sobre outros corpos. Não se trata, necessariamente, de uma dominação explícita, mas sim de

um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada dos seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 1987, p. 119)

Em outras palavras, uma parcela de um determinado grupo social, interessada no erigir do poder, estaria disposta a exercer uma dominação sobre o restante desta sociedade, impondo, para isso, os seus gostos e preferências no que diz respeito à beleza dos corpos. Decorrente desse processo político, teríamos, então, a constatação social da similitude estética sobre o que vem a ser um corpo belo.

Ao encontro dessa proposição sociológica, Bourdieu (2014) ainda complementa que o exercício de tal dominação se dá não somente por razões políticas, mas também por interesses econômicos. Nesse caso, haveria, então, uma

intenção dos dominantes em gerar nos dominados uma dependência de consumo dos seus serviços e mercadorias produzidas e voltadas para a obtenção dos supostos corpos bonitos. Segundo Bourdieu (2014, p. 252)

O proselitismo que leva as novas frações da burguesia (e da pequena burguesia) a erigir em norma universal o seu modo de vida e, em particular, os usos do corpo, só pode ser compreendido completamente a partir da intenção, inconsciente mesmo, de produzir a necessidade de seus próprios serviços (dietas, ginásticas, cirurgias estéticas, etc.) ou de seus próprios produtos, ao fazer reconhecer a representação do corpo que eles encarnam (porque detêm por definição os meios de realizá-lo), além dos limites de suas condições de realização, e engendrando, assim, a distância entre a norma e a realidade, entre o corpo ideal e o corpo real.

Por fim, vale dizer que, mesmo diante da plausibilidade e da coadunação de todas essas teorizações que foram apresentadas tentando explicar o porquê da nossa concordância diante da beleza dos corpos, o fato é que os padrões de beleza muitas vezes se tornam um revés para aqueles que buscam se enquadrar neles, haja vista que “a aparência externa tornou-se uma prega subjetiva mais profunda, que potencializa o sujeito a exterminar em si mesmo todo o tipo de desvio que o desalinhe física e moralmente” (SOARES; FRAGA, 2003, p. 87).

4 MÍDIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

E precisamos todos rejuvenescer⁸.

(Antonio Carlos Belchior)

Este capítulo visa dissertar sobre a mídia enquanto um potente meio de propalação dos padrões de beleza corporal; outrossim, discorrer também a respeito da adolescência e da juventude, ou seja, a fase da vida em que se encontram os principais participantes desta pesquisa. Sendo assim, começando pela mídia, sabemos que este termo tem a sua origem etimológica na palavra “*media*” do idioma Inglês, e refere-se aos meios de comunicação de massa (*mass media*). Atualmente, ela é quase onipresente em nossas vidas e a sua interferência no âmbito dos comportamentos sociais é reconhecidamente significativa.

⁸ Verso da música “Velha Roupas Coloridas” do compositor Antonio Carlos Belchior. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jjfT6byZrA8>>.

Referindo-se às mídias impressas, DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 40) afirmam que elas possuem a capacidade de influenciar “não apenas padrões de interação nas comunidades e sociedades, como também as perspectivas psicológicas dos indivíduos”. Extrapolando a análise desses autores, podemos inferir que essa capacidade de influência dos meios impressos também estão presentes em outras mídias como, por exemplo, as veiculadas pela Internet em sites, blogs, streamings, redes, entre outras, que são amplamente utilizadas pelo público jovem.

A respeito dessa influência, Adorno (1973) adverte sobre o cuidado que devemos ter para com os interesses ocultos emitidos pelas mensagens midiáticas, haja vista o poder de convencimento implícito que eles possuem.

Os meios de comunicação de massa não são apenas a soma total das ações que eles retratam, nem das mensagens que se irradiam dessas ações. Os meios de comunicação de massa também consistem em várias camadas de significados, superpostas umas às outras, e todas as quais contribuem para o efeito. [...] Na verdade, a mensagem oculta pode ser mais importante do que a evidente, visto que a primeira escapa dos controles da consciência, não é “trespassada com o olhar”, nem desviada pela resistência das vendas, mas tende a penetrar a mente do espectador. (ADORNO, 1973, p. 550)

No tocante à veiculação de mensagens relacionadas à beleza dos corpos, esse poder de persuasão das mídias também é verificado e alguns estudos já corroboraram isso. Um exemplo foi o estudo de Silva (2017) que, em sua pesquisa, buscou averiguar a contribuição da mídia no processo de construção da identidade e autopercepção de mulheres. A conclusão da autora é de que

As mídias exercem um protagonismo social no que tange à apreensão e à autopercepção da corporeidade do sujeito ao fornecer as imagens que norteiam os padrões de referência e a imediata adesão dos mesmos [...]. (SILVA, 2017, p. 119)

Já num outro estudo, realizado por Laus (2012), a investigação consistiu em saber como é que jovens universitários reagiriam com relação à satisfação com o próprio corpo e à escolha alimentar, quando submetidos à exposição de imagens de modelos com o “ideal de beleza” propagado pela mídia. A partir dos resultados de sua pesquisa, a autora afirma que o padrão de beleza veiculado pela mídia e exposto aos universitários causou um impacto negativo na satisfação deles para

com o próprio corpo, além de ter promovido uma melhora na escolha alimentar desses participantes. No que concerne à melhora da escolha alimentar, Laus (2012) argumenta que possivelmente isso tenha ocorrido na tentativa dos participantes se enquadrarem no padrão de beleza propalado pela mídia. Ratifica-se, com isso, aquilo que já foi dito anteriormente, de que a mídia possui, sim, o potencial de induzir determinados comportamentos humanos.

Dentre esses comportamentos, o consumo merece uma atenção especial quando analisamos as mensagens transmitidas pela mídia. Nessa direção, Jordão (2008) realizou um trabalho que visou compreender como se dá a relação entre trabalhadoras domésticas com a mídia, a beleza e o consumo. No referido trabalho, a autora declara que

No caso da indústria da beleza, para consumidoras mulheres, não é raro encontrar sugestões - explícitas ou implícitas - como: *seja você mesma; seja como as atrizes das novelas; seja bonita; seja magra, saudável e feliz*. Considera-se que esses chamamentos midiáticos são fortes construtores e reprodutores culturais, pois criam e reproduzem conceitos que, subjetivados, levam o sujeito à ação: o consumo. (JORDÃO, 2008, p. 121, grifo da autora)

Citando ainda um outro trabalho que investigou os efeitos da mídia na atitude das mulheres perante o próprio corpo, Siqueira e Faria (2007) refletiram sobre a forma como seis revistas brasileiras voltadas para o público feminino representam e propagam os conceitos de corpo saudável. Considerando basicamente o período entre a década de 1960 e o início dos anos 2000, as autoras notaram que as revistas analisadas agem de forma persuasiva, seja por textos ou por imagens, na tentativa de divulgar os novos valores em relação ao corpo feminino que vão se sucedendo ao longo do tempo. Siqueira e Faria (2007) criticam o fato das revistas não contemplarem a variedade de corpos presentes na sociedade. Segundo as pesquisadoras, “as revistas parecem não saber disso, ou não querer ver, ou não ter condições nem interesses industriais, comerciais, tecnológicos de mostrar essa variedade” (SIQUEIRA; FARIA, 2007, p. 187).

Conforme notamos nos trabalhos mencionados até aqui sobre mídia e beleza, há na literatura da área um número maior de pesquisas tendo o corpo feminino como objeto de investigação. Reconhecemos que não é à toa que isso acontece, uma vez que o corpo feminino, ao longo dos tempos, sempre sofreu maior opressão

com relação ao corpo masculino, quando o assunto é apresentar-se bonito para a sociedade. Para Wolf (1992, p. 361 e 361)

[...] há uns 160 anos, as mulheres ocidentais de classe média vêm sendo controladas por diversos ideais sobre a perfeição feminina. Essa antiga tática de sucesso funcionou tomando o melhor da cultura feminina e anexando a ele as exigências mais repressoras das sociedades dominadas pelos homens. Essas formas de resgate foram impostas ao orgasmo feminino na década de 1920, ao lar, filhos e família na década de 1950, à cultura da beleza nos anos oitenta.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que, em se tratando de adolescentes, o grupo-alvo da nossa pesquisa, as mídias digitais são as que mais exercem fascínio e, conseqüentemente, maior influência sobre esse público. Muniz (2021), ao analisar práticas educativas na rede social *Facebook*⁹ com estudantes do Ensino Médio, concluiu que ele “se mostra fortemente influente na identidade dos(as) jovens em sua visão de si e do outro no mundo” (MUNIZ, 2021, p. 92).

Já com relação ao *Instagram*¹⁰, outra mídia digital muito utilizada pelos adolescentes, Fantoni (2017) realizou uma pesquisa visando compreender como os estudantes do Ensino Médio de Porto Alegre-RS representam a si mesmos nessa rede social. A partir dos resultados obtidos, Fantoni (2017) chega ao veredito de que esses jovens são cuidadosos com a própria aparência, e que costumam ser ponderados na escolha e na edição das fotografias que serão veiculadas junto a essa mídia.

A forma como os jovens representam a si mesmos no Instagram, no que diz respeito ao perfil, aponta para uma construção mais seletiva e acurada da própria imagem; uma identidade que é construída a cada nova publicação, cuja visualização completa está disponível na grade de fotografias. Não foram percebidos sinais de desvio da realidade nas imagens desses jovens, mas é possível inferir que há,

⁹ O *Facebook*, pertencente ao grupo *Meta Platforms Inc.*, consiste numa rede social virtual digital que, segundo a própria empresa, tem como missão dar aos seus usuários o poder de criar uma comunidade e de tornar o mundo mais unido. De acordo com os termos do próprio *Facebook*, uma série de produtos e serviços são oferecidos para ajudar na concretização dessa missão, como, por exemplo, colocar os usuários em contato com pessoas e organizações que sejam de seu interesse. Para mais informações sobre os serviços do *Facebook*, acesse: <<https://www.facebook.com/legal/terms>>.

¹⁰ O *Instagram* é outra rede social virtual digital também pertencente ao mesmo grupo *Meta Platforms Inc.*, e com finalidades similares ao *Facebook*, porém com a ênfase maior de compartilhamento de conteúdos de imagens e vídeos produzidos pelos seus usuários. Para mais informações sobre os serviços do *Instagram*, acesse: <https://help.instagram.com/581066165581870/?helpref=uf_share>.

sim, o objetivo de compartilhar uma versão, em algum nível, desejável do “eu”. (FANTONI, 2017, p. 158)

Também num estudo envolvendo as mídias digitais, Sandru (2023), realizou uma revisão bibliográfica acerca da relação entre o uso do *Instagram* e do *Tik Tok*¹¹ com a autoestima de adolescentes entre 13 e 17 anos. Ainda que a autora reconheça limitações na sua pesquisa que a impeça de fazer uma conclusão definitiva, ela afirma que os resultados encontrados sinalizam que o uso indevido ou o vício nessas duas plataformas influenciam negativamente na autoestima dos adolescentes.

Poderíamos elencar aqui mais estudos que investigaram a interferência da mídia sobre a conduta dos jovens e adultos com relação ao próprio corpo e a sua estética. Contudo, com esses exemplos, já é possível reconhecermos o poder que a mídia possui de influenciar e determinar certas condutas dos indivíduos em meio ao convívio social. Portanto, entendemos que a mídia, seja ela qual for, detendo tamanho alcance e capacidade de penetração na sociedade, precisa receber uma atenção maior da educação formal. Acreditamos que essa atenção se faz ainda mais necessária quando os envolvidos são os estudantes do Ensino Médio, ou seja, adolescentes em peculiar fase de desenvolvimento psicoemocional e em exposição constante às mídias digitais.

Quanto a isso, convém que façamos algumas considerações acerca dessa peculiar fase da vida, ponderando, sobretudo, aspectos que relacionam a sua vivência no contexto escolar. Mesmo reconhecendo toda a complexidade que permeia o fenômeno da adolescência, pretendemos ampliar aqui a sua compreensão, a fim de atenuar certos equívocos e injustiças que geralmente são praticados contra esses jovens estudantes e seus comportamentos característicos, em especial no âmbito educacional.

Atualmente, a adolescência é estudada por várias áreas do conhecimento; cada uma delas privilegiando uma particularidade desse período de transformação da trajetória evolutiva da vida. Uma dessas áreas de investigação da adolescência é a biológica, que se dispõe a estudá-la a partir do viés do desenvolvimento

¹¹ O *Tik Tok* consiste numa plataforma virtual digital pertencente à *TikTok Pte. Ltd.*, e que, de acordo com as diretrizes da empresa, visa inspirar a criatividade e encorajar a imaginação humana, permitindo a expressão criativa e sendo uma fonte de entretenimento e enriquecimento em todos os lugares. Assim como no *Instagram*, os recursos visuais são muito explorados por esta plataforma. Para mais informações sobre as diretrizes do *Tik Tok*, acesse: <<https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt-br/overview/>>.

maturacional fisiológico do indivíduo. Por essa ótica, a adolescência compreende a fase da puberdade, isto é, o período do surgimento das características sexuais secundárias e da maturação das funções reprodutivas do ser humano.

A considerar o escopo da presente pesquisa, essa visão biológica da adolescência ganha destaque, pois ela evidencia as transformações que ocorrem no corpo do adolescente, além de apontar para as modificações hormonais que também afetam a questão emocional desses sujeitos. É possível que muitos dos problemas de autoaceitação que o adolescente enfrenta no tocante à sua aparência em idade escolar, estejam relacionados ao desenvolvimento maturacional ao qual eles estão submetidos nesse período. Apenas como exemplo, o aparecimento de espinhas na pele do rosto é uma manifestação típica da puberdade e que causa descontentamento do adolescente para com a sua aparência. Daí então, a necessidade de atenção com essas especificidades da adolescência que é ressaltada pela perspectiva biológica.

Já outra área de conhecimento que estuda há tempos o fenômeno da adolescência é a psicologia. Foi o norte americano Granville Stanley Hall (1844-1924) que iniciou as investigações dessa fase da vida na psicologia, passando a associá-la a um período de crise, de instabilidade, e de tormenta. Segundo Warde e Panizzolo (2015, p. 747),

O adolescente de Stanley Hall é o primitivo que carrega todas as forças da natureza que podem explodir produzindo o caos, ou pode desenvolvê-las trazendo a maturidade e a civilização. Na sua base está a erupção de um processo acelerado de crescimento do corpo, da mente e dos sentimentos, e uma nova carga de energia que se introduz por volta da época da puberdade [...].

A adolescência de Stanley Hall consiste, portanto, basicamente numa ambivalência entre dois desejos: o desejo de ampla liberdade de autoexpressão e o desenvolvimento das potencialidades; e o desejo de controle e direção que orienta para formas de condutas respeitáveis e éticas (WARDE; PANIZZOLO, 2015). Considerando o meio escolar, tal ambivalência de desejos pode ser constatada nas relações entre professores e estudantes que, por muitas vezes, dão-se de forma conflituosa.

Também no contexto da psicologia, Erik Erikson (1902-1994) trouxe contribuições em torno da adolescência que vão ao encontro do que discutimos em

nossa pesquisa. Erikson afirma que o adolescente busca uma identidade significativa, porém ele “se depara com uma ‘revolução fisiológica’ em seu interior que ameaça tanto sua imagem física quanto a identidade do seu ego” (MELO, 2013, p. 33). Diante do aumento da preocupação com a imagem que fazem a seu respeito, o adolescente refugia-se em grupo de amigos, compartilhando ideais e, assim, constituindo os estereótipos sobre si mesmo (MELO, 2013). Quando recordamos novamente do ambiente escolar, este comportamento de refúgio é facilmente percebido nas tribos que se formam entre os estudantes, tendo como critério de união, justamente, as suas afinidades estéticas (músicas, vestimentas, etc.).

Contudo, há na literatura uma compreensão da adolescência que vai além dos contextos biológico e psicológico, e enfatiza que ela “é um conceito de maior abrangência, que se refere também às mudanças no comportamento e no *status* social” (MELO, 2013, p. 21). Nesse caso, a sociologia é quem se apropria dos estudos sobre a adolescência, apresentando outras explicações para a manifestação desse fenômeno que ela prefere chamar de juventude.

Pela sociologia, os aspectos culturais e as relações estabelecidas socialmente entre os sujeitos recebem maior atenção na investigação da identidade e do comportamento dos jovens. A partir dessa perspectiva, nos dias atuais

[...] a construção das identidades é um processo cada vez mais complexo, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias. Ele acaba se constituindo como ator plural, com múltiplas identidades, produto de experiências de socialização em contextos sociais os mais diversos, dentre os quais ganham centralidade aqueles que ocorrem nos espaços intersticiais dominados pelas relações de sociabilidade. Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e com outros modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias etc. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 124)

Outra característica interessante dos estudos sociológicos perante a juventude consiste na busca da “desnaturalização” de certos problemas e elementos negativos que foram ao longo do tempo atrelados a esse público, como, por exemplo, a rebeldia, a contestação e a agressividade. Nessa linha de pensamento, Dayrell e Carrano (2014, p. 107) reforçam que

Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a

juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la. É preciso dizer que muitos dos problemas que consideramos próprios dessa fase, não foram produzidos por jovens. Esses já existiam antes mesmo de o indivíduo chegar à idade da juventude.

Em outras palavras, por essa ótica, muitos dos problemas vividos nessa época da vida que antes eram entendidos como algo natural do jovem, do indivíduo, passam a ser analisados de uma forma mais ampla, considerando todo o coletivo social. Vale ressaltar que, apesar do aumento nas últimas décadas das produções literárias sobre essa forma de entender a juventude, notamos que, na prática, a pedagogia escolar, de um modo geral, até agora não se apropriou efetivamente dessa ideia, e permanece estigmatizando o jovem estudante como preguiçoso e desinteressado, por exemplo.

Falando da juventude ainda no âmbito da pedagogia escolar, Dayrell e Carrano (2014) enaltecem a participação ativa dos jovens no processo educativo, afirmando que ela potencializa os processos de aprendizagem. Segundo esses autores,

A dimensão educativa e formativa da participação pode propiciar aos jovens o desenvolvimento de habilidades discursivas, de convivência, de respeito às diferenças e à liderança, dentre outras capacidades relacionadas com o convívio na esfera pública. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 121)

Ao nosso ver, também nesse ponto a escola ainda tem muito a melhorar, podendo ampliar as oportunidades de atuação e de protagonismo dos jovens estudantes na instituição, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Quanto a isso, Melo, Souza e Dayrell (2012), reforçam a necessidade dos professores e da instituição escolar conhecerem melhor os jovens estudantes, compreendendo as suas demandas, os seus desejos e os seus anseios.

É válido salientar ainda que muitos autores que estudam a juventude sob o olhar da sociologia, reconhecem que ela não é um fenômeno experimentado de forma uniforme e homogênea por todos os jovens.

Nesse sentido, a juventude vai se constituir de acordo com a realidade sócio-histórica vivenciada pelo sujeito. Isso quer dizer que diferentes sociedades e diferentes grupos sociais constroem suas juventudes de maneira singular, assim a diversidade dessa fase

compreende classes sociais, etnias, valores, posições religiosas, espaços geográficos, gêneros e muitos outros. (MELO; SOUZA; DAYRELL, 2012, p. 164)

Tal apontamento feito pelos autores é pertinente ao professor que está lecionando, pois alerta para a desigualdade e a diversidade que pode existir entre os jovens estudantes. Muitas vezes isso não é percebido pelo docente e pela escola, e acaba levando prejuízos no convívio entre os envolvidos e, conseqüentemente, atrapalhando o processo de ensino e aprendizagem.

Em suma, a adolescência ou a juventude são muito complexas. Todavia, como educadores, é válido reconhecer e respeitar a complexidade desses fenômenos, buscando compreendê-los de uma forma multidisciplinar, que auxilia na comunicação adequada e no estabelecimento de práticas pedagógicas mais justas com os estudantes que estão vivendo esse período da vida no contexto escolar.

5 O TEMA DOS PADRÕES DE BELEZA CORPORAL COMO CONTEÚDO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Antes de começarmos a tratar dos aspectos inerentes a este capítulo, gostaríamos de fazer uma observação pertinente para o momento da presente dissertação. Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, um dos nossos objetivos específicos nesta pesquisa perpassou pela realização de uma intervenção didático-pedagógica abordando o tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física. Tal intervenção, vale reforçar, foi aplicada com estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) de forma articulada e integrada, que é o nível e a modalidade de ensino na qual o professor pesquisador leciona atualmente.

Reconhecemos que há características na EPTNM que a distingue do Ensino Médio propriamente dito. Todavia, não pretendemos adentrar nessa discussão, pois entendemos que a diferença existente entre essas duas modalidades de ensino não compromete os desígnios da nossa proposta de intervenção didático-pedagógica. Desse modo, os apontamentos que realizarmos daqui em diante com relação aos aspectos pedagógicos das aulas de Educação Física podem ser igualmente aplicáveis para ambas as modalidades. No entanto, a fim de simplificar e facilitar a leitura do texto, continuaremos mencionando apenas “Ensino Médio”, tendo em vista

que este nível possui maior amplitude no âmbito nacional. Feita essa observação, podemos prosseguir com o intuito do presente capítulo.

O que pretendemos discutir neste ponto do trabalho é a questão curricular da Educação Física escolar, pois, segundo Silva, Moreira e Oliveira (2020)

É muito importante termos claro que o momento escolar é um momento que deve ser rico em aprendizagens e experiências que possam ser significativas aos alunos, do contrário eles perdem o interesse pela escola e pela disciplina. Isso reforça nossa responsabilidade em selecionarmos e ensinarmos conhecimentos que sejam realmente valiosos para o processo formativo geral dos nossos alunos, pois só assim avançaremos em representatividade pedagógica.

Sendo assim, especificamente sobre a inserção do tema dos padrões de beleza corporal como um conteúdo contemporâneo nessa disciplina no Ensino Médio, a pergunta que consideramos pertinente fazer nesse momento é: com que respaldo os padrões de beleza corporal podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física do Ensino Médio? Isto posto, tentaremos responder a essa indagação recorrendo à BNCC (BRASIL, 2017), que é o documento oficial em vigência que trata do currículo nacional do Ensino Médio. O intuito é verificar em que medida ela corrobora com a abordagem de tal tema na Educação Física escolar.

Na BNCC (BRASIL, 2017), o tema dos padrões de beleza corporal aparece de forma explícita como uma das competências específicas da Educação Física, porém, para ser desenvolvida ainda no nível do Ensino Fundamental. Nesse caso, a competência específica consiste em

4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. (BRASIL, 2017, p. 223)

Com relação ao currículo do Ensino Médio, que é o nível educacional que nos interessa nessa pesquisa, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2017) estão organizadas por áreas do conhecimento, estando a Educação Física inserida na área de Linguagens e suas Tecnologias, junto à Língua Portuguesa, à Arte e à Língua Inglesa. A referida área, segundo a própria BNCC (BRASIL, 2017), propõe que os estudantes vivenciem experiências com práticas de linguagem situadas principalmente em cinco campos de atuação social: o campo da

vida pessoal; o campo das práticas de estudo e pesquisa; o campo jornalístico-midiático; o campo de atuação da vida pública; e o campo artístico. As experiências oferecidas na escola pela área de Linguagens e suas Tecnologias com práticas no campo da vida pessoal ganham destaque em nossa investigação sobre os padrões de beleza corporal, pois este campo

organiza-se de modo a possibilitar uma reflexão sobre as condições que cercam a vida contemporânea e a condição juvenil no Brasil e no mundo e sobre temas e questões que afetam os jovens. As vivências, experiências, análises críticas e aprendizagens propostas nesse campo podem se constituir como suporte para os processos de construção de identidade e de projetos de vida, por meio do mapeamento e do resgate de trajetórias, interesses, afinidades, antipatias, angústias, temores etc., que possibilitam uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si. (BRASIL, 2017, p. 488)

De igual forma, as práticas do campo jornalístico-midiático é ressaltada em nosso estudo, haja vista que ela

caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo. (BRASIL, 2017, p. 489)

Diante disso, entendemos que a prática de atividades pedagógicas sobre os padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física do Ensino Médio vai ao encontro das proposições de vivências de experiências situadas nesses dois campos de atuação social do jovem estudante.

Convém destacar também que três das sete competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias elencadas pela BNCC (BRASIL, 2017) são congruentes com o desenvolvimento do tema dos padrões de beleza no Ensino Médio (Quadro 1).

Quadro 1 - Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, segundo a BNCC

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO MÉDIO
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
5. Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Fonte: BRASIL (2017).

A competência específica número cinco e a número sete dessa área indicam ainda duas habilidades a serem alcançadas pelos estudantes do Ensino Médio que também merecem a nossa atenção nesse momento, pois estão relacionadas a aspectos concernentes à temática do nosso trabalho. Tratam-se das habilidades com os códigos alfanuméricos EM13LGG502 e EM13LGG702, cujos objetivos estão descritos no Quadro 2.

Quadro 2 - Habilidades a serem alcançadas pelos estudantes do Ensino Médio, segundo a BNCC

HABILIDADES
(EM13LGG502) - Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.
(EM13LGG702) - Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

Fonte: BRASIL (2017).

No tocante à Educação Física propriamente dita, este mesmo documento pressupõe que o conjunto de experiências oferecidas por ela no Ensino Médio deve, entre outros, desenvolver o autoconhecimento e a socialização, ampliando a

compreensão dos estudantes a respeito dos fenômenos das dinâmicas sociais relacionadas às práticas corporais (BRASIL, 2017).

Destarte, verificamos que a BNCC (BRASIL, 2017) não faz nenhuma menção direta ao termo padrões de beleza quando se refere ao currículo do Ensino Médio. Todavia, acreditamos que essas explanações que ela faz e que aqui foram apresentadas conferem a viabilidade da abordagem desse conteúdo nas aulas de Educação Física do nível de ensino em pauta.

Além da BNCC (BRASIL, 2017), há um outro documento que pode nos auxiliar neste momento do trabalho, pois, anteriormente a ela, também já havia estabelecido uma base curricular às redes de ensino brasileiras que oferecem o Ensino Médio. Trata-se da Resolução da Câmara de Educação Básica que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2012). As DCNEM (BRASIL, 2012) também integram a Educação Física junto à área de Linguagem e, igualmente, não se referem diretamente ao tema dos padrões de beleza como conteúdo desse componente curricular. No entanto, essas diretrizes apresentam, ao nosso ver, alguns pressupostos favoráveis para que a referida temática possa ser trabalhada com os jovens do Ensino Médio. O primeiro pressuposto que encontramos nesse documento está em seu Artigo 5º.

Art. 5º O Ensino Médio em todas as suas formas de oferta e organização, baseia-se em: [...] VIII – integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular. [...] § 4º A cultura é conceituada como o processo de produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. (BRASIL, 2012, p. 2)

Entendemos que a forma como o texto deste Artigo está redigido, principalmente com relação ao conceito de cultura, torna legítima a inserção do ensino do tema dos padrões de beleza nas aulas de Educação Física, uma vez que esses padrões, no meio social, é repleto de simbolismos atrelados a valores éticos e estéticos. Além dessa particularidade, os padrões de beleza veiculados pelas mídias publicitárias podem ser considerados ainda uma forma de linguagem contemporânea e, nesse sentido, as DCNEM (BRASIL, 2012) em seu Artigo 12 determinam que

Art. 12. O currículo do Ensino Médio deve: [...] III – organizar os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação de tal forma que ao final do Ensino Médio o estudante demonstre: [...] b) conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. (BRASIL, 2012, p. 4)

Portanto, diante do exposto, as DCNEM (BRASIL, 2012), na mesma linha da BNCC (BRASIL, 2017), confirmam a possibilidade de inserção da temática em foco nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Ou seja, mesmo se tratando de um conhecimento ainda pouco explorado pelas pesquisas na área da Educação Física escolar, verificamos que há respaldo nesses documentos oficiais para que o tema dos padrões de beleza corporal possa ser desenvolvido no currículo desse componente no nível do Ensino Médio.

6 METODOLOGIA

A escolha pelo método a ser utilizado em uma pesquisa não consiste numa tarefa trivial e, ao fazê-la, é imprescindível que deixemos explícitos os pormenores, tanto dessa escolha, quanto da trajetória que desejamos percorrer. Em nosso caso, iniciamos essa apresentação acurada do método de pesquisa aqui desenvolvido, tendo em vista a sua natureza de investigação. Desse modo, a realização de uma pesquisa aplicada foi uma opção viável para nós, haja vista o intuito prático que ela apresenta, além da especificidade do problema que nos dispomos a estudar.

Por outro lado, já levando em consideração a forma de abordagem do problema, justificamos a nossa escolha pela pesquisa qualitativa por este tipo de pesquisa considerar que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Outra característica marcante presente na pesquisa qualitativa e que nos levou a escolhê-la como método de abordagem investigativa, consiste no fato dela ter o seu foco principal no processo, potencializando a verificação de elementos existentes na realidade estudada (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Referindo-nos mais especificamente às técnicas procedimentais, optamos pela utilização da pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986, p. 14), consiste num tipo de

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Tendo em vista o aspecto pedagógico prático da problemática que decidimos explorar neste trabalho, entendemos que a nossa predileção por este tipo de pesquisa foi um caminho adequado, pois

[...] embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. (TRIPP, 2005, p. 447)

Tripp (2005) traz ainda uma categorização à pesquisa-ação, dividindo-a em três modalidades: a pesquisa-ação política, a pesquisa-ação técnica, e a pesquisa-ação prática; sendo esta última, a modalidade na qual o nosso trabalho foi inserido. De acordo com o mesmo autor, a pesquisa-ação prática possui a característica de possibilitar ao pesquisador decidir e projetar sobre os tipos de mudanças que serão feitas junto ao grupo pesquisado.

Assim, em educação, o pesquisador tem em mira contribuir para o desenvolvimento das crianças, o que significa que serão feitas mudanças para melhorar a aprendizagem e a auto-estima de seus alunos, para aumentar interesse, autonomia ou cooperação e assim por diante. (TRIPP, 2005, p. 457)

Também tratando da aplicação da pesquisa-ação na área da Educação, Thiollent (1986) destaca que ela promove a participação dos sujeitos escolares, gerando informações e conhecimentos de uso mais efetivo e, conseqüentemente, contribui para o esclarecimento das ocorrências minuciosas do ambiente escolar. Já no tocante ao uso desse tipo de pesquisa no âmbito da Educação Física, Rufino e Darido (2014, p. 249), igualmente, acreditam que ela “pode ser uma ferramenta oportuna de produção de conhecimento que seja aplicável na prática pelo professor de Educação Física na escola”.

Sendo assim, diante do que fora exposto e das particularidades do nosso objeto de estudo, o presente trabalho adotou como orientação metodológica uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, seguindo as

técnicas procedimentais da pesquisa-ação prática. Basicamente, a presente pesquisa contou com dois momentos investigativos distintos e independentes, ou seja, sem interferência direta de uma ação sobre a outra. Cronologicamente, no primeiro momento da pesquisa, contamos com a colaboração participativa de professores de Educação Física; enquanto que no segundo momento, dispomos da participação dos estudantes.

No que se refere aos docentes, convidamos os professores de Educação Física de quatro Institutos Federais da Região Sul do Brasil (IFPR, IFSC, IFC e IFRS) para colaborarem com o desenvolvimento deste trabalho¹². Após obtermos a autorização para a realização da pesquisa junto a esses quatro institutos (ANEXOS A, B, C e D), escrevemos, via e-mail, a cada uma das Diretorias de Ensino dos 72 (setenta e dois) Campi que integram essas instituições e que possuem cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Nesse contato com as Diretorias de Ensino, solicitamos o e-mail dos professores de Educação Física de cada um desses Campi e, ao todo, recebemos o endereço de 137 (cento e trinta e sete) docentes. Daí, então, encaminhamos o nosso questionário *online* (APÊNDICE A) para cada um desses professores, convidando-os a participarem voluntariamente do nosso estudo.

Desses 137 (cento e trinta e sete) docentes que receberam o nosso convite, 65 (sessenta e cinco) aceitaram participar da pesquisa respondendo ao questionário que encaminhamos a eles. O nosso intuito com relação à aplicação desse questionário foi descobrir se a referida temática estava sendo abordada pelos professores dessas instituições, com que frequência, e de que maneira isso vinha acontecendo. Em suma, almejamos reconhecer as práticas atuais desses profissionais relativas ao ensino do tema dos padrões de beleza corporal. Frisamos novamente que tal investigação com esses professores não gerou qualquer influência sobre o outro momento deste trabalho, realizado com os estudantes.

Especificamente para a análise das questões abertas do formulário, utilizamo-nos do *software* de análise de dados textuais Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*; versão 0.7 alpha 2) (RATINAUD, 2009), hospedado no ambiente R (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2015; versão 3.2.2). Por meio dele, obtivemos uma Classificação Hierárquica

¹² Inicialmente, contactamos os seis Institutos Federais que pertencem à Região Sul do Brasil. Porém, obtivemos apenas a autorização para a realização da pesquisa dos quatro Institutos Federais mencionados no texto.

Descendente (CHD)¹³ para cada uma das questões abertas, a fim de identificar e discutir as classes (categorias) temáticas formadas pelos textos das respostas dos docentes participantes.

Já com relação ao segundo momento da pesquisa, tivemos como participantes 80 (oitenta) estudantes igualmente divididos em duas turmas (Turma A e Turma B), de dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Câmpus Canoinhas do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). A escolha por esta instituição se deu pelo fato de tal Campus se constituir no local de atuação profissional do pesquisador.

Com esses participantes, tratamos de realizar uma intervenção direta com eles, aplicando uma proposta de ensino sobre a referida temática junto às duas turmas selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa. Tal intervenção direta com os estudantes se fez no período de cinco semanas consecutivas, durante dez aulas de Educação Física das duas turmas eleitas. Entendemos que uma intervenção com essa quantidade de aulas seria suficiente para tratar do assunto durante um ano letivo. Além disso, acreditamos que planejar as atividades com um número maior de aulas poderia afetar o trabalho com os demais conteúdos do componente curricular, prejudicando a possibilidade de uma distribuição proporcional de todos os assuntos que precisam ser abordados nas aulas de Educação Física, conforme sugerem Silva, Moreira e Oliveira (2020).

Cada aula teve o tempo de 55 (cinquenta e cinco) minutos e aconteceram, semanalmente, unidas de duas em duas, perfazendo, portanto, uma hora e 50 (cinquenta) minutos seguidos para cada encontro, que corresponde à carga horária semanal desta unidade curricular para cada um dos cursos.

Os tópicos das ações que foram desenvolvidas durante a intervenção pedagógica em cada uma das turmas estão descritas sucintamente a seguir no Quadro 3, conforme cada um dos encontros.

¹³ No processamento de dados de um corpus pelo método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) proposto por Reinert (1990), os segmentos de texto e seus vocabulários são agrupados por correlação de semelhança, criando um esquema hierárquico de classes de vocabulário que possibilita ao pesquisador identificar e compreender grupos de discursos que estão contidos no conjunto de textos em análise.

Quadro 3 - Tópicos das ações pedagógicas desenvolvidas nos encontros semanais com cada uma das turmas

AULAS	TÓPICO DE AÇÃO PEDAGÓGICA
Aula 1 e 2	Os conceitos de corpo e de beleza: investigação sobre os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito do que vem a ser corpo e beleza, e posterior apresentação dos seus conceitos a partir das visões sociológica e filosófica, respectivamente.
Aula 3 e 4	As características do belo nas pessoas: identificação de traços físicos considerados bonitos pelos estudantes, seguida da verificação do predomínio ou não na indicação de determinados atributos físicos (formação de padrões).
Aulas 5 e 6	A beleza e a mídia: discussão sobre os interesses e a influência das mais diversas mídias na formação dos padrões de beleza.
Aulas 7 e 8	Os padrões de beleza e a autoimagem: reconhecimento dos efeitos prejudiciais que os padrões de beleza podem gerar sobre a autoimagem do público jovem.
Aulas 9 e 10	Avaliação sobre o tema: considerações finais e produção textual e artística a respeito da influência dos padrões de beleza no indivíduo e na sociedade, considerando os estudos feitos nas aulas anteriores sobre o tema.

Fonte: autoria própria.

As atividades pedagógicas selecionadas para serem ministradas nessa proposta didática foram elaboradas a partir da experiência anterior do professor pesquisador em lecionar a referida temática de ensino. Em consonância com os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, as devidas correções do percurso pedagógico previamente traçado, quando necessárias, foram realizadas com a colaboração efetiva dos estudantes participantes.

A coleta dos dados desta etapa da investigação se fez por meio de um relato discursivo de cada um dos encontros da proposta de intervenção didático-pedagógica. A principal técnica utilizada para a obtenção desses dados foi a construção de diários de campo, considerando, novamente, tanto as ações participativas dos estudantes, quanto as do pesquisador (THIOLLENT, 1986).

Com o intuito de discutir as informações obtidas com a referida intervenção, cuidamos de realizar a análise dos dados, por meio da Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (2016, p. 44), consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Mais especificamente, utilizamos a técnica de análise

categorial, que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2016, p. 201).

Por fim, convém informar que a presente pesquisa foi registrada junto ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o número 53499421.0.0000.0104 de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), e obteve aprovação para a sua realização conforme o parecer consubstanciado número 5.284.975. Outrossim, todos os participantes concordaram em participar da pesquisa, assinando os seus respectivos termos de consentimento (APÊNDICES B, C e D).

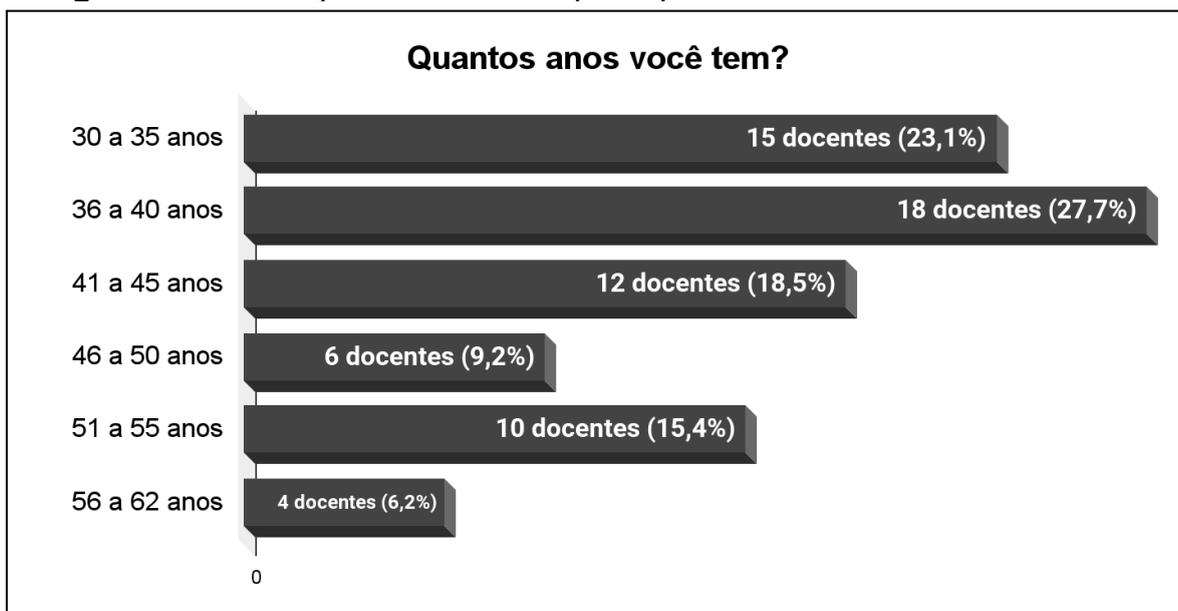
7 O QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES

O intuito da aplicação deste questionário foi verificar o cenário atual do ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física de quatro Institutos Federais da Região Sul do Brasil: IFPR, IFSC, IFC e IFRS. Portanto, pretendemos apresentar a seguir algumas características da abordagem dessa temática na atuação dos 65 (sessenta e cinco) profissionais que aceitaram participar da pesquisa.

7.1 Caracterização dos docentes participantes

Antes de apresentarmos a forma como os 65 (sessenta e cinco) docentes participantes lidam com o tema dos padrões de beleza corporal em suas aulas, cuidaremos de compartilhar algumas características desses profissionais, iniciando pela faixa etária (Figura 1). Percebemos nesses dados da Figura 1 que 69,3% dos docentes participantes estão numa faixa etária entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade. Outra informação que destacamos com relação à idade dos participantes diz respeito ao professor mais jovem, que tem 30 (trinta) anos. Entendemos que a justificativa para depararmos com uma idade mínima razoavelmente alta (trinta anos), deva-se ao fato dos Institutos Federais possuírem em seus quadros de professores um número alto de profissionais com titulação acadêmica de mestre e de doutor, o que implicaria mais tempo de estudos para esses docentes até eles ingressarem nessa rede federal de ensino.

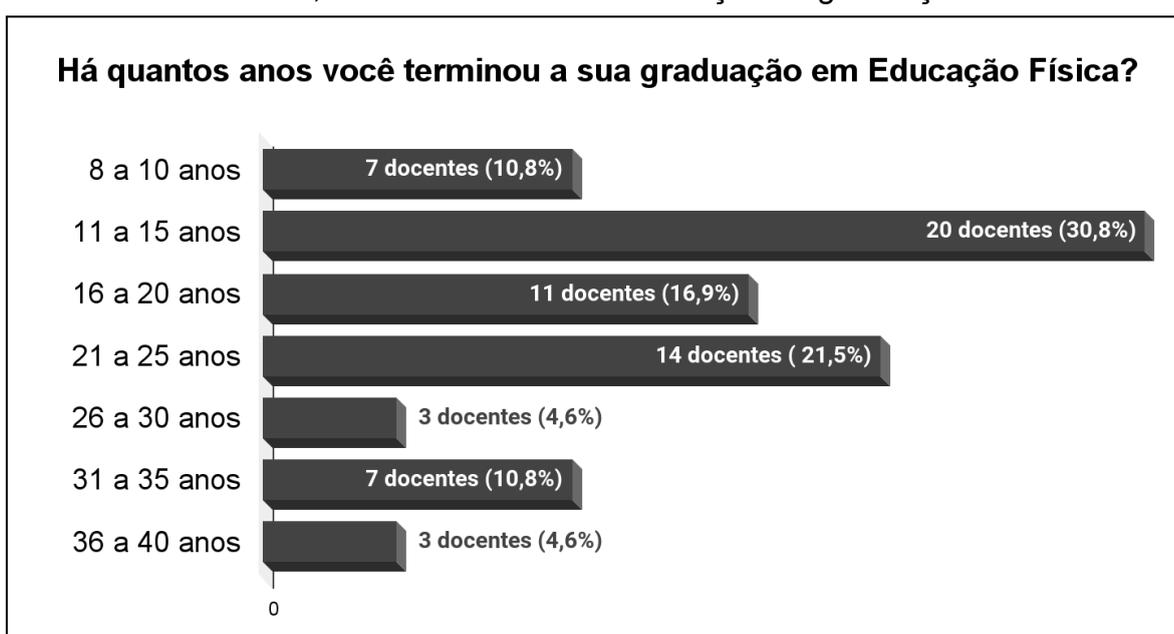
Figura 1 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com a faixa etária



Fonte: autoria própria.

Outra característica desses professores participantes está apresentada na Figura 2, e refere-se ao tempo decorrido desde o término da graduação desses docentes. Pelo observável na Figura 2, a maior concentração de professores (69,2%) está entre 11 (onze) e 25 (vinte e cinco) anos de término da graduação em Educação Física.

Figura 2 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com o tempo, em anos, decorridos desde a finalização da graduação

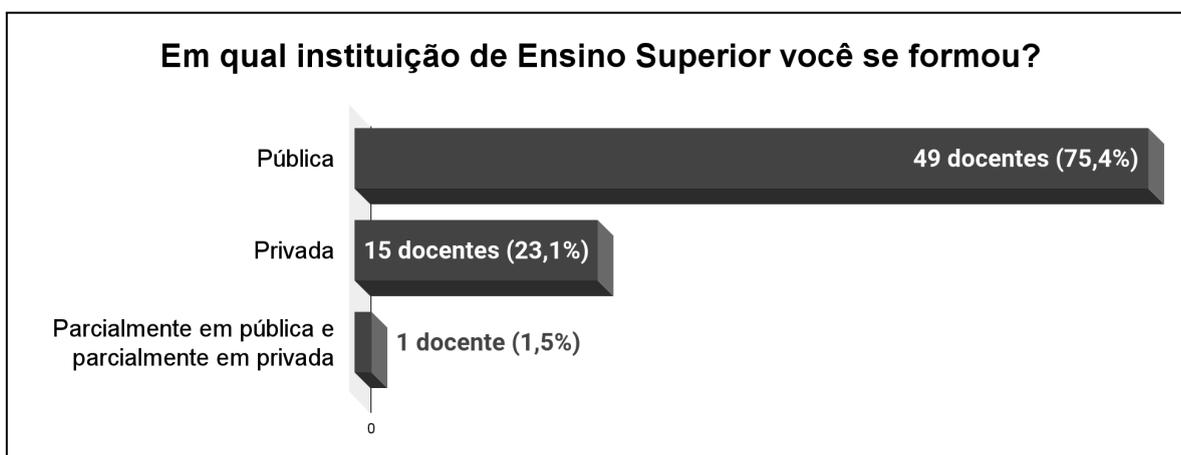


Fonte: autoria própria.

Poderia se presumir que o tempo de finalização da formação inicial dos professores pudesse influenciar a abordagem do tema dos padrões de beleza em suas aulas. Isto é, por se tratar de uma temática relativamente recente na Educação Física, seria de certa forma compreensível que os professores com maior tempo de formados não abordassem tal tema junto aos seus estudantes. No entanto, não verificamos essa relação entre os nossos participantes, pois apenas um docente com mais de 25 (vinte e cinco) anos de formado relatou não trabalhar os padrões de beleza corporal em suas aulas.

Conforme os dados coletados junto ao questionário que aplicamos, identificamos ainda que a maioria dos professores participantes (75,4%) são oriundos de instituições públicas de ensino superior. Tal informação está representada na Figura 3.

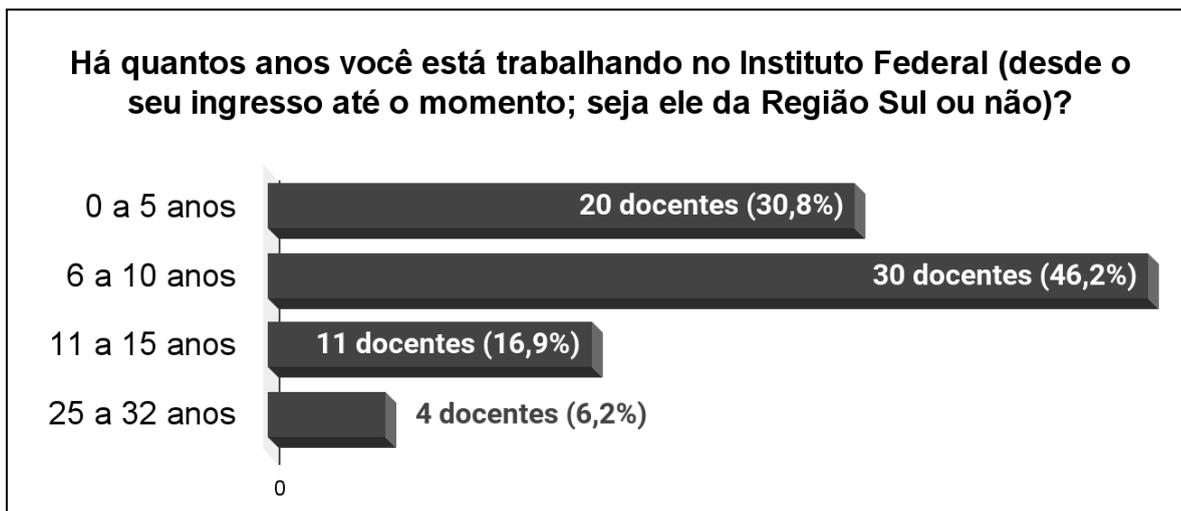
Figura 3 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com a instituição de formação na graduação



Fonte: autoria própria.

Por fim, outra informação que obtivemos sobre os professores que colaboraram com a nossa pesquisa diz respeito ao tempo de atuação na rede dos Institutos Federais. Conforme a Figura 4, o tempo entre seis e dez anos é o que prevalece entre os docentes participantes (46,2%) no que se refere ao tempo de ingresso na rede. A explicação mais provável para a verificação dessa prevalência, talvez seja a expansão e a ampliação do número de Campi ocorrida na rede federal durante esse período, exigindo, assim, a contratação de mais professores.

Figura 4 - Distribuição dos docentes participantes de acordo com o tempo de ingresso nos Institutos Federais



Fonte: autoria própria.

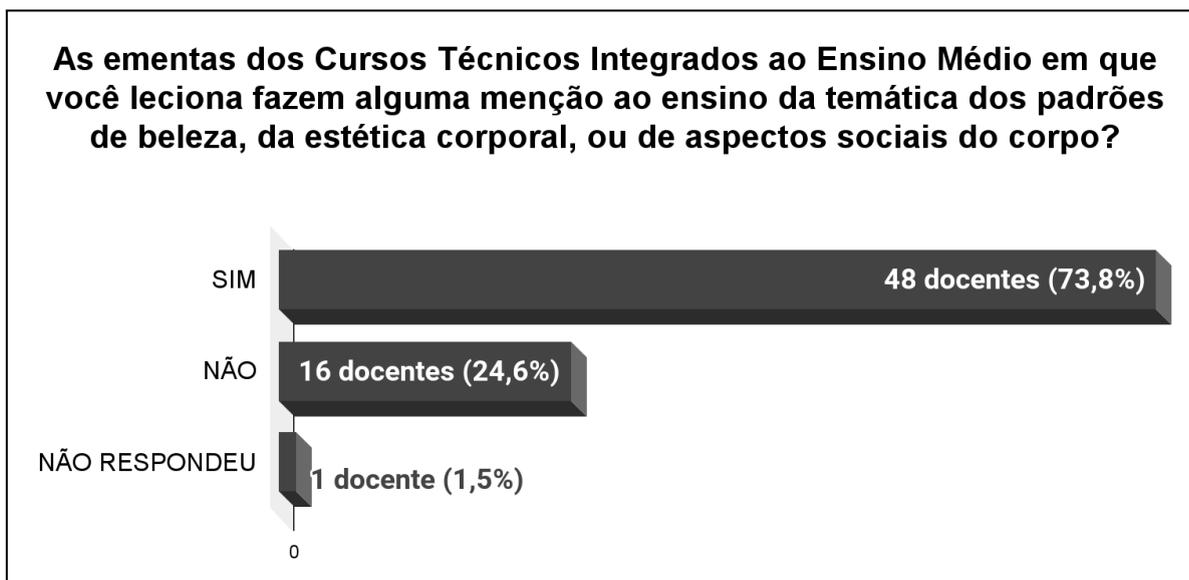
Feita essa breve caracterização dos docentes participantes da presente pesquisa, cuidemos, então, de analisar o quão presente se faz o tema dos padrões de beleza na lida pedagógica desses profissionais.

7.2 O tema dos padrões de beleza corporal nos Institutos Federais

Perguntamos aos professores dos quatro Institutos Federais investigados se a ementa dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio que eles lecionam faziam alguma menção ao ensino da temática dos padrões de beleza, da estética corporal, ou até mesmo de aspectos sociais do corpo. Ainda que essas ementas sejam bastante diversificadas entre elas, notamos, conforme a Figura 4, que na maioria delas (73,8%) o tema desta pesquisa está presente, possibilitando, assim, a sua abordagem nas aulas desses cursos.

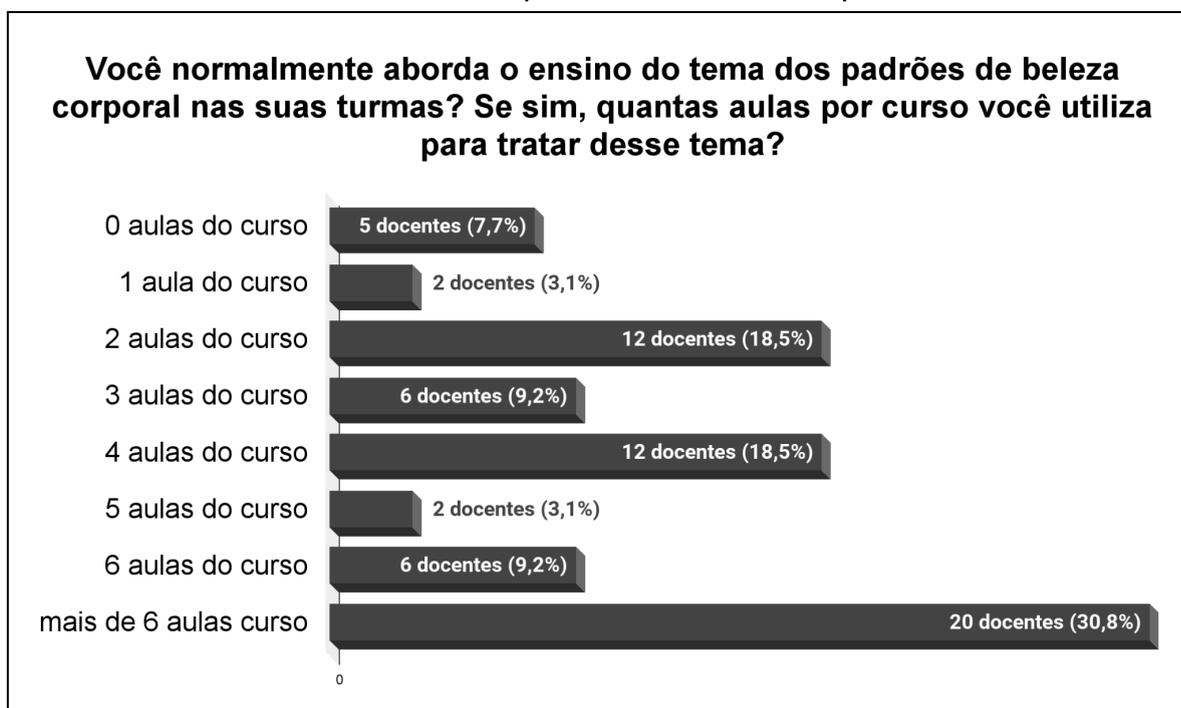
Indagamos também os professores se eles abordavam o tema dos padrões de beleza corporal e quantas aulas eles utilizavam para trabalhar esta temática. Feita esta pergunta, obtivemos o resultado apresentado na Figura 6.

Figura 5 - O tema dos padrões de beleza corporal nas ementas dos cursos técnicos integrados aos Ensino Médio



Fonte: autoria própria.

Figura 6 - Número de aulas utilizadas pelos docentes participantes para trabalhar com o tema dos padrões de beleza corporal



Fonte: autoria própria.

Cinco docentes responderam não abordar o tema em nenhuma aula, sendo que dois deles não possuíam em suas ementas de curso a indicação para o desenvolvimento desse conteúdo; algo que, possivelmente, justifique a não abordagem. Já os outros três professores, afirmaram em outro momento do

questionário que consideraram pertinente trabalhar com os padrões de beleza corporal no Ensino Médio. Contudo, alegaram não desenvolver o tema pelos seguintes motivos: carga horária de aula reduzida; preferência pelas atividades práticas; complexidade do tema, necessitando maior embasamento para trabalhá-lo.

Por outro lado, se somarmos a porcentagem de professores que afirmaram trabalhar com o tema dos padrões de beleza corporal durante quatro aulas ou mais, chegaremos a 61,6% dos entrevistados; um valor expressivo para esta quantidade de aulas. Como geralmente as ementas dos cursos não especificam o número de aulas que deve ser destinado para cada tema de ensino, acreditamos que a abordagem dos padrões de beleza pelo tempo de quatro aulas ou mais se justifique por uma opção particular de planejamento desses professores. De qualquer forma, esse dado revela, portanto, que o assunto dos padrões de beleza corporal está bastante presente na vida profissional desses docentes dos Institutos Federais investigados.

7.3 Pertinências, dificuldades e facilidades para lidar com o ensino do tema

Para analisar as respostas que os professores participantes deram com relação às pertinências, às dificuldades e às facilidades em lidar com o tema dos padrões de beleza corporal, recorreremos ao *software* de análise de dados textuais Iramuteq (RATINAUD, 2009). Sendo assim, criamos três corpus, o Corpus 1, O Corpus 2 e o Corpus 3, reunindo, respectivamente, as respostas de todos os professores para as questões abertas número 14, 12 e 13 do questionário aplicado a eles (APÊNDICE A).

O Corpus 1 foi composto de 60 textos, representando os 60 professores que responderam à questão 14 sobre a pertinência ou não de ensinar o tema dos padrões de beleza junto aos estudantes do Ensino Médio. O Corpus 1 totalizou 2.081 ocorrências¹⁴, com uma divisão em 77 segmentos de texto, tendo uma média de 27 formas¹⁵ por segmento de texto. Para a obtenção da CHD¹⁶ 1 (Figura 7), foram aproveitados 77,92% do total de segmentos de textos do referido corpus.

A Figura 7 apresenta o dendograma das cinco classes de segmentos de textos obtidas a partir do Corpus 1, com a descrição das palavras cujos escores de

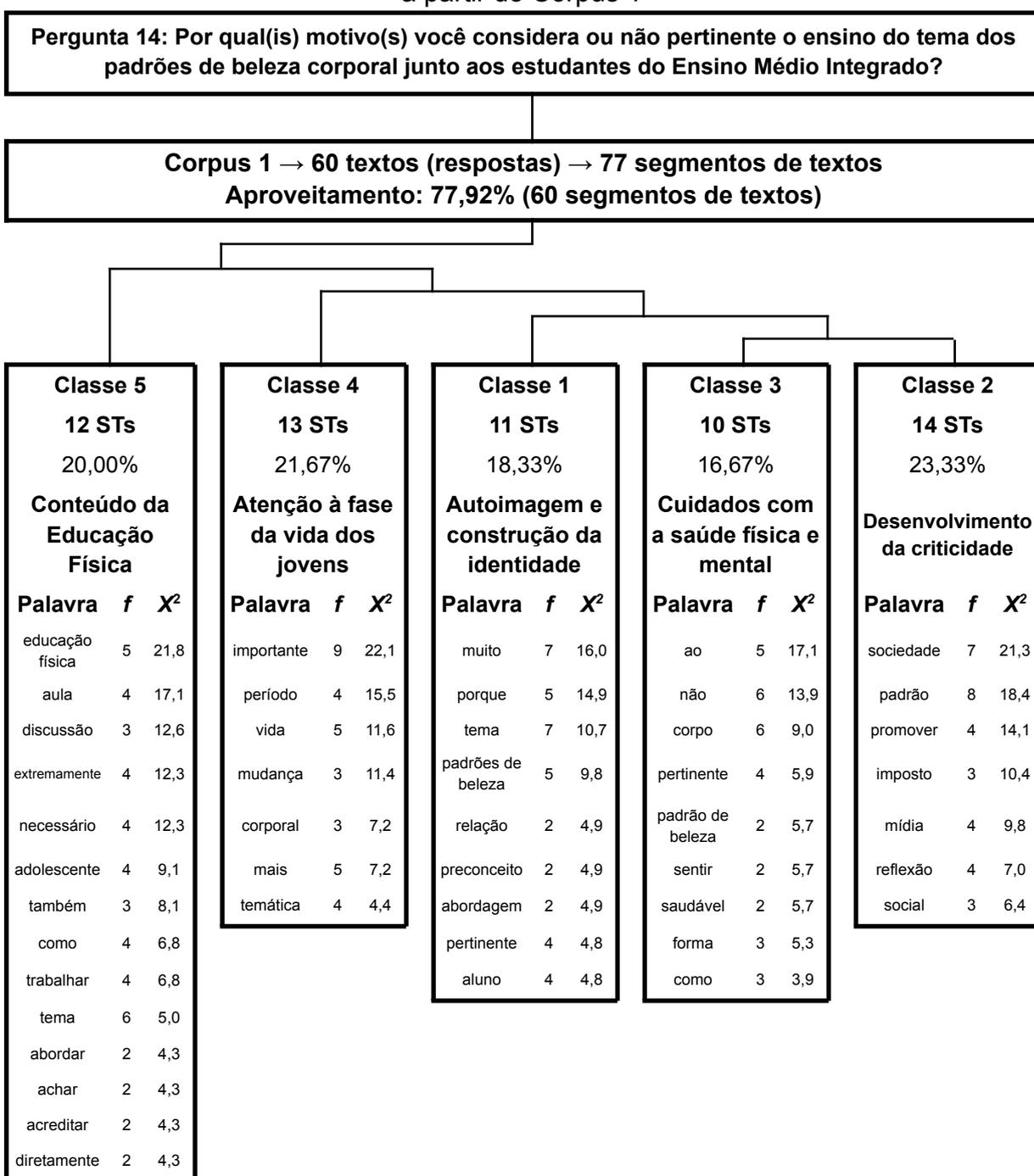
¹⁴ Ocorrência = número total de palavras.

¹⁵ Forma = número de palavras com radicais diferentes.

¹⁶ CHD = Classificação Hierárquica Descendente.

qui-quadrado foram significativos ($X^2 \geq 3,84$; $p < 0,05$)¹⁷. No mesmo dendograma são apresentadas as frequências (f) com que cada palavra apareceu dentro da respectiva classe.

Figura 7 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 1 (CHD 1) obtida a partir do Corpus 1



(STs = segmentos de textos; f = frequência; X^2 = qui-quadrado)

Fonte: autoria própria.

¹⁷ O mesmo critério estatístico será utilizado para a descrição das palavras nos próximos dendogramas que serão apresentados.

Conforme o dendograma da Figura 7, inicialmente o Corpus 1 foi dividido em dois subcorpora: de um lado o da Classe 5, e de outro os das Classes 1, 2, 3 e 4. Em seguida, a Classe 4 recebeu uma nova subdivisão, ficando ela de um lado e as Classes 1, 2 e 3 do outro. Num terceiro momento, uma outra subdivisão foi realizada pelo *software*, colocando a Classe 1 de um lado e as Classes 2 e 3 de outro. Por fim, uma última subdivisão foi efetuada, deixando as Classes 2 e 3 uma de cada lado. Vale destacar que tais subdivisões são realizadas pelo Iramuteq (RATINAUD, 2009) considerando a correlação que cada uma dessas classes possui entre elas (quanto mais próximas, mais semelhantes). A nomeação e a apresentação pormenorizada dos conteúdos das referidas classes serão descritas a seguir. Antes, recordamos apenas que, neste caso, as classes representam os diferentes motivos pelos quais os professores consideraram pertinente trabalhar o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio¹⁸.

A Classe 5, contendo 20% dos segmentos de textos considerados no Corpus 1, foi nomeada de “Conteúdo da Educação Física”, pois reuniu justificativas dos professores que apontaram a pertinência do ensino de tal temática ao fato dele se constituir como um conteúdo relacionado ao corpo e que, portanto, é um objeto de estudo próprio desse componente curricular, devendo ser abordado em suas aulas. Esse posicionamento fica explícito na seguinte fala de uma das professoras participantes.

*Acho extremamente pertinente, pois adolescentes enfrentam muitas dificuldades relacionadas aos padrões de beleza vigentes e desmistificar e conversar sobre isso com eles é dever, principalmente de uma área como a Educação Física, que lida diretamente com o corpo das pessoas*¹⁹. (Professora 20²⁰).

A Classe 4 recebeu o nome de “Atenção à fase da vida dos jovens” e conteve 21,67% dos segmentos de textos. Nela, os professores relataram ser pertinente a

¹⁸ A critério de registro, informamos que houve unanimidade entre os professores participantes em considerar pertinente a abordagem do tema junto aos estudantes do Ensino Médio; apenas os motivos alegados é que variaram.

¹⁹ A fala dos participantes desta pesquisa, tanto dos professores quanto dos estudantes, serão destacadas em itálico, a fim de não serem confundidas com as citações diretas com mais de três linhas.

²⁰ Com o intuito de preservar a real identidade dos professores, esses participantes foram distinguidos numericamente, de acordo com a ordem que as suas falas apareceram na análise de cada corpus processado pelo Iramuteq (RATINAUD, 2009).

abordagem do tema em função do período vivido pelos estudantes do Ensino Médio, ou seja, a adolescência e a juventude, que são repletas de transformações das mais variadas ordens. A fala do Professor 9 exemplifica tal justificativa.

Por se tratar de uma problemática intrínseca à cultura dos estudantes, que faz parte do cotidiano dos mesmos, além de estarem vivendo mudanças corporais significativas, trabalhar com a temática proporciona um maior significado e contribui para compreenderem tais mudanças. Por esta razão, torna-se um conhecimento pertinente para o Ensino Médio Integrado. (Professor 9).

Já a Classe 1, com 18,33% dos segmentos de textos aproveitados no Corpus 1, reuniu apontamentos dos professores sobre a percepção dos estudantes para com a autoimagem e como isso acaba sendo relevante para esses jovens na formação da identidade deles, além da possível propagação de preconceitos em relação aos corpos que não se enquadram no padrão de beleza vigente. Por essa razão, tal classe foi denominada de “Autoimagem e construção da identidade” e está ilustrada na resposta do Professora 16.

Considero pertinente o ensino do tema dos padrões de beleza corporal junto aos estudantes do Ensino Médio Integrado porque os estudantes estão em uma idade em que a percepção de imagem corporal (particular e externa) interfere e muito na construção de sua identidade e na gestão de emoções. (Professora 16).

Quanto à Classe 3, denominada de “Cuidados com a saúde física e mental” (16,67% dos segmentos de textos), revela que os docentes entendem ser pertinente lidar com o tema dos padrões de beleza, uma vez que os estudantes poderão entender melhor e valorizar a diversidade de corpos existentes no cotidiano, não havendo a necessidade de prejudicar a própria saúde para se obter os corpos veiculados pela mídia que, muitas vezes, não são possíveis de serem atingidos na realidade sem o uso de recursos tecnológicos, por exemplo. A fala da Professora 12 exprime bem essa classe de justificativas.

Considero pertinente, para que o aluno ao conhecer o próprio corpo, em sua forma e biotipo, aprenda a amar e cuidar daquele corpo, incentivando-o ao melhor que ele pode ser, e não desejando o corpo de outro com o biotipo completamente diferente do dele. Fato que acarretará em frustração e possíveis desordens de caráter sócio-afetivo-emocional. (Professora 12).

A última classe do presente corpus analisado, a Classe 2, foi composta por 23,33% dos segmentos de textos e recebeu o nome de “Desenvolvimento da criticidade”. Tal classe indica que os professores entendem que é relevante estimular os estudantes a refletirem criticamente sobre os padrões de beleza que são expostos nos meios de comunicação, identificando, principalmente, os interesses que estão envolvidos nessa veiculação de imagens. A pertinência, nesse caso, segundo os docentes, seria, portanto, promover a autonomia dos jovens perante a imposição dos ideais de beleza que a mídia costuma impor na sociedade.

Para formar sujeitos que possam agir autonomamente na sociedade e não apenas reagir adaptando-se aos padrões impostos através da mídia e da sociedade de consumo. (Professor 33).

Tendo evidenciado os motivos pelos quais os professores consideraram pertinente abordar o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio, passamos agora para a verificação e compartilhamento das dificuldades e das facilidades que esses mesmos docentes apontaram possuir no ensino do referido assunto.

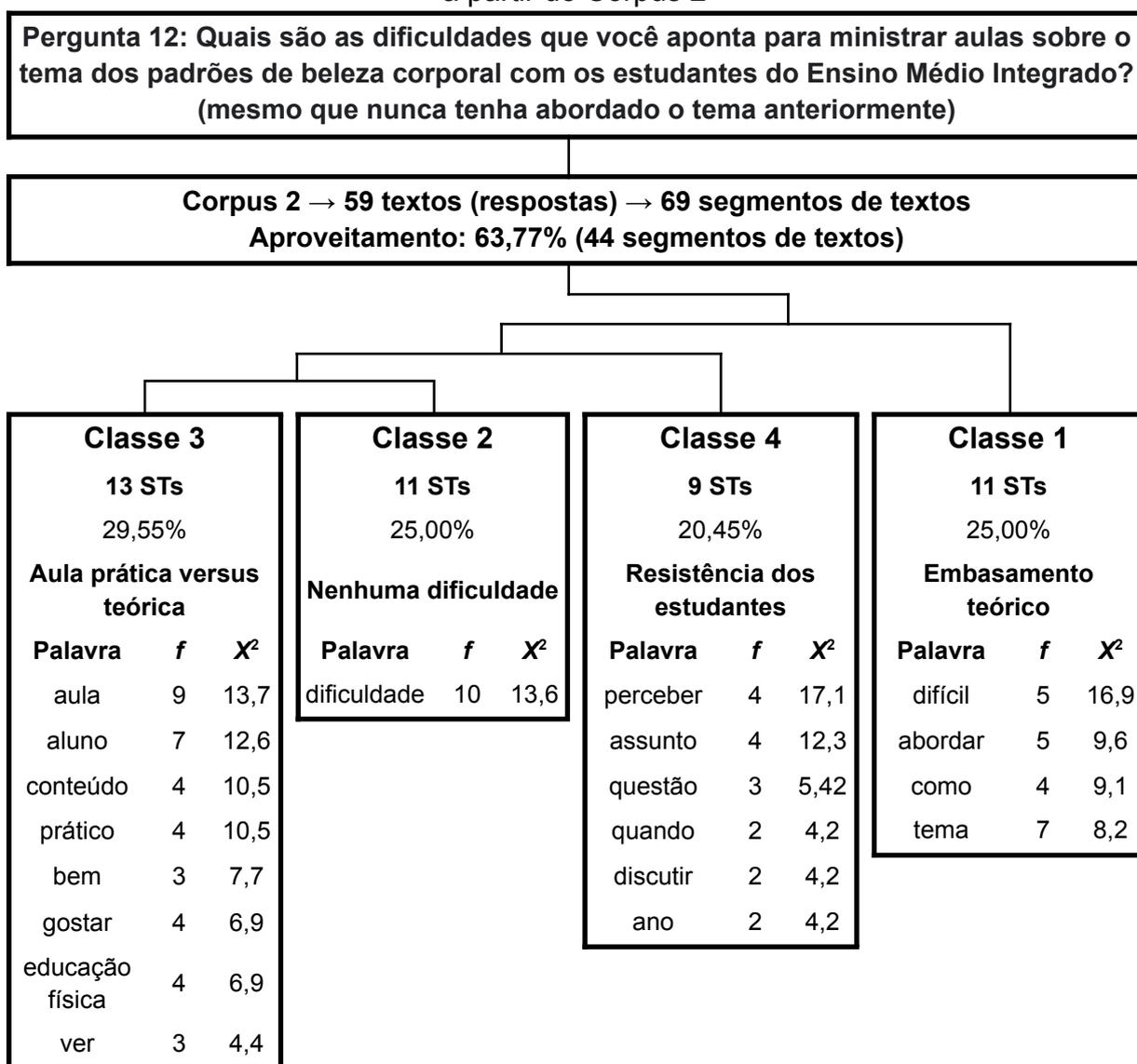
Começando pelas dificuldades, criamos o Corpus 2, que foi constituído por 59 textos, dividiu-se em 69 segmentos de texto e totalizou 1.358 ocorrências, perfazendo, assim, uma média de 19,7 formas por segmento de texto. Na obtenção da CHD 2, o aproveitamento foi de 63,77% do total de segmentos de textos do Corpus 2, que gerou quatro classes de segmentos de textos, ilustradas na Figura 8. A mesma Figura 8 apresenta também as subdivisões que essas quatro classes sofreram na utilização do *software*, revelando, assim, o nível de correlação entre elas.

A Classe 1, “Embasamento teórico”, reuniu 25% dos segmentos de textos considerados na análise do Corpus 2. Nestes segmentos, os professores afirmaram em suas respostas que carecem de conhecimento teórico específico para ministrar aulas com o tema dos padrões de beleza corporal, sendo esta, portanto, uma das dificuldades apontadas pelos docentes participantes para lidar com o referido conteúdo. Dois exemplos dessa classe podem ser verificados nas respostas dadas pelas Professoras 4 e 39.

Embasamento teórico suficiente; sempre fico em dúvida de como abordar. (Professora 39).

Além disso, um material orientador das questões problema ou pontos-chaves a discutir seria interessante. (Professora 4).

Figura 8 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 2 (CHD 2) obtida a partir do Corpus 2



(STs = segmentos de textos; f = frequência; X² = qui-quadrado)

Fonte: autoria própria.

Na Classe 4, com 20,45% dos segmentos de textos aproveitados no Corpus 2, a dificuldade apontada pelos professores foi com relação ao receio dos estudantes em abordar o tema e, por isso, recebeu o nome de “Resistência dos estudantes”. De acordo com esta classe de respostas dos docentes, os jovens não gostam de discutir este tema de forma aberta e coletiva, ou seja, em aula, pois normalmente isso gera muita exposição para eles. A fala dos Professores 27 e 37 sintetizam perfeitamente essa classe de respostas.

Percebo uma resistência de tratar do assunto, os estudantes se esquivam bastante da participação das discussões. (Professor 27).

Dificuldade de entendimento por parte dos estudantes e tabus que eles trazem. (Professor 37).

O nome atribuído à Classe 3 foi “Aula prática versus teórica” e conteve 29,55% dos segmentos de textos considerados do Corpus 2. Nesse caso, a dificuldade mencionada pelos professores consistiu em administrar a baixa carga horária do componente curricular no Ensino Médio. Segundo as respostas contidas nesta classe, os docentes, na tentativa de atender a preferência dos estudantes, geralmente priorizam a abordagem dos conteúdos essencialmente práticos em detrimento dos temas mais teóricos. Tal posicionamento fica evidenciado nas respostas dos Professores 5 e 21.

Tema complexo para poucas aulas. Nossa carga horária é bem pequena frente a demanda de conteúdos. Priorizamos as atividades práticas. (Professor 21).

Outra dificuldade que aponto é a baixa carga horária de aula no ensino médio integrado, que não permite desenvolver o tema de forma mais dialógica com os alunos, afinal há necessidade de tratar todos os conteúdos no decorrer do curso. (Professor 5).

Ainda com relação às dificuldades sinalizadas pelos professores para lidar com o tema dos padrões de beleza corporal, houve ainda aqueles que disseram não percebê-las. Tais afirmativas foram classificadas na Classe 2 da CHD 2 e, por esse motivo, recebeu o nome de “Nenhuma dificuldade” (25% dos segmentos de textos).

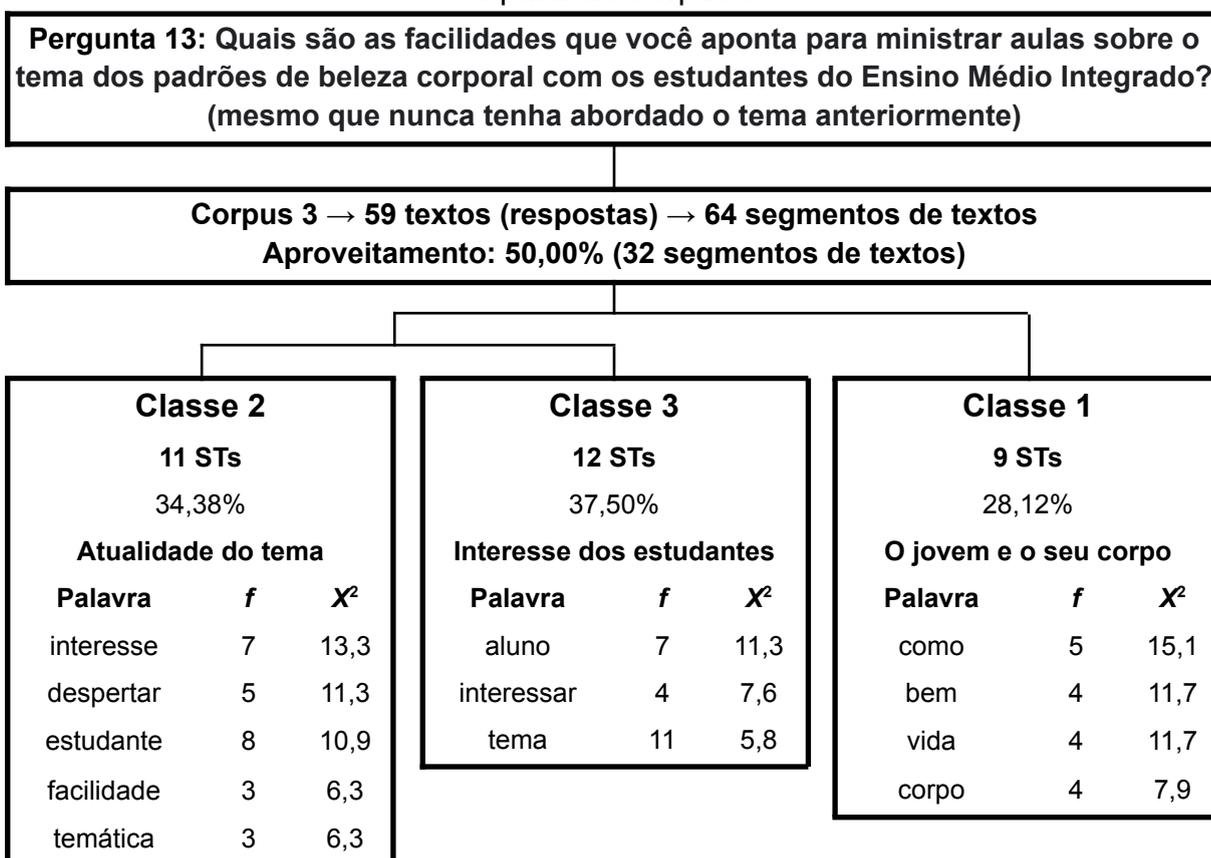
Não sinto dificuldades em trabalhar com a temática. (Professor 45).

Não encontro dificuldade. (Professor 51).

Conforme mencionamos, além das dificuldades, perguntamos também aos professores quais seriam as facilidades que eles apontavam para ministrar as aulas sobre o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio. A partir das respostas desses participantes da pesquisa, criamos o Corpus 3, que foi composto por 59 textos e que se repartiram em 64 segmentos de texto. O Corpus 3 apresentou 1.387 ocorrências, com a média de 21,7 formas por segmento. A constituição da CHD 3 teve o aproveitamento de 50% dos segmentos de texto

considerados na análise do referido corpus. A Figura 9 ilustra o dendograma da CHD 3 e as suas subdivisões em 3 classes.

Figura 9 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 3 (CHD 3) obtida a partir do Corpus 3



(STs = segmentos de textos; *f* = frequência; X^2 = qui-quadrado)

Fonte: autoria própria.

A Classe 1 da CHD 3, com 28,12% dos segmentos de texto, recebeu o nome de “O jovem e o seu corpo”. Nela, os professores relataram ser fácil abordar o tema dos padrões de beleza corporal haja vista a percepção e a relação que os estudantes estabelecem com o próprio corpo, considerando, principalmente, a fase da vida em que se encontram (adolescência/juventude). Trata-se, em geral, de uma relação intensa, podendo se dar tanto de uma forma positiva, quanto de uma forma negativa. Um exemplo de resposta pertencente à Classe 1 foi a dada pelo Professor 4.

Na adolescência, o corpo ainda está em formação, bem como, sua leitura de mundo e percepção do seu lugar. Além disso, é um momento de grande dúvidas sobre tudo, e em especial, sobre o corpo, uma vez que, somos bombardeados pelas redes sociais e

seus filtros. Desta forma, tudo isso facilita a abordagem sobre o tema, eles/as estão sedentos para discutir e refletir. (Professor 4).

Já a Classe 3 foi denominada de “Interesse dos estudantes”, pois reuniu segmentos de textos (37,50%) em que os professores justificaram ser fácil ministrar o tema dos padrões de beleza em virtude de tal temática chamar a atenção dos discentes. Segundo esses professores, este conteúdo é muito próximo do cotidiano vivido por esses jovens.

Os alunos costumam se interessar por este assunto. Sempre tem [sic] exemplos e apontamentos pertinentes ao tema. (Professora 32).

Tema que gera atenção e motivação na participação dos alunos em sala. (Professor 46).

Por fim, a Classe 2, “Atualidade do tema”, com 34,38% dos segmentos de texto aproveitados no Corpus 3, trouxe respostas dos docentes afirmando que os padrões de beleza corporal se caracterizam como um tema atual e, por esse motivo, seria fácil de ministrá-lo junto aos estudantes do Ensino Médio.

Acho um tema atual e que os estudantes iriam demonstrar interesse em desenvolver. (Professora 41).

A facilidade é que é um tema que desperta um certo interesse dos alunos, além de ser um tema atual. (Professor 37).

Após elencarmos as pertinências, as dificuldades e as facilidades que os professores relataram possuir para ministrar o tema dos padrões de beleza corporal, no próximo item vamos expor as principais metodologias e estratégias de ensino utilizadas por esses participantes quando lidam pedagogicamente com a referida temática.

7.4 Metodologias e estratégias de ensino da temática

Outra indagação que fizemos aos professores participantes da pesquisa foi quais metodologias e estratégias de ensino eles utilizavam para trabalhar com o tema dos padrões de beleza corporal (questão 11 do APÊNDICE A). Para utilizar o Iramuteq (RATINAUD, 2009) na análise das respostas desses docentes a esta pergunta, criamos o Corpus 4. Este corpus foi composto por 60 textos que gerou 105

segmentos de texto. O mesmo Corpus 4 totalizou 3.230 ocorrências, com uma média de 30,8 formas por segmento de texto.

A Figura 10 representa o dendograma da CHD 4 com as suas 4 classes, geradas a partir do processamento do Corpus 4 pelo *software* mencionado. O aproveitamento na CHD 4 foi de 78,10% dos segmentos de texto considerados no Corpus 4.

A Classe 1 da CHD 4 reuniu segmentos de textos (23,17%) de respostas que os professores relataram trabalhar o assunto dos padrões de beleza corporal de forma transversal a outros conteúdos da Educação Física e, por esse motivo, recebeu essa denominação de “Transversalidade”. Esses docentes disseram que, geralmente, não abordam o tema diretamente, mas, sim, concomitantemente aos esportes e aos jogos, por exemplo, quando a oportunidade se faz presente.

Não dou aulas específicas sobre o tema, mas, abordo-o de maneira transversal ao longo de diversos conteúdos e aulas. (Professor 53).

Abordo o tema em alguns momentos específicos, por exemplo, quando falo da História do Atletismo e dos Jogos Olímpicos, que falamos da Grécia Antiga. Falamos das práticas corporais dos gregos, e dá margem para falar da temática. Além disso, falo quando discuto questões sobre gênero e o futebol, inclusive temos alguns artigos muito interessantes que discutem a situação numa perspectiva histórica. (Professor 17).

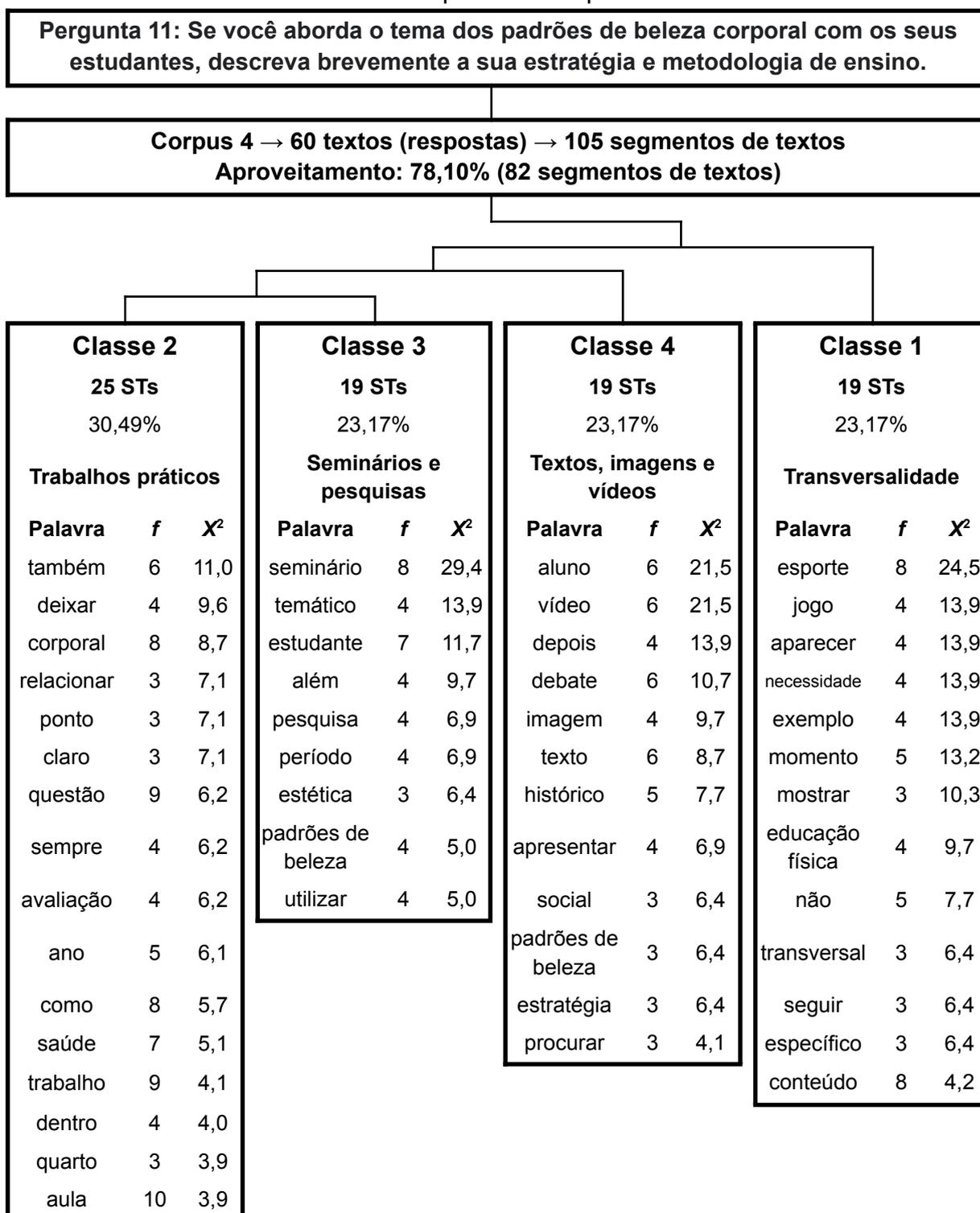
Outros professores, classificados na Classe 4, nomeada de “Textos, imagens e vídeos”, afirmaram utilizar esses recursos para ministrar aulas expositivas sobre o tema dos padrões de beleza corporal. Com 23,17% dos segmentos de texto considerados no Corpus 4, a Classe 4 também preconizou, como estratégia de ensino, a realização de debates com os estudantes numa perspectiva histórica e sociológica. As falas do Professor 38 e da Professora 27 exemplificam esta classe de metodologia de ensino.

Minha estratégia é ministrar uma aula expositiva que aborda o corpo como uma construção cultural, com a leitura de um texto e slides. Depois a proposta é apresentar um debate sobre o tema com os alunos. (Professor 38).

Aula expositiva com aspectos históricos, sociais, financeiros, relação com a saúde, procedimentos estéticos e do mundo fitness para alcançar tais corpos. Apresentação de imagens e vídeos, além de

reflexões sobre os padrões estéticos corporais atuais e a relação com nossas vidas de forma direta. (Professora 27).

Figura 10 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente 4 (CHD 4) obtida a partir do Corpus 4



(STs = segmentos de textos; f = frequência; X² = qui-quadrado)

Fonte: autoria própria.

Na Classe 3 do dendograma, a metodologia de ensino utilizada pelos professores foi a realização de “Seminários e pesquisas” para abordar pedagogicamente o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio. Essa classe conteve 23,17% dos segmentos de texto considerados no Corpus 4. Os Professores 46 e 49, em suas respostas, explicitam esta classe de estratégia de ensino.

Utilizamos um seminário temático em que tratamos de diferentes temas relacionados ao corpo e sociedade, entre os quais, o tema: corpo e beleza/estética. (Professor 46).

Os estudantes realizam uma pesquisa de campo em academias e investigam por meio de questionários e entrevistas, o assunto em questão. (Professor 49).

Encerrando a CHD 4, a Classe 2, com o título de "Trabalhos práticos", agrupou segmentos de texto (30,49%) em que os professores mencionaram lecionar o tema dos padrões de beleza corporal por meio da realização de diversas atividades dinâmicas, inclusive nas formas de avaliar a temática que está sendo ministrada.

Sempre sugiro uma parte prática sobre o tema. Eu deixo eles usarem a criatividade, mas quando me perguntam, eu oriento sugerindo possibilidades que vão desde desfiles, cartazes, dinâmicas onde são enfatizados questões como norma, diferença, respeito entre outros. (Professor 5).

Como avaliação, neste ano propus a criação de um trabalho artístico (desenho, pintura, colagem, escultura) que represente as marcas que a cultura deixa sobre os corpos. (Professor 1).

Sendo assim, a exposição de mais essas classes de respostas, encerra a nossa apresentação dos resultados que obtivemos com a aplicação do questionário junto aos professores de Educação Física dos Institutos Federais que participaram da presente pesquisa. A partir desses resultados, conseguimos ter uma razoável noção de como o tema dos padrões de beleza corporal vem sendo trabalhado por esses profissionais da educação. A partir do próximo item, começaremos a compartilhar e a discutir a parte da pesquisa que envolve os estudantes do Ensino Médio, ou seja, a parte relacionada à intervenção didático-pedagógica com esses participantes.

8 A INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA COM OS ESTUDANTES

Reiteramos que os dados da intervenção didático-pedagógica desenvolvida junto às duas turmas selecionadas foram obtidos a partir da construção de diários de campo, aula por aula, atentando tanto para as ações participativas dos estudantes, quanto para as ações do professor pesquisador, conforme sugere Thiollent (1986). Pautados nesses diários, cuidamos de apresentar descritivamente, a seguir, as ações que desenvolvemos com os estudantes durante a nossa intervenção didático-pedagógica, considerando, para isso, cada um dos tópicos constantes no Quadro 3²¹.

O método de ensino utilizado nas atividades ministradas, de certa forma, tentou se aproximar dos cinco passos (prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse, e prática social final) da Pedagogia Histórico-Crítica descrita por Gasparin e Petenucci (2014). Segundo os referidos autores, este

[...] método de ensino visa estimular a atividade e a iniciativa do professor; favorecer o diálogo dos alunos entre si e com o professor, sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levar em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (GASPARIN; PETENUCCI, 2014, p. 4)

Convém destacar que neste momento do trabalho ainda não realizamos nenhuma análise ou discussão dessas ações; tratamos de fazer isso no próximo capítulo, ao final dessa etapa de descrição das atividades aplicadas. Portanto, compartilhamos na sequência os dados que obtivemos com a nossa intervenção, de acordo com cada tópico de ensino proposto²².

8.1 Os conceitos de corpo e de beleza (aulas 1 e 2)

No primeiro encontro com os estudantes, tratamos inicialmente de abordar de forma conceitual os termos corpo e beleza. Para tanto, nessas duas aulas iniciais,

²¹ Faz-se oportuno mencionar que, durante as intervenções, as ações programadas para os três primeiros tópicos não foram finalizadas em seus respectivos encontros semanais em virtude do tempo de aula. Desse modo, cada uma dessas ações programadas foi encerrada no minutos iniciais do encontro semanal seguinte. Consideramos relevante explicitar esse fato, porém não iremos discuti-lo aqui, uma vez que privilegiamos a análise do conteúdo dessas ações desenvolvidas.

²² Ainda que as aulas tenham sido ministradas em momentos distintos para as duas turmas, com o intuito de tornar a leitura do trabalho mais compreensível, realizamos a apresentação e a análise das intervenções com as duas turmas de forma conjunta.

aplicamos quatro atividades pedagógicas com o intuito de apurar a compreensão prévia que os estudantes possuíam acerca desses dois termos. Além dessa investigação, cuidamos também de delimitar e explanar junto aos discentes quais conceitos de corpo e de beleza seriam mais pertinentes para utilizarmos em nossa unidade didática.

Desse modo, partindo do conceito de corpo, na atividade introdutória o professor pesquisador cuidou logo de identificar qual seria o conhecimento prévio dos estudantes a respeito desse fenômeno. Assim, aproveitando o potencial pedagógico das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), o docente recorreu à ferramenta *online* gratuita chamada “Mentimeter”, um instrumento utilizável pelo site <menti.com>, que permite a formação de uma nuvem de palavras após os usuários inserirem as suas respostas a uma determinada pergunta.

Em nosso caso, o professor pesquisador perguntou aos seus estudantes: “para você, o que é corpo?”. A partir desta questão, os discentes acessaram o referido site pelos seus celulares e responderam anonimamente a pergunta feita, gerando, assim, as nuvens de palavras apresentadas nas Figuras 11 e 12.

Figura 11 - Nuvem de palavras gerada pelos estudantes da Turma A ao responderem a pergunta: para você, o que é corpo?



Fonte: autoria própria.

Com o intuito de firmar uma reflexão entre os estudantes, o docente solicitou que eles se posicionassem e argumentassem sobre a seguinte questão: nós somos ou temos um corpo? O propósito desta atividade foi, de certa forma, invocar nos estudantes a atenção para a dualidade corpo/alma, corpo/espírito, que é uma perspectiva histórica de interpretar o corpo.

Inicialmente, a questão gerou enorme alvoroço nas duas turmas, revelando o quão intrigante esta indagação é e, conseqüentemente, o quanto ela foi capaz de dividir a opinião dos estudantes. Durante esse momento de posicionamento dos estudantes, surgiram diversos argumentos de destaque. Para uma estudante da Turma A, somos um corpo porque nascemos, e temos um corpo porque conseguimos modificá-lo. Outra estudante da mesma turma justificou que seríamos um corpo pois além da matéria, também temos sentimentos e personalidade. Os estudantes da Turma B também se manifestaram intensamente nessa dinâmica proposta.

Eu acho que nós temos, porque se nós pensarmos pelo lado religioso, nós somos um espírito [...]. (Thais; Turma B).

Eu penso que a gente é uma máquina, no momento em que a máquina para de funcionar, acaba. (Bruno; Turma B).

Mesmo as duas turmas não tendo chegado a um consenso a respeito do questionamento feito no debate - e nem pretendíamos que isso acontecesse - pudemos observar pelas falas dos estudantes que o intuito de despertá-los para a referida visão de dualidade foi alcançado.

Na terceira atividade proposta neste encontro, de forma semelhante ao que aconteceu com o conceito de corpo, os estudantes foram levados pelo professor pesquisador a expressarem previamente o que era beleza para eles. Dessa vez, a estratégia utilizada foi solicitar que os estudantes se dividissem em grupos de aproximadamente cinco integrantes para discutirem e elaborarem, num período de 15 (quinze) minutos, um conceito do que é beleza. O professor incentivou-os que elaborassem um conceito próprio, todavia, permitiu também que eles utilizassem os celulares e a Internet para realizar a atividade proposta. Também ficou livre para os discentes, após a elaboração, redigirem ou não o conceito formulado por cada grupo.

Findado o tempo estipulado para a realização da ação sugerida e com os estudantes já dispostos em círculo na sala de aula, aconteceu um compartilhamento coletivo sobre o conceito de beleza que cada grupo tratou de elaborar. Durante este compartilhamento, um grupo relativizou e enalteceu que a beleza seria algo atrelado à cultura e aos períodos históricos.

Por exemplo, no século XV, XVI, as mulheres tiravam as sobrancelhas e o começo do cabelo para ficarem mais femininas porque era considerado o belo e, hoje em dia, não é mais o padrão. (Lara; Grupo 1; Turma A).

Outros grupos associaram a beleza a valores morais positivos presentes no caráter e na personalidade de cada um.

Beleza não é só o que a pessoa é fisicamente, mas os sentimentos dela. (Paula; Grupo 3; Turma A).

Existe a beleza interior e a exterior. (Vanessa; Grupo 5; Turma B).

Também houve grupos que destacaram em suas definições a propriedade de agradabilidade aos sentidos que a beleza possui.

A beleza é algo que agrada os olhos e que pode ser agradável. (Amanda; Grupo 4; Turma A).

Beleza é tudo aquilo que é atrativo [...], que é esteticamente atrativo. (Bruno; Grupo 2; Turma B).

Beleza é algo significativo e, em sua maioria, agradável a algum dos nossos sentidos. (Luísa; Grupo 4; Turma B).

Contudo, vários grupos mencionaram em suas explanações sobre o aspecto subjetivo da beleza, ou seja, do quanto ela seria particular às preferências e aos gostos de cada um.

Cada um tem a sua opinião sobre o que é beleza. (Bianca; Grupo 1; Turma A).

Cada um tem o seu conceito de beleza; não tem como definir um padrão. (Luciana; Grupo 3; Turma A).

O que é bonito para mim, pode não ser para outro. (Leandro; Grupo 1; Turma B).

Convém registrar que já nesta atividade, ainda que não fosse o propósito da presente ação, os estudantes começaram a se manifestar acerca das suas preocupações com os julgamentos em torno da aparência física deles mesmos. Eles reconheceram o quão suscetíveis são perante a esses julgamentos e reportaram sobre os riscos que a comparação constante entre eles pode acarretar à saúde mental dos jovens.

O ponto principal é que cada um precisa se autoconhecer e isso talvez leve a preconceito, porque cada pessoa é diferente da outra e às vezes a gente faz comparação com as outras pessoas [...] alguns ainda estão nesse processo de se autoconhecer [...] é melhor a gente não falar sobre a aparência dessa pessoa porque isso pode causar bastante problema; e se a pessoa ainda está em fase de aceitação, isso é ainda mais complicado. (Thaís; Grupo 2; Turma B).

Destarte, continuando a verificação em torno do conhecimento que os estudantes já possuíam sobre o conceito de beleza, o professor apresentou a quarta atividade do encontro, que consistiu num debate sobre o seguinte questionamento: a beleza está nos corpos em si, ou nos olhos de quem os contempla? O docente propôs que os estudantes fossem para um determinado lado da sala (direito ou esquerdo), conforme a sua opção particular de resposta à pergunta feita nesta atividade. Também foi sugerido que se houvesse alguns indecisos sobre o questionamento, poderiam ficar no centro da sala e, igualmente, participar do debate.

Após essa proposta de divisão, os estudantes se posicionaram na sala de aula de acordo com as suas convicções para começar o debate entre os grupos formados. Notou-se, nas duas turmas, um considerável predomínio de estudantes que entendiam que a beleza está nos olhos de quem contempla os corpos. Porém, esse predomínio numérico não se refletiu em tranquilidade argumentativa durante o debate que, pelo contrário, aconteceu de forma bastante acalorada, necessitando que o professor interviesse várias vezes a fim de torná-lo mais organizado. A divergência foi tão intensa nesse momento da aula nas duas turmas, que se tornou quase impossível o registro de participação dos estudantes. Não obstante, destacamos a seguir algumas falas dos estudantes durante este debate.

Eu acredito que a beleza está no corpo ou no objeto [...] como você vai ver algo assim que não tem uma imagem para você definir que

isso aqui é belo...tipo assim...um significado [...] uma característica?
Vanessa; Turma B).

Pode ser que a coisa tenha beleza, você só não achou essa beleza ainda [...] uma pessoa não achar alguma coisa bonita, não é que essa beleza não exista, ela só não captou a beleza. (Daniel; Turma B).

O intuito de realizar esta ação consistiu em introduzir didaticamente, aos estudantes, as diferentes formas de perceber o fenômeno do belo conceitualmente. Assim, aqueles que entendiam que a beleza estaria nos corpos em si, alinhavam-se à concepção filosófica clássica de beleza; enquanto que aqueles que percebiam-na como algo que estaria nos olhos de quem contempla os corpos, equiparavam-se à perspectiva conceitual dos filósofos da modernidade.

Na sequência da aula, o professor tratou de explanar os conceitos de corpo e de beleza que foram eleitos como condizentes com a abordagem desta unidade de ensino. Diante da pluralidade conceitual que o corpo e a beleza apresentam, foi necessário estabelecer e deixar claro aos estudantes quais seriam as respectivas concepções que iriam servir de referência para trabalhar a compreensão da temática dos padrões de beleza corporal nos próximos encontros da disciplina.

Começando pela conceituação de corpo, conforme já mencionado no referencial teórico, a interpretação sociológica é a que mais se adequa ao propósito educacional do presente trabalho, pois considera o contexto cultural em sua análise. Sendo assim, o professor recorreu a esta área de conhecimento para transmitir aos estudantes a visão de corpo que seria relevante que os jovens assimilassem naquele momento. Nesse intento, o docente explicou verbalmente que o corpo não deveria ser concebido como algo definitivo, mas sim como resultado de uma construção social e que está permeado por simbolismos diversos que são compartilhados pelos membros de uma mesma comunidade (LE BRETON, 2007). Da mesma forma, ainda nessa etapa explanatória do trabalho, o professor frisou sobre o fato do corpo, segundo a visão sociológica, desempenhar função relevante sobre a constituição da identidade de cada um.

Já no caso da beleza, o professor iniciou explicando aos estudantes que ela se trata de um objeto de estudo historicamente investigado pela filosofia e que, portanto, seria esta área de conhecimento que iria referenciá-los em sua conceituação. Em seguida, o professor pesquisador apresentou aos estudantes o vídeo “A beleza está no corpo ou no olhar?” do professor Clóvis de Barros Filho,

publicado pelo canal da Casa do Saber na plataforma de vídeos do YouTube²⁵. No referido vídeo, com cerca de quatro minutos de duração, o professor Clóvis discorre de maneira bem simples e didática sobre como os filósofos clássicos examinavam a beleza a partir do objeto em si, e como, distintamente, os filósofos da modernidade analisavam-na focando no observador e nas reações nele causadas. Ou seja, tratou-se, com esta ação, de expor a diferença de ótica que esses filósofos tiveram ao longo da história perante a compreensão do fenômeno do belo.

Feito este breve preâmbulo, o professor pesquisador firmou conceitualmente de forma oral junto aos discentes que a beleza é decorrente de diferentes teorizações que consideram ora fatores morais, ora fatores sensoriais; que ela possui a marcante característica de ser subjetiva, apesar da sua ampla concordância social; que a beleza é algo mutável ao longo do tempo; e que, por fim, é fortemente submetida ao contexto cultural em que ela está sendo observada (SANTANA, 2015).

8.2 As características do belo nas pessoas (aulas 3 e 4)

O nosso intuito nesse segundo encontro com os estudantes consistiu em identificar as características de beleza corporal percebidas pelos estudantes e, conseqüentemente, verificar a possível constituição de padrões entre eles a partir dessa identificação. Buscamos refletir também com os estudantes sobre como e porque, em geral, os padrões de beleza se formam socialmente. Para atingirmos tais propósitos, desenvolvemos e aplicamos com os estudantes três atividades pedagógicas que serão descritas a seguir.

Na atividade inicial do presente tópico de ensino, tal como na aula anterior, o professor solicitou aos estudantes que novamente utilizassem o site <[menti.com](https://www.menti.com)> para responder outra questão e, assim, obter outra nuvem de palavras. Desta vez, a pergunta feita aos estudantes para responder por meio dos seus celulares foi: quais atributos ou traços físicos eu considero bonito nas pessoas? O professor explicou aos estudantes que cada um deles poderia inserir três respostas, e que os devidos atributos ou traços físicos deveriam vir acompanhados de uma qualidade apreciada por eles; por exemplo: cabelos curtos, olhos pretos, boca grande, etc.

Ao executarem esta etapa da atividade, alguns estudantes não se atentaram para a inclusão da qualidade específica dos atributos físicos que eles apreciavam,

²⁵ Link de acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOvIN_wQles&t=2s>

gerando, portanto, o primeiro empecilho desta atividade. Ou seja, as nuvens de palavras que se formaram ficaram repletas de atributos (cabelos, olhos, pele, etc.), porém sem tantas qualidades para esses atributos elencados por eles. Conseqüentemente, isso acabou dificultando a identificação por completo das características corporais de beleza que cada uma das turmas preferia.

Todavia, vale registrar que, mesmo diante desse entrave, o termo “sorriso bonito” foi uma das expressões que mais se destacaram entre as duas turmas na realização desta atividade; algo que foi comentado posteriormente pelos estudantes, no decorrer da ação.

Não pode ser banguela [...] Aquele sorriso colgate. (Vitor; Turma A).

Na régua e bem branquinho. (André; Turma A).

Esses comentários surgiram na sequência da atividade relatada, quando iniciamos uma roda de conversa com os estudantes, a fim de discutirmos as nuvens de palavras formadas em cada turma. Para tanto, contamos com o auxílio de um pequeno roteiro de perguntas pré-elaborado pelo professor. Tal roteiro mencionado dispunha das seguintes questões: qual atributo apareceu mais? Qual característica desse atributo foi mais frequente? Qual atributo apareceu menos? Quais outras observações vocês fazem sobre os resultados? As quatro questões relatadas visavam refletir sobre a predominância ou não de preferências entre os estudantes acerca de determinados atributos físicos e suas qualidades.

Compartilhamos a seguir algumas outras reações dos estudantes registradas nesse momento da atividade sobre algumas características discutidas.

Eu prefiro alto, pois dois baixinhos assim fica meio... (Flávia; Turma A).

Se for baixa e loira, é pra casar [...] professor, você já viu alguma loira feia? (André; Turma A).

Não tem como definir [...] um olho atraente, ele é diferente, tem os cílios maiores, mais aberto [...]. (Thaís; Turma B).

Este momento didático de reflexão sobre os resultados das nuvens de palavras também ficou prejudicado, haja vista que os estudantes se dispersaram excessivamente nessa discussão. Mesmo notando que os discentes estavam conversando sobre o assunto, isso se deu de forma desorganizada, com todos

falando simultaneamente. O professor, prevendo que tal situação pudesse acontecer, chegou a dar previamente, nas duas turmas, alguns minutos livres para os estudantes terem contato e se familiarizarem com as nuvens de palavras logo quando elas se formaram na aula.

Porém, tal estratégia não se mostrou eficiente, pois os discentes continuaram conversando de forma agitada após este período de contato, ou seja, durante a condução do roteiro de perguntas. Desse modo, o professor precisou realizar constantes intervenções solicitando que os jovens respeitassem a fala de cada colega para que a roda de conversa se fizesse mais organizada; algo que eles acataram repetidas vezes, no entanto, apenas por breves instantes, retomando novamente a conversação geral logo em seguida.

Diante desses empecilhos, na atividade inicial desse tópico não conseguimos identificar claramente se havia ou não o predomínio de preferência, em cada uma das turmas, sobre determinadas características corporais. A constatação dessa preferência só foi possível de ser verificada na segunda atividade proposta durante o encontro, quando o professor solicitou aos participantes de cada turma que buscassem pelo celular a imagem de uma pessoa que eles consideravam bonita, fosse ela famosa ou não.

Logo em seguida, o docente orientou que os estudantes observassem cinco características corporais dessa pessoa que eles elegeram como bonita (estrutura corporal, cor da pele, cor e textura dos cabelos, e cor dos olhos). Feita essa observação, os discentes deveriam registrar essas características da pessoa diretamente no computador do professor, numa das linhas da planilha ilustrada na Figura 13.

Para o preenchimento da coluna da estrutura corporal, o professor projetou na sala de aula algumas figuras de referência para cada uma das opções listadas (abaixo do peso, normal e sobrepeso/obeso); porém, permitiu que os estudantes fizessem a escolha de acordo com as suas próprias percepções individuais. De forma semelhante, para o preenchimento da coluna referente à textura do cabelo, o docente compartilhou com os estudantes uma imagem para auxiliá-los na escolha e registro da opção que mais se aproximasse da percepção individual de cada um. Nesse caso, a imagem exemplificava uma variação gradual de textura de cabelos,

começando da opção 1, uma textura mais lisa, indo até a opção 4, a opção de textura mais crespa²⁶.

Figura 13 - Planilha de preenchimento das características físicas de uma pessoa bonita para os estudantes

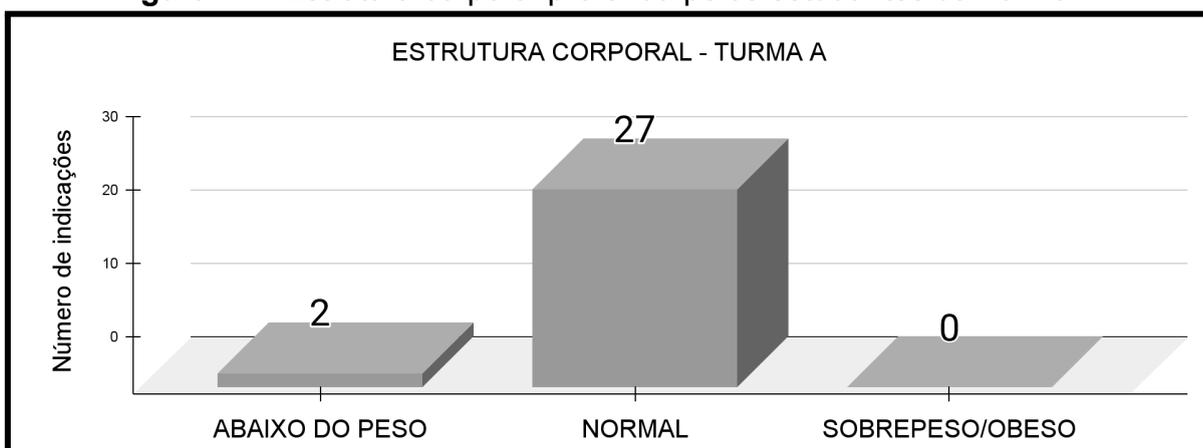
ATRIBUTOS FÍSICOS	ESTRUTURA CORPORAL	COR DA PELE (IBGE)	COR DO CABELO	TEXTURA DO CABELO	COR DOS OLHOS
OPÇÕES	Abaixo do peso Normal Sobrepeso/Obeso	Branca Preta Parda Amarela Indígena	Loira Preta Castanha Outra	Textura 1 Textura 2 Textura 3 Textura 4	Clara Preta
Estudante 1					
Estudante 2					
Estudante 3					
Estudante 4					
Estudante 5					
Estudante 6					
Estudante 7					
Estudante 8					
Estudante 9					
Estudante 10					

Fonte: autoria própria.

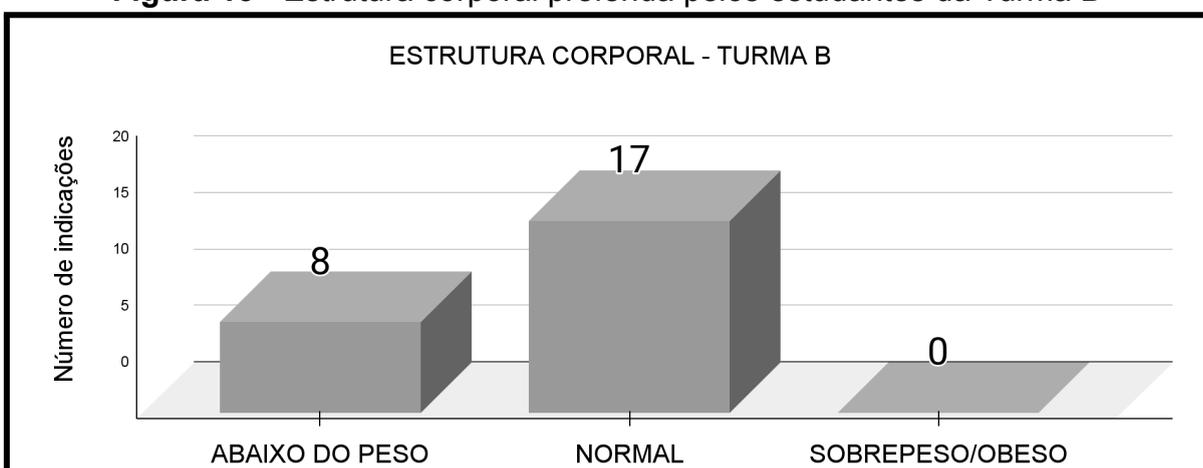
Após o preenchimento dos estudantes, o professor gerou um gráfico para cada uma das colunas de atributos físicos elencados na planilha, considerando a frequência das opções registradas pelos discentes. Dessa forma, ficou mais fácil de verificar o predomínio ou não de preferência por algumas características corporais. Vale dizer que esta ação foi realizada separadamente para cada uma das turmas, possibilitando que os resultados obtidos fossem discutidos dentro do contexto de cada sala. De um modo geral, durante esta etapa de discussão dos gráficos com as turmas, a estrutura corporal e a cor da pele das pessoas consideradas bonitas pelos estudantes ganharam destaque, uma vez que foram os atributos físicos que mais concentraram a mesma opção de escolha feita pelos estudantes.

No caso da estrutura corporal, o predomínio de preferência indicado pelos estudantes foi a opção “normal”, seguida pela opção “abaixo do peso”. Em nenhuma das duas turmas houve o registro da opção “sobrepeso/obeso”, conforme ilustram as Figura 14 e 15.

²⁶ Adaptação do sistema de classificação proposto pelo *hairstylist* André Walker (<https://en.wikipedia.org/wiki/Andre_Walker_Hair_Typing_System>).

Figura 14 - Estrutura corporal preferida pelos estudantes da Turma A

Fonte: autoria própria.

Figura 15 - Estrutura corporal preferida pelos estudantes da Turma B

Fonte: autoria própria.

Ao compartilhar e discutir esses gráficos com os estudantes, o docente sugeriu que eles fossem descrevendo a pessoa que eles escolheram na atividade e, também nesse processo, os discentes reforçaram essa preferência por corpos magros e/ou musculosos. Apenas o estudante Juliano, da Turma A, apesar de não classificar na planilha a sua pessoa eleita como “sobrepeso/obesa”, comentou que ela saía um pouco desse perfil apontado pelos demais colegas.

Ele é malhado [...], é um agrobroy do Instagram e do Tik Tok. (Rafaela; Turma A).

Ela é bem magra [...]. (Priscila; Turma A).

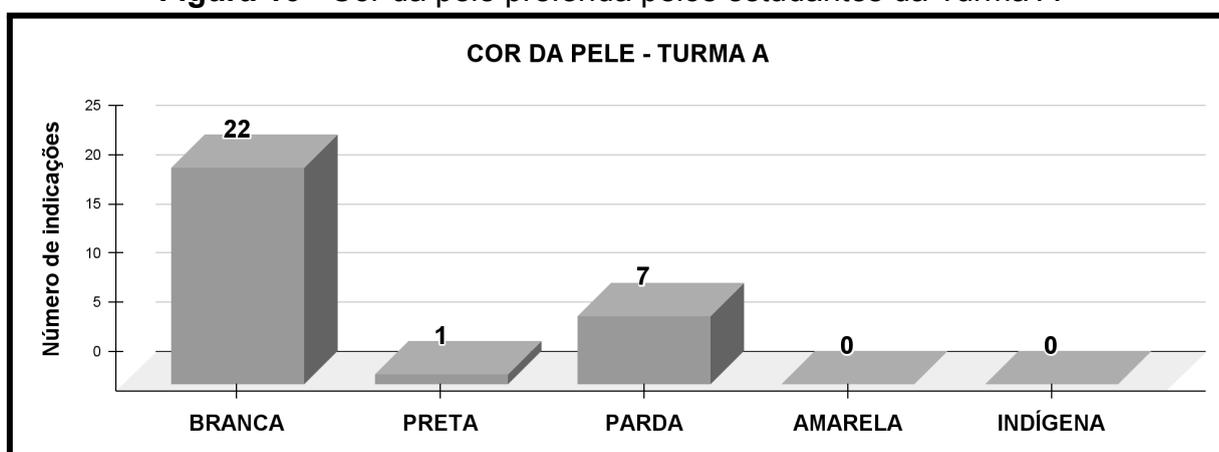
Uma modelo da Victoria Secrets, ela é alta, magrinha, tem um piercing no umbigo que eu acho lindo [...]. (Ariela; Turma A).

Tem o corpo musculoso, malhado. (Maísa; Turma B).

Ela tem um pouco mais de gordurinha, o que muita gente julga imperfeito [...]. (Juliano; Turma A).

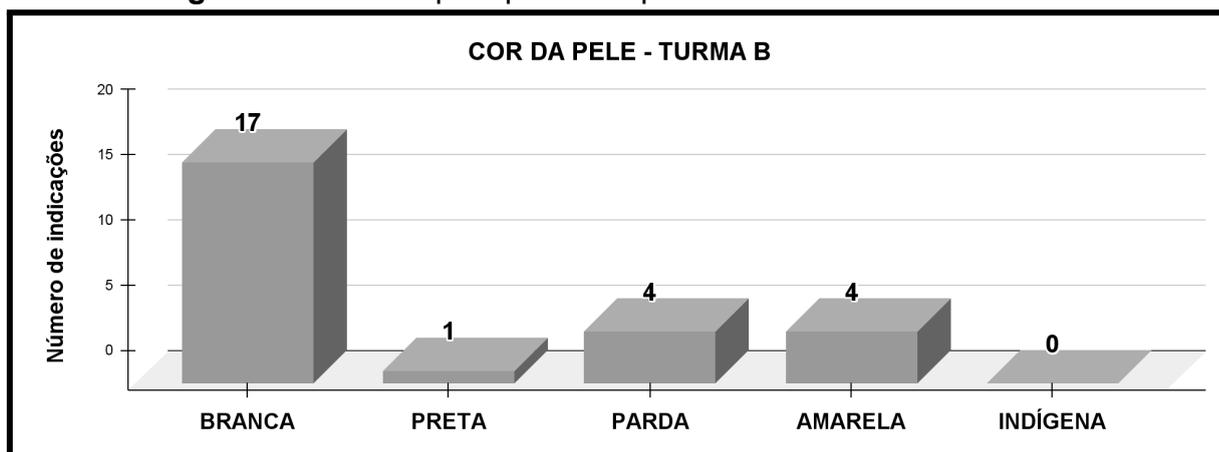
As Figuras 16 e 17 representam, respectivamente, as frequências das Turmas A e B com relação à cor da pele das pessoas consideradas bonitas pelos estudantes. Nessa característica corporal, as opções apresentadas se pautaram nos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), e o predomínio verificado nas duas turmas foi da cor de pele branca.

Figura 16 - Cor da pele preferida pelos estudantes da Turma A



Fonte: autoria própria.

Figura 17 - Cor da pele preferida pelos estudantes da Turma B



Fonte: autoria própria.

O professor provocou os estudantes a refletirem acerca desses resultados que comprovaram uma uniformidade de gosto pela cor de pele branca nas duas turmas e, durante essa conversa, um dos estudantes justificou essa preferência

mencionando uma questão cultural, decorrente de um movimento migratório regional.

Dá para ver que a gente puxa isso lá dos nossos queridos imigrantes, que vieram para cá no Sul, e esse padrão de beleza...de preferência pele branca [...]. (Bruno; Turma B).

Vale dizer que, no tocante aos demais atributos físicos consultados (a cor e a textura dos cabelos, e a cor dos olhos), também verificamos o predomínio de alguns atributos físicos sobre outros, porém não tão evidentes como na distribuição das opções feitas pelos estudantes perante à estrutura corporal e à cor da pele.

Todavia, algo que notamos nessas ações e que é válido mencionar, foi novamente a atribuição pelos estudantes de valores morais a determinadas características corporais. Quando o professor solicitou aos estudantes que descrevessem oralmente de forma objetiva as características físicas da pessoa que eles elegeram para a realização da atividade, houve casos em que eles emitiram julgamentos morais a essas características.

A pessoa parece ser mais gentil com os olhos claros [...] e daí a pessoa que tem olhos castanhos parece que ela é mais calorosa. (Amanda; Turma A).

Ela tem um porte físico bom. (Cleber; Turma B).

Atento a essa incidência, o professor cuidou de alertar os estudantes sobre como esses valores morais que atribuímos a determinadas características físicas são arbitrários e podem, muitas vezes, disseminar discriminações e preconceitos sociais.

Visando prosseguir com a reflexão sobre os resultados obtidos na atividade recém realizada, o professor estabeleceu uma nova roda de conversa com os estudantes, orientando a discussão a partir de três questões norteadoras. A primeira delas foi a seguinte: existem padrões/constâncias nos atributos físicos das pessoas que consideramos belas? Referenciando-se nos gráficos obtidos e compartilhados, os estudantes de forma categórica afirmaram haver sim, entre eles, a constância de preferência por determinadas características corporais, revelando a existência de um padrão de beleza nas duas turmas.

O gráfico mesmo...teve um ou outro que mais equilibrou, mas a maior parte não. (Thiago; Turma A).

O gráfico mostra isso, né professor?! (Bruno; Turma B).

A segunda questão reflexiva da roda de conversa foi a seguinte: como e por que os padrões de beleza se formam? Nesse momento, os estudantes se manifestaram mais, apresentando respostas diferentes para a indagação feita. Uma das premissas levantadas pelos estudantes consistiu no julgamento que a pessoa sofre dos demais quando ousa ser diferente ao grupo social do qual ela está inserida.

Os padrões de beleza, eles bloqueiam as pessoas, tipo, elas tentam se vestir do jeito que elas gostam, só que não é o jeito que a sociedade quer [...]. (Luciano; Turma A).

Também tem os julgamentos, eles limitam as pessoas...as pessoas querem ser o que elas são de verdade, e têm medo pelo julgamento. (Melina; Turma A).

Já outra resposta apresentada com frequência pelos estudantes durante a roda de conversa referiu-se ao aspecto do consumismo, apontando que há interesses mercadológicos por trás da constituição dos padrões de beleza.

[...] eu acho que um dos motivos de ter padrões de beleza na sociedade, talvez esteja envolvido com a questão do consumismo; porque daí as pessoas, elas precisam procurar, elas precisam pagar, elas precisam suprir aquele padrão; e isso tudo está envolvido com o capitalismo. (Thaís; Turma B).

Existem até produtos para as mulheres, principalmente, para tentar deixar a pele mais clarinha [...] a sociedade impõe que elas sejam mais brancas. (Cínthia; Turma A).

A terceira pergunta deste momento da aula provocou os participantes a refletirem sobre a mudança dos comportamentos estéticos ao longo do tempo. Desse modo, o professor indagou aos estudantes: os padrões de beleza tal como os conhecemos atualmente sempre foram estes? Novamente os jovens foram categóricos e disseram que não, citando vários exemplos históricos dessa mudança de gosto com relação às intervenções corporais e até mesmo aos tipos de vestimentas.

No século XV e XVI, as mulheres tiravam as sobrancelhas e raspavam os cabelos para ficar com a testa grande, e hoje em dia já tem cirurgia, essas coisas, para a testa ser normal [...]. E também, os homens para escolher uma esposa, escolhiam uma com o quadril grande porque na hora do parto seria melhor. (Elaine; Turma A)

De forma complementar às ações desenvolvidas nessa roda de conversa, também realizamos outra atividade que visou averiguar o nível de percepção dos estudantes sobre os fatores que influenciam as nossas preferências na definição do que é bonito ou não, ou seja, na formação dos padrões de beleza. Nesse sentido, o professor propôs que os estudantes se dividissem em grupos de 4 ou 5 integrantes para debater e elaborar uma resposta por escrito à seguinte pergunta: se a beleza é algo subjetivo e individual e se somos tão diferentes entre si, por que concordamos tanto com o que é bonito? (APÊNDICE E). Muitos grupos apontaram as mídias como principais responsáveis por essa concordância no reconhecimento do que são corpos bonitos numa sociedade.

[...] hoje em dia o que mais contribui para elaboração desse padrão são as mídias sociais; alguns exemplos são achar belas pessoas musculosas, altas e magras. (Grupo 3; Turma A).

[...] estamos sendo induzidos através de propagandas, costumes e pessoas do nosso convívio. (Grupo 16; Turma B).

Outros grupos apresentaram outras justificativas para que essa anuência social sobre a beleza se firme, como por exemplo, o senso comum, o receio dos julgamentos, e até mesmo os aspectos culturais de uma determinada comunidade.

Pois a sociedade chega a um senso comum de que a beleza é definida pelo mais aceitável, chegando a um consenso em sociedade do que é considerado bonito. (Grupo 6; Turma A).

Às vezes por ter opinião própria pode ser julgado, por medo desse julgamento, e forçado a ter uma escolha igual da maioria. (Grupo 11; Turma B).

A sociedade estabeleceu um padrão porque desde crianças somos ensinados do que é bonito e feio; isso depende da cultura e do tempo. (Grupo 12; Turma B).

Findadas essas três atividades pedagógicas, o professor explanou junto aos estudantes sobre a explicação que alguns sociólogos dão para o fato de concordarmos tanto com o que é beleza. Nesse momento, o professor frisou acerca

da existência de relações sociais de dominação, em que uma elite dominante, dotada de interesses particulares, "luta" pela determinação simbólica do que é belo ou não, tal qual afirma Bourdieu (2014). Conforme os próprios estudantes já haviam relatado anteriormente, o professor ratificou que um dos principais interesses dos dominantes na imposição do que deve ser entendido socialmente como um corpo bonito é justamente o interesse de ordem econômica, cuja finalidade consiste em gerar consumo na camada dominada da população.

No encerramento do encontro, continuando a sua explanação, o professor atentou para o fato dessa imposição dominante acontecer muitas vezes de forma velada, sendo difícil a sua distinção cognitiva por parte dos dominados, em função dela se manifestar no âmbito da excitabilidade dos prazeres sensoriais. Por essas razões, o professor enalteceu aos estudantes a relevância do exercício de criticidade diante da formação dos padrões de beleza corporal, a fim de não acatá-los passivamente como se eles fossem obrigações ou leis irrefutáveis.

8.3 A beleza e a mídia (aulas 5 e 6)

No terceiro encontro da intervenção didático-pedagógica com os estudantes, visamos apresentar e discutir os interesses e a influência que as mais diversas mídias exercem na formação dos padrões de beleza corporal. Para tanto, desenvolvemos quatro atividades pedagógicas; porém, antes de começarmos a aplicá-las com os discentes, cuidamos de inicialmente definir e exemplificar, de forma explanativa, o que é mídia. Ainda que se trate de algo trivial aos participantes, a definição de mídia pelo professor logo nesse momento pretendeu não deixar dúvidas sobre o seu conceito, uma vez que ela iria permear as discussões nas próximas atividades.

Dessa forma, o professor, de modo bem simples e com o auxílio de alguns *slides*, definiu mídia como sendo os meios pelos quais as informações são difundidas, podendo essa difusão ocorrer das mais variadas formas, impressas ou não. Como exemplo, o professor citou a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, além de destacar as mídias veiculadas pela Internet e que atualmente são as mais presentes na vida dos jovens como os *sites*, os *podcasts*, as plataformas de vídeos como o *YouTube*, os aplicativos de mensagens instantâneas como o *WhatsApp*, e as redes sociais como o *Instagram*, o *Facebook*, e o *Tik Tok*.

Feita mais essa introdução conceitual, o professor deu início à primeira atividade deste tópico²⁷, exibindo para os estudantes um vídeo²⁸ com duração de cerca de um minuto, e que foi produzido pela marca Dove. Na primeira parte deste vídeo, uma mulher recebe inúmeras intervenções na sua aparência por parte de uma maquiadora e de uma cabeleireira. Na segunda parte do vídeo, ao final dessas intervenções, são tiradas diversas fotos da mesma mulher e uma delas é utilizada para receber vários tratamentos de edição de imagem, realizada por um profissional dessa área. Após todas essas modificações realizadas na aparência e na fotografia da mulher, o vídeo prossegue para a exposição da imagem da agora modelo num *outdoor* publicitário, e finaliza com a seguinte frase: “Não admira que a nossa percepção da beleza é distorcida”.

A proposta do professor ao exibir repetidas vezes esse vídeo aos estudantes, foi que eles identificassem o maior número de intervenções e tratamentos que a mulher e a sua imagem receberam até a sua exposição no *outdoor*. Antes do professor solicitar que os discentes listassem a identificação que eles haviam feito, perguntou-lhes qual era a impressão deles a respeito do vídeo assistido. Algumas dessas impressões são compartilhadas a seguir.

Assustador! (Ariela; Turma A).

Eles transformam qualquer pessoa em bonita [...] impressionante!
(Thiago; Turma A).

É impossível você ficar 100% dentro do padrão [...] é impossível você ficar naturalmente. (Bruno; Turma B)

Após esse momento, o professor então pediu que os estudantes listassem inicialmente as intervenções que eles haviam notado terem sido realizadas pela maquiadora e pela cabeleireira e, as ações que os estudantes mais notaram e comentaram foram: limpeza de pele, maquiagem dos olhos, aplicação de *mega hair*, e ondulação do cabelo. Já com relação às alterações na fotografia da mulher, realizadas por edição de imagem, o alongamento do pescoço foi a ação que ganhou

²⁷ Esta atividade foi adaptada dos recursos pedagógicos desenvolvidos e disponibilizados para as escolas pela campanha “Dove pela Autoestima”, acessível pelo link: <<https://www.dove.com/br/dove-self-esteem-project/school-workshops-on-body-image-confident-me/self-esteem-school-resources-confident-me-five-sessions.html>>.

²⁸ Link para a versão legendada do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Ild_TWJK6Qk&t=14s>.

maior destaque no relato dos estudantes. Um estudante recordou e comentou também da modificação nas orelhas da mulher.

A orelha...eles diminuíram e puxaram mais para trás. (Thiago; Turma A).

Feita essa prática, o professor alertou os estudantes sobre a nossa exposição constante a diversas imagens de propagandas nas mais variadas mídias que são resultado do trabalho de produtores profissionais da área. Tratam-se de imagens modificadas propositalmente por especialistas, com fins publicitários e que, no dia-a-dia, dificilmente são atingíveis pela maioria da população, uma vez que o acesso a esses recursos não é tão simples e barato.

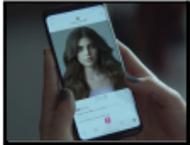
Concluindo essa atividade, o docente fez uma pergunta reflexiva aos estudantes: uma vez que essas imagens veiculadas pela mídia são tão modificadas e distorcidas da realidade, seria justo comparar-nos a elas? Todos concordaram que não é uma comparação justa de ser feita; porém, um estudante da turma B ponderou dizendo que, mesmo assim, todo mundo se compara.

A segunda atividade pedagógica desenvolvida na sequência²⁹ visou estimular os estudantes a decodificarem diferentes mensagens veiculadas pelas mídias. Divididos em grupos, os estudantes deveriam analisar três situações cotidianas de exposição à mídia e responder por escrito a duas perguntas. Na primeira delas, eles precisavam decifrar qual era a mensagem que a mídia estaria tentando passar naquela situação; já na outra pergunta, os estudantes deveriam responder por que não seria justo realizar comparações pessoais com aquela circunstância de exposição midiática (Figura 18).

Depois de ficarem reunidos por cerca de vinte minutos realizando a tarefa, os estudantes compartilharam com os demais grupos as duas respostas elaboradas para cada uma das três situações (APÊNDICE F).

²⁹ Esta atividade também foi adaptada dos recursos pedagógicos desenvolvidos e disponibilizados para as escolas pela campanha “Dove pela Autoestima”, acessível pelo link: <<https://www.dove.com/br/dove-self-esteem-project/school-workshops-on-body-image-confident-me/self-esteem-school-resources-confident-me-five-sessions.html>>.

Figura 18 - Atividade de decodificação de mensagem midiática

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...

Fonte: autoria própria.

Com relação à situação 1, sobre a manchete da revista, no tocante à primeira pergunta, os grupos apresentaram respostas diferentes, revelando que eles decodificaram essa circunstância de maneiras distintas.

Que para ser capa de revista, as mulheres precisam ser loiras, modelos, ter uma pele perfeita, um corpo magro e sem celulite, manchas, estrias, etc. (Grupo 5; Turma A).

Que ela é um padrão de beleza referente ao verão, uma modelo. (Grupo 22; Turma B).

Que se comprar os produtos da revista, irá ficar igual à modelo da capa. (Grupo 21; Turma B).

O mesmo não aconteceu com a segunda pergunta na mesma situação 1; os grupos apresentaram motivos semelhantes para justificar porque não consideram justo nos compararmos àquela mídia. Muito provavelmente isso tenha se dado em função da realização da atividade anterior, que alertou para uma situação de exposição similar a esta.

Porque a foto passou por alterações para ter o resultado final. (Grupo 5; Turma A).

Porque muita das vezes, as revistas usam photoshop, ao invés de mostrar a realidade [...]. (Grupo 14; Turma B).

Porque na revista há uma modelo que passou por diversos tipos de maquiagem e edições na foto. (Grupo 21; Turma B).

Para a situação 2 da presente atividade, os grupos decodificaram a mensagem a partir de uma ideia de busca pela beleza para se tornarem mais atraente e, assim, obter a aprovação daqueles que virem a suposta *selfie* retocada do(a) amigo(a).

Que ele/a é padrão e que não possui imperfeições como espinhas, manchas, etc. (Grupo 5; Turma A).

Que a pessoa é atraente o tempo todo. (Grupo 23; Turma B).

Que para você conseguir muitos seguidores, você precisa ser ou estar bonita. (Grupo 13; Turma B).

Também para esta situação, os estudantes reconheceram e justificaram que seria indevido comparar-se àquela mídia pelo fato dela não retratar a realidade. Segundo eles, a imagem da suposta *selfie* publicada teria recebido muitos tratamentos de edição para chegar até aquele resultado, como, por exemplo, a utilização de filtros de câmera e de aplicativos de celular.

Porque a foto foi retocada, pode ter filtros. (Grupo 5; Turma A).

Muitas vezes nos comparamos com coisas falsas que não existem. (Grupo 7; Turma A).

As fotos postadas na internet possuem muitos filtros e, às vezes, as pessoas fingem ser outras pessoas para ter mais influência. (Grupo 13; Turma B).

Na terceira e última situação hipotética de exposição a um tipo de mídia, os grupos identificaram que naquele anúncio de *shampoo* existe um certo apelo publicitário para a indução do consumo daquele produto.

Que se você usar este produto, seu cabelo ficará perfeito sem frizz, nós, ponta dupla, ressecado, com brilho, volume, etc. (Grupo 5; Turma A).

Que usando aquele shampoo, seu cabelo vai ficar brilhante e bonito igual ao do comercial. (Grupo 4; Turma A).

Que o cabelo da mulher na propaganda fica perfeito com o shampoo da propaganda. (Grupo 15; Turma B).

Para fundamentar a comparação indevida, novamente os estudantes recordaram da atividade realizada anteriormente e apontaram os tratamentos e edições como responsáveis pelo resultado final daquela mídia publicitária. Houve também, grupos que sinalizaram para a diversidade de tipos de cabelos que nem sempre são representados nessas propagandas.

Porque você não terá o cabelo perfeito o tempo todo e que provavelmente ela foi a um salão, sofreu alterações quando tirou a foto, etc. (Grupo 5; Turma A).

Porque, como vimos nas últimas aulas, é feito uma série de edições na pessoa para que ela fique desse jeito, além de muita produção e jogo de câmera para tudo ficar perfeito. (Grupo 15; Turma B).

Existem diferentes tipos de cabelo que não são representados pelas propagandas, onde (sic) a foto sofreu edição. (Grupo 18; Turma B).

Terminado o compartilhamento das respostas entre os grupos, o professor reforçou que as situações apresentadas na atividade realizada pelos discentes são corriqueiras no dia-a-dia, e que todos deveríamos ficar atentos e críticos para decodificar tais mensagens implícitas que as mídias estão passando constantemente.

Já na terceira atividade deste tópico de ensino, o professor propôs que os estudantes fizessem uma busca de imagens na Internet a partir dos seus próprios celulares. As imagens que os estudantes deveriam buscar seriam de modelos de

propaganda de duas marcas: a “Dove” e a “Dolce & Gabbana”. A escolha por essas duas marcas foi feita de forma proposital pelo professor, haja vista que elas apresentam paradigmas diferentes na escolha das modelos para as suas campanhas publicitárias. Enquanto a “Dove” contempla e promove a diversidade corporal em suas propagandas, a “Dolce & Gabbana” segue a linha de preferência por modelos exclusivamente magras, de pele branca e cabelo liso.

Na ocasião desta atividade, o intuito seria justamente propiciar entre os estudantes o reconhecimento e a discussão dessa diferença de posicionamento estético existente entre as duas marcas. Sendo assim, cerca de cinco minutos após os discentes iniciarem a pesquisa em seus aparelhos, o professor perguntou se eles notavam diferença entre as modelos das duas marcas e, prontamente os discentes perceberam e relataram as suas impressões.

As modelos da Dolce & Gabbana são bem padronizadas e da Dove são de vários tipos [...] tem gente até com vitiligo, o que é muito raro. (Elaine; Turma A).

Da Dolce & Gabbana são magras e brancas. (Ariela; Turma A).

Na Dove são vários tipos de corpo. (Lara; Turma A).

O professor, então, perguntou aos estudantes o que eles pensavam a respeito dessa diferença entre os estilos das duas campanhas publicitárias que eles acabaram de constatar. Segundo os comentários emitidos por esses jovens em aula, existe uma aprovação da parte deles no fato da “Dove” utilizar em suas propagandas pessoas com aparências mais familiares às que vemos no nosso dia-a-dia.

A diferença das marcas é que na Dove tem diversidade [...]. É uma coisa boa, porque aí todo mundo se identifica. (Danila; Turma B).

Enquanto o professor explanava sobre a “Dove” e também outras marcas contemplarem a diversidade corporal na divulgação dos seus produtos, um estudante da turma B fez uma crítica acerca da opção por esse estilo de campanha publicitária. A alegação desse estudante foi de que a diversidade corporal não vende produtos; e que havia uma diferença de poder aquisitivo do público alvo das duas marcas que estavam sendo comparadas nesta atividade.

Nesse momento, o professor considerou pertinente a crítica do participante, e enfatizou que, ainda assim, seria fundamental reconhecer e decodificar essas

mensagens repletas de interesses consumistas e que estão implícitas nas mídias publicitárias. Independentemente de qual marca estejamos nos referindo, ao fazermos isso, evitaremos frustrações desnecessárias quando não formos capazes de adquirir determinado produto ou, então, quando ele não entregar o resultado prometido na propaganda. Tal tipo de discernimento, concluiu o professor, é útil como forma de cuidado para com a nossa autoestima e, conseqüentemente, com a nossa saúde mental.

Assim como a atividade anterior, a quarta e última ação teve curto tempo de duração. Nela, o professor sugeriu que os estudantes analisassem de forma reflexiva a utilização dos filtros das câmeras e dos aplicativos de celular, como o *Instagram*, por exemplo. Inicialmente o docente verificou com as duas turmas se os participantes possuíam conta nesse aplicativo e constatou que quase todos tinham. Em seguida, perguntou se eles utilizavam os filtros disponíveis no Instagram e os estudantes se dividiram, uns respondendo que sim e outros que não. Uma estudante chegou, inclusive, a justificar de forma irônica a não utilização dos filtros.

O filtro é tão real que muda até o seu DNA. (Thaís; Turma B).

O professor fez, então, uma outra pergunta: por que eles utilizavam os filtros? Em geral, os estudantes afirmaram que seria para ficarem mais bonitos em suas fotografias.

Para dar um “up”. (Bruno; Turma B).

Para ficar bonitinho. (Aline; Turma B).

Continuando com a investigação, o professor quis saber o que eles achavam desse recurso tecnológico (os filtros das fotografias). De um modo geral, eles aprovam a utilização dos filtros e consideram que ele é uma ferramenta que melhora a aparência deles, uma vez que, segundo os estudantes, corrige traços indesejáveis.

Muito massa...eu me sinto bem com a minha aparência. (Luciana; Turma A).

Muito bom, cara, muito bom...ajuda muitas pessoas que têm insegurança com a sua aparência. (Bruno; Turma B).

Tira aquela sensação de ter uma cara mastigada. (Rodrigo; Turma A).

De forma provocativa, o professor questionou como os estudantes lidavam com a situação de conviverem com essa realidade virtual. Em outras palavras, como eles reagem à exposição constante a essas imagens modificadas que são veiculadas nesses tipos de mídias? Os discentes relataram que não estranham completamente essa situação. Por outro lado, eles afirmaram também que conhecem casos em que a pessoa costuma ter uma aparência bonita no mundo real e isso não corresponder no mundo virtual, revelando que a utilização dos filtros nem sempre é determinante para a melhora da aparência de alguém. De acordo com os estudantes, outros aspectos também são considerados para isso, como, por exemplo, a pose adequada para se tirar as fotos.

Chega no Instagram e você diz...nossa, mas é feinho, né?! Nossa Senhora! Chega pessoalmente, o piá é outra coisa. O piá não sabe tirar foto! Isso me irrita! (Amanda; Turma A).

Encerrando a quarta atividade e o tópico do encontro como um todo, o professor reforçou a necessidade dos estudantes estarem atentos com as comparações indevidas que costumamos fazer com as imagens que circulam nas mídias, sejam elas das redes sociais ou não. Por se tratarem de imagens manipuladas com diversos recursos tecnológicos e com fins particulares, o professor frisou que não convém fazermos comparações rigorosas, haja vista que são pouco realistas e difíceis de serem alcançadas.

8.4 Os padrões de beleza e a autoimagem (aulas 7 e 8)

O propósito deste tópico de ensino foi conduzir os estudantes para o reconhecimento dos prejuízos que a busca incessante pelos padrões de beleza corporal pode gerar sobre a autoimagem deles próprios. Na primeira das duas atividades propostas e aplicadas neste encontro, os estudantes, dispostos em círculo na sala de aula, fizeram uma busca, em seus próprios celulares, de imagens de quando eles eram crianças, ou então, de quando eram um pouco mais jovens do que são atualmente.

Terminada essa busca, o professor projetou no quadro da sala um roteiro contendo cinco perguntas: como você era (suas características físicas)? O que você mais gostava em você? O que você menos gostava? O que mudou daquela época para hoje? O que você mais gosta em você atualmente? Os estudantes deveriam

fazer o exercício de responder essas questões apenas mentalmente, sem se ater à necessidade de redigi-las.

Ao solicitar que os estudantes respondessem esse roteiro de perguntas, pretendíamos verificar qual era o rigor deles para com a própria imagem. Sendo assim, passados alguns minutos, o professor pediu, então, que voluntariamente os estudantes compartilhassem de forma oral com a turma as suas respostas. Percebemos que, durante esse relato, houve alguns estudantes que fizeram uma avaliação com apreço da sua aparência do passado; enquanto outros se analisaram de forma depreciativa.

Orelhudo e feio. Eu era mais baixo [...], seco, [...] parecia desnutrido. (André; Turma A).

Antigamente eu tinha uma cara mais fechada, assim...mais fina...daí...eu era mais orelhudo também [...]. (Rodrigo; Turma A).

Eu era pequenininho, era loirinho, sarna [...]; o cabelo era branqueado e loiro; eu gostava mais do cabelo. (Roberto; Turma B).

Eu era bem pequenininho; o que eu mais gostava era o meu cabelo, que era bem enroladinho; o que eu menos gostava era que eu era baixinho; [...] eu cresci bastante; o que eu mais gosto atualmente, acho que é o meu físico. (Leandro; Turma B).

É relevante registrar que todos os discentes realizaram a ação proposta de pesquisar uma imagem sua do passado. De igual forma, todos eles também se dispuseram a responder ao questionário apresentado. Contudo, essa última parte da atividade, os estudantes realizaram-na de forma mais privada, comentando apenas com os seus colegas mais próximos. Quando o professor solicitou que eles, voluntariamente, compartilhassem com toda a turma, poucos deles se sentiram à vontade para falar.

Depois de ouvir os participantes voluntários da presente atividade, o professor encerrou a atividade alertando os estudantes que não havia justificativa para sermos tão rigorosos com relação à nossa aparência, uma vez que as características físicas que ora são apreciadas, podem não ser as mesmas interpretadas como belas com o passar do tempo. O docente ainda finalizou a primeira atividade salientando que essa constante rjeza com a própria aparência pode ser prejudicial para a nossa autoestima.

Na atividade seguinte deste tópico de ensino, o professor apresentou um vídeo aos estudantes. O referido vídeo³⁰ pertence a uma campanha publicitária da marca “Dove” denominada “Retratos da real beleza” e mostra o rigor depreciativo que geralmente temos com relação à nossa aparência, em especial as mulheres. Em síntese, no vídeo, um especialista em fazer retrato falado entrevista, individualmente, algumas mulheres, sem, no entanto, ter contato visual com nenhuma delas. Durante cada uma das entrevistas, o perito pergunta características físicas dessa mulher e, assim, vai realizando o seu retrato falado. Na mesma entrevista individual, o especialista repete as perguntas para essa mulher, porém referindo-se a uma segunda mulher participante da ação e conhecida da primeira, para que, desse modo, ele também possa realizar o retrato falado da segunda mulher.

Sendo assim, no vídeo, cada mulher participante teve dois retratos falados desenhados pelo perito; um seguindo a sua própria descrição; e outro seguindo a descrição da sua conhecida. Ocorre que o resultado desses dois retratos falados foram extremamente diferentes para todas as mulheres. No retrato falado em que a mulher se auto-descreveu, houve a exacerbação de detalhes entendidos como negativos por ela, como pintas, cicatrizes, sardas e rugas, por exemplo. Já no retrato falado realizado a partir da descrição da sua conhecida, esses detalhes não foram destacados e, nesse caso, o resultado obtido foi uma aparência muito mais similar com a realidade, quando comparado com o primeiro retrato falado.

O vídeo prossegue com as mulheres tendo contato com os seus dois retratos falados recém produzidos e elas relatando a surpresa com o resultado obtido em cada um deles. Nesse momento, as mulheres participantes percebem o quão rigorosas elas são com elas mesmas no tocante à sua própria aparência. Elas também comentaram o quanto esse grau de exigência se estende para o nível emocional delas, tornando-as pessoas mais tristes e infelizes. Após essa reflexão das participantes, o vídeo finaliza com a frase “Você é mais bonita do que pensa”, incentivando cada mulher a ser menos dura com a própria imagem e a trabalhar melhor a sua autoestima.

Terminada a apresentação do vídeo, o professor averiguou a impressão dos estudantes sobre o que eles haviam assistido e, logo em seguida perguntou quais eram os riscos e danos causados por uma busca incessante aos padrões de beleza

³⁰ Link para o vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=II0nz0LHbcM>>

corporal? A maioria dos jovens respondeu que os prejuízos são da ordem emocional, porém alguns também relataram danos no aspecto econômico, tendo em vista o elevado custo financeiro de muitos procedimentos estéticos.

Sei lá...dano mental, depressão. (Dênis; Turma A).

Autoestima baixa. (André; Turma A).

As pessoas acabam se diminuindo muito. (Paula; Turma A).

Traz danos até para a própria integridade da pessoa. (Ariela; Turma A).

Danos psicológicos. (Diego; Turma B).

Morte [...] por causa dos procedimentos estéticos. (Bruno; Turma B).

A falência. (Thaís; Turma B).

O docente, finalizando a aula, explanou aos estudantes que as comparações exageradas aos padrões de beleza vigentes e constantemente veiculados pelas mídias, além de afetarem a nossa autoestima, podem trazer danos no plano dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos e dos nossos comportamentos. Explicou o professor que, no plano dos pensamentos, isso pode acontecer porque vemos a imagem modificada de modelos, por exemplo, e nos frustramos pensando que não somos suficientemente bonitos(as). No plano dos sentimentos porque pode nos levar à tristeza ou à depressão, como alguns estudantes já haviam relatado. E por fim, no plano dos comportamentos, pois pode desencadear dietas radicais e transtornos alimentares. Daí, então, enalteceu o professor, a necessidade de termos cuidados e não cometermos injustiças conosco e com os outros, evitando comparações indevidas e inadequadas com relação à aparência.

8.5 Avaliação sobre o tema (aulas 9 e 10)

A nossa intervenção didático-pedagógica culminou com uma avaliação visando averiguar o aprendizado dos estudantes acerca das reflexões realizadas nas aulas anteriores sobre o tema dos padrões de beleza corporal. Porém, no início desse encontro, antes de apresentar a proposta de avaliação aos estudantes, o professor cuidou de fazer uma breve revisão a respeito dos tópicos de ensino trabalhados, semana por semana, ao longo de toda a unidade. Somente após essa

revisão de conteúdo foi que o professor explicou a sua proposta de avaliação para os discentes participantes.

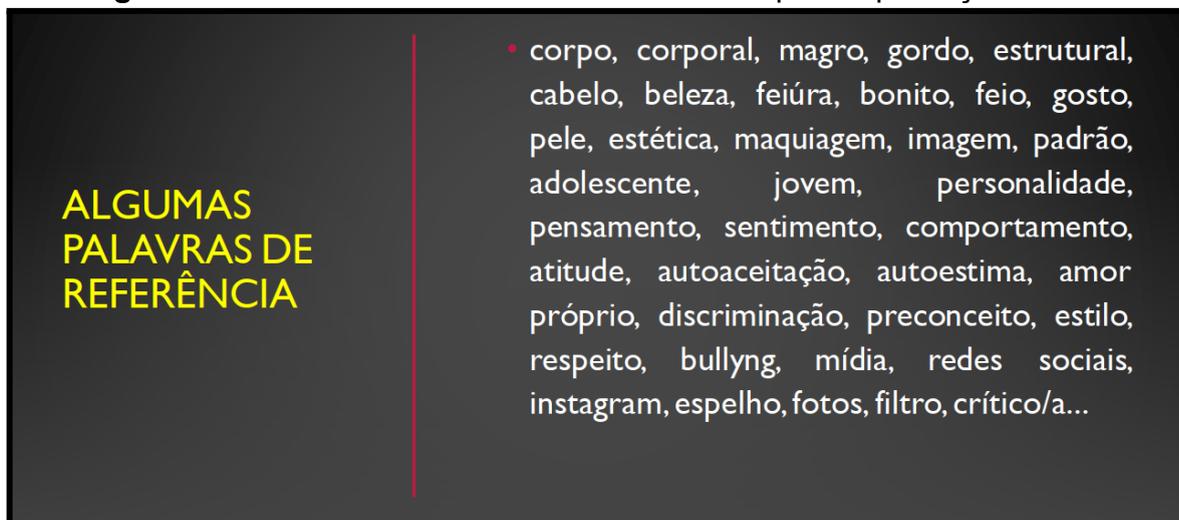
Com relação à avaliação propriamente dita, o professor solicitou que os estudantes, individualmente ou em grupo, elaborassem uma produção textual e uma apresentação artística pautada nessa produção, tendo como referência a seguinte questão: o que eu aprendi nessa unidade de ensino? Na parte da produção textual, os estudantes tiveram total liberdade para escrever um poema, uma rima, uma música, uma paródia, ou qualquer outro gênero de escrita que eles optassem. De igual forma, os discentes ficaram livres para decidirem com relação ao formato da apresentação artística que desejassem para compartilhar com os seus colegas de turma o que haviam elaborado textualmente.

Convém registrar que, por uma circunstância inesperada³¹, as duas turmas fizeram este encontro avaliativo no mesmo dia, horário e local. A respeito deste último, o local, o professor reservou e aplicou a atividade avaliativa no auditório do próprio campus, a fim de que os estudante tivessem um espaço mais adequado para executar a proposta. Também vale destacar que, ainda que lhes fora dada a opção de fazer a avaliação de forma individual, nenhum estudante fez essa escolha e eles preferiram fazer em grupo, com cerca de cinco a dez integrantes por grupo; apenas dois estudantes decidiram realizar esta etapa da avaliação em dupla. No momento da conformação dos grupos, como as duas turmas estavam unificadas, houve casos em que estudantes de turmas diferentes compuseram o mesmo grupo, sem que o professor fizesse qualquer objeção com relação a isso.

Após o professor explicar detalhadamente a proposta, os estudantes, já divididos em grupos, tiveram pouco mais de uma hora para elaborar e redigirem a parte textual da avaliação. Durante esse tempo, apesar de pouco solicitado pelos participantes, o professor se fez presente junto aos grupos, esclarecendo as dúvidas dos estudantes e auxiliando-os no que eles precisassem. Também a fim de colaborar com os discentes nessa etapa da avaliação, o professor projetou na tela do auditório um *slide* com diversas palavras que apareceram com certa frequência ao longo da unidade de ensino (Figura 19) e que, portanto, serviriam-lhes de referência para a produção textual naquele momento.

³¹ Em virtude da ausência do professor responsável por uma das turmas naquele dia e horário, a coordenadora do curso solicitou previamente a possibilidade de juntar as duas classes; algo que acreditamos que seria viável e que, portanto, atendemos prontamente.

Figura 19 - Palavras de referência como auxílio para a produção textual



Fonte: autoria própria.

A íntegra dos textos que cada grupo produziu para esta etapa da avaliação pode ser visualizado no APÊNDICE G deste trabalho. Entre os estilos de produções textuais elaboradas pelos estudantes, houve o predomínio de rimas e de poemas. Apenas um grupo surpreendeu e escreveu um breve roteiro e apresentou-o em forma de teatro. Houve ainda um grupo que, dentro do tempo estimado, produziu e entregou dois textos distintos. Quanto ao teor das produções, identificamos muitas colocações dos jovens a respeito da autoimagem, da autoaceitação, do amor próprio, dos padrões irreais, da comparação, dos julgamentos, da insegurança e da discriminação.

Já no tocante à outra parte da atividade avaliativa, ou seja, a forma de apresentação artística desses textos, os estudantes não ousaram tanto e fizeram-na de forma simples. Na maioria dos casos, por cerca de vinte minutos da aula, os jovens participantes apenas recitaram os seus poemas ou leram o texto que haviam produzido no palco do auditório, sem realizar qualquer complementação artística corporal durante essa apresentação. Os dois estudantes que realizaram a etapa anterior em dupla solicitaram para não apresentarem o que haviam elaborado textualmente, alegando timidez em se exporem aos demais no auditório e, nessa ocasião, o professor atendeu-os.

Em termos de exercício de criatividade, a surpresa nesse momento da avaliação ficou por conta do grupo que fez a sua apresentação em forma de peça teatral. Nesse caso, o grupo tratou de encenar uma situação em que candidatos a

uma vaga de emprego são tratados de forma discriminatória em função das suas aparências, sem ser considerado o currículo profissional de cada um deles no processo seletivo fictício. Com essa encenação, os estudantes revelaram um exemplo de injustiça que podemos presenciar socialmente, quando tratamos de forma acrítica as questões dos padrões de beleza corporal.

Por fim, encerrando a unidade de ensino, o professor parabenizou as produções elaboradas e apresentadas pelos estudantes e o envolvimento deles durante toda a abordagem do tema nas aulas anteriores. O professor ainda exaltou a relevância do tema perante o público jovem e frisou que o tratamento dele em ambiente educacional poderia contribuir para a formação integral deles enquanto indivíduos que convivem em sociedade.

9 CATEGORIAS EMERGENTES: CORPO, BELEZA, E PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Após a coleta dos dados que foram apresentados, o processo de análise foi iniciado. Os procedimentos executados nesta etapa do trabalho, estiveram de acordo com a técnica de análise categorial proposta por Bardin (2016), ou seja, ponderando as características comuns dos elementos obtidos com a realização da intervenção didático-pedagógica. Desse modo, considerando a unidade de ensino como um todo, foram elencadas três categorias que emergiram durante a discussão dos dados. São elas: a) a percepção e a relação dos estudantes para com o corpo; b) o convívio dos jovens com aspectos referentes à beleza corporal; e c) a participação ativa dos discentes no processo de ensino e aprendizagem.

a) A percepção e a relação dos estudantes para com o corpo

A primeira categoria destacada, diz respeito à maneira como os estudantes percebiam o fenômeno corpo e como essa compreensão foi se ampliando no decorrer da intervenção. Para além disso, estendeu-se a análise na presente categoria, ponderando também a forma como os estudantes mencionaram se relacionar com o próprio corpo ao longo da unidade de ensino aplicada.

Num primeiro momento, em especial na atividade que gerou as nuvens de palavras, os discentes associaram o corpo a algo físico, material. Na referida atividade, a maioria dos jovens das duas turmas relacionou o corpo a um “tipo de estrutura física”. Até essa ação pedagógica, portanto, ainda não havia aparecido de

modo robusto entre os participantes discentes nenhuma menção sobre a transcendentalidade do corpo, ou, então, sobre a sua dualidade com a alma, tal como os filósofos e os teólogos costumavam abordá-lo historicamente. Logo, a ideia inicial de corpo pronunciada pelos estudantes estava fortemente atrelada a uma visão biológica e imanente, ou seja, com características mais concretas e objetivas.

Essa perspectiva de corpo compartilhada pelos discentes consiste numa forma de perceber esse fenômeno que não atende completamente o escopo da presente proposta de ensino. Justamente por esse motivo, os estudantes foram instigados a refletirem sobre outras possíveis óticas de pensamento com relação ao corpo. Nesse intento provocativo, outras atividades foram aplicadas e permitiram que os estudantes pensassem e manifestassem diferentes possibilidades de compreensão do corpo. A roda de conversas com o roteiro de perguntas, por exemplo, foi uma dessas atividades educacionais desenvolvidas que contribuíram para se alcançar esse nosso propósito.

Foi a partir da roda de conversas que os discentes começaram a expandir a concepção de corpo que haviam firmado inicialmente, fazendo aparecer, assim, outras perspectivas de entendê-lo. Uma dessas perspectivas reportadas pelos estudantes foi perceber o corpo como uma forma de linguagem e de comunicação com o mundo. Essa visão de corpo é uma interpretação condizente com as proposições da BNCC (BRASIL, 2017), pois, nesse documento, a Educação Física, um componente curricular que estuda as manifestações corporais, está incluída na área de Linguagens e suas Tecnologias. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p. 482), a referida área de conhecimento trabalhada na etapa do Ensino Médio

[...] tem a responsabilidade de propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) –, que são objeto de seus diferentes componentes (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa).

Além dessa proximidade com o que propõe a BNCC (BRASIL, 2017), a compreensão de corpo que os estudantes trouxeram, admitindo-o como uma forma de linguagem e de comunicação, vai ao encontro dos desígnios educacionais do presente trabalho. Essa perspectiva de corpo enaltece o simbolismo inerente a ele, característica que o possibilita receber e emitir informações constantemente

enquanto o indivíduo se relaciona com o mundo (LE BRETON, 2007). Silva (2017, p. 118) ainda acrescenta que

O corpo social é uma construção viabilizada por processos simbólicos dinamizados por elementos que perpassam pelas veredas imaginais durante o processo de socialização do sujeito, tendo como base fundante o imaginário, item que estrutura a efetivação dos sentidos e dos valores enaltecidos por um determinado coletivo.

Portanto, reconhecer que o corpo é permeado por simbolismos e que está em contínua comunicação, tal como os jovens participantes da pesquisa fizeram, foi propício para a formação deles. Esse reconhecimento permite que os estudantes sejam mais críticos perante essa forma de linguagem que nem sempre é direta e evidente para o receptor. Pois, conforme Adorno (1973) adverte, na prática, a relação entre a mensagem manifesta e a mensagem oculta costuma se revelar altamente complexa.

A partir desse reconhecimento do corpo como uma poderosa forma de linguagem, os estudantes das duas turmas ampliaram as suas possibilidades de interpretar, por exemplo, as mais variadas mensagens veiculadas pelas mídias que utilizam os corpos como meio de comunicação. Isso ficou ratificado na atividade educativa de decodificação de mensagens midiáticas. Nela, os estudantes foram capazes de identificar a intenção de comunicação implícita em cada uma das imagens de mídia apresentadas para eles.

Outro ponto de relevância nessa categoria diz respeito à maneira como os estudantes mencionaram se relacionar com o próprio corpo. Identificamos jovens que foram mais complacentes com a sua aparência e outros que não. Na atividade, por exemplo, que solicitou, de forma voluntária, que os estudantes recorressem a uma imagem deles do passado e fizessem uma avaliação dela, houve estudantes que a fizeram de forma depreciativa, enquanto outros nem tanto. Todavia, essa atividade apresentou baixo índice de participação nas duas turmas, o que pode, provavelmente, indicar o quão difícil é para os estudantes fazer e compartilhar a análise da sua própria aparência.

Os jovens participantes concordam que a aceitação das suas próprias aparências seja algo imprescindível para a autoestima e, conseqüentemente, para a saúde mental deles. No entanto, na prática, eles também admitem que é difícil exercer essa aceitação, haja vista o sufocamento que a mídia desempenha

cotidianamente, além dos julgamentos que os seus pares realizam, muitas vezes, sem perceberem. Nos textos produzidos para a atividade avaliativa (APÊNDICE G), os discentes foram bem enfáticos com relação a esse problema apontado.

No tocante a essa questão da aparência e dos seus julgamentos alheios, Le Breton (2007, p. 78) reforça que

O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros.

Essa adversidade levantada pelos estudantes a respeito da pressão da mídia e dos julgamentos alheios para com os corpos que não se enquadram num ideal de beleza, enaltece a necessidade de se trabalhar tal temática junto à educação formal. Para Gonçalves e Azevedo (2007) cabe à Educação Física escolar desempenhar esse papel de re-significação do corpo, oferecendo aos estudantes uma reflexão e uma criticidade diante da idolatria à imagem narcisista do corpo. Segundo esses autores, a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas nesse componente curricular, tal como aconteceu no presente trabalho, os jovens aprendizes podem adquirir a consciência necessária para o exercício do respeito às diferenças, ao próprio corpo e ao corpo do outro.

[...] a Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua re-significação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e, assim, combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo. E a escola é o meio propício para a emancipação, pois somente uma contrapressão poderá exercer um papel decisivo para a libertação de um corpo que possa absorver as ameaças e delas extrair o alimento de sua renovação. Um corpo que não admita maniqueísmos. Pois será a partir de embates críticos, estimulados durante a intervenção pedagógica do professor (contextualizados social e culturalmente), que conseguiremos conceber uma educação física que trabalhe com corpos, e acima de tudo com sujeitos, donos desses corpos. (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 216)

Sendo assim, trabalhar conceitualmente o corpo na presente unidade de ensino foi proveitoso para a formação dos educandos participantes. Além de ter

evitado possíveis equívocos conceituais no ensino da temática, permitiu que os estudantes compreendessem e percebessem melhor a dimensão desse fenômeno no âmbito social.

b) O convívio dos jovens com aspectos referentes à beleza corporal

A segunda categoria que surgiu refere-se ao modo como os estudantes revelaram viver a beleza corporal em seus cotidianos. Mais especificamente, como esses jovens identificam as particularidades da beleza em suas relações sociais, e o que eles pensam acerca da constituição dos padrões de beleza corporal. Ademais, também foi aludida nessa categoria a forma como os discentes lidam com as mídias que tanto influenciam na determinação do que vem a ser considerado um corpo bonito.

Na primeira atividade realizada sobre a beleza, verificou-se o conhecimento prévio dos estudantes sobre esse termo. Diante de um objeto de estudo tão complexo, não nos surpreendeu que os participantes, em suas respostas, também tenham manifestado percepções distintas em relação ao seu conceito. Uma das percepções sobre a beleza que os estudantes revelaram ter e que chamou bastante atenção, foi a sua associação a valores morais positivos, como a bondade e a gentileza, por exemplo. Tanto na atividade inicial, quanto em outras que sucederam-nas ao longo da unidade de ensino, os discentes, de forma recorrente, vincularam a beleza ao bem e ao bom.

Essa perspectiva de beleza atrelada a virtudes morais, vai ao encontro dos postulados de Platão (1972) em sua obra “O Banquete”. De acordo com a síntese de Bayer (1993, p. 40) a respeito dessa obra

O belo alia-se ao bem e está-lhe mesmo subordinado; um é a medida do outro. Alia-se, por outro lado, à ideia de verdadeiro; o belo torna-se assim universal pela sua vizinhança com o bem e o verdadeiro.

Portanto, constatou-se uma relação direta entre as proposições de Platão (1972) e a percepção dos estudantes para com a beleza, quando eles atribuíram valores morais positivos às características corporais que eles consideravam bonitas. Contudo, vale a pena observar que, normalmente, o inverso também pode acontecer e, então, valores morais negativos são associados a certos atributos físicos não apreciados por parte da população. Nesse sentido, oportunamente o professor

orientou os estudantes durante as aulas acerca dos julgamentos indevidos que podem ocorrer nessas associações e, assim, alertou-os sobre discriminações e preconceitos que podem surgir em relação a determinadas características corporais que não são apreciadas pelos indivíduos de uma sociedade.

Essa associação entre beleza e bondade não foi a única visão que os discentes revelaram possuir sobre esse termo em questão. Outra maneira que os estudantes anunciaram entender a beleza foi reconhecendo o seu caráter de agradabilidade aos sentidos, tal como presumiu Kant (1995). A partir dessa ótica, os discentes relataram que, para algo ser considerado bonito, precisa promover excitabilidade sensorial, ou, em outras palavras, gerar prazer dos sentidos estimulados.

Todavia, a manifestação dos jovens com relação à beleza que mais se fez presente nas aulas, foi o apontamento do seu caráter subjetivo. Nas atividades pedagógicas aplicadas, os discentes assinalaram por diversas vezes que a beleza se tratava de algo particular ao gosto de cada um. As rodas de conversas, e a avaliação da unidade de ensino são dois exemplos de atividades em que os estudantes expressaram amplamente essa percepção que eles tinham sobre a subjetividade da beleza. Tal característica levantada por esses participantes está em consonância com a perspectiva de beleza defendida pelos filósofos da Idade Moderna.

As atividades desenvolvidas revelaram o quão distintos os estudantes foram no exercício de compreender e se relacionar com a beleza. Foi identificada nas manifestações deles algumas premissas que se aproximaram mais das concepções filosóficas clássicas de beleza, vinculado-a a virtudes morais, enquanto outras referências estiveram mais de acordo com as concepções dos filósofos da modernidade, enaltecendo a sua subjetividade.

Outro ponto destacado na presente categoria de análise é sobre o pensamentos dos estudantes com relação à constituição dos padrões de beleza corporal na sociedade. Na atividade utilizando a planilha e na roda de conversa que a sucedeu, debateu-se com os estudantes sobre essa problemática. De acordo com um dos argumentos apresentados pelos discentes, o julgamento alheio é um dos fatores que contribui para que os padrões de beleza corporal se formem socialmente, pois, na visão deles, qualquer um que ouse ser diferente dentro de um grupo, logo receberá a crítica dos demais. No que concerne a essa argumentação

apresentada pelos estudantes, Bourdieu (2014) afirma que, nas relações de um determinado grupo social, existe uma luta pela determinação simbólica do que deve ser considerado um corpo bonito e, portanto, definido como legítimo para conviver nesse grupo social.

[...] as lutas por imposição das normas de percepção e apreciação do corpo não se reduzem às lutas interpessoais, nas quais toda a verdade residiria (como também para os interacionistas) na estrutura da interação. Nós temos condições de falar do “corpo alienado”, se percebemos que a definição do corpo legítimo, como realização da identidade inseparavelmente sexual e social, é um objeto de lutas entre as classes: trabalhar para impor ou para defender um sistema particular de categorias sociais de percepção e de apreciação da identidade pessoal é sempre se esforçar para fazer reconhecer a legitimidade das categorias distintivas que portamos, como indivíduos ou como membros de um grupo e do estilo de vida no qual elas se inserem. (BOURDIEU, 2014, p. 252)

Não obstante, a argumentação dos estudantes perante a constituição dos padrões de beleza corporal não se limitou ao fator do julgamento alheio. Segundo os discentes, a mídia também deve ser ponderada nessa formação. Pela fala desses participantes, são as propagandas midiáticas que geralmente ditam modas e padrões, influenciando, assim, o comportamento dos indivíduos com o intuito de gerar o consumo de produtos de beleza ou similares.

Também com relação às mídias, porém, mais especificamente às mídias das redes sociais virtuais, os jovens comentaram sobre como lidam com elas. Na ocasião do debate realizado em aula a respeito do assunto, referindo-se ao *Instagram*, os discentes afirmaram que aprovam a utilização dos filtros de fotografias disponibilizados por esse aplicativo. Segundo os estudantes, as modificações que esses recursos tecnológicos promovem em suas aparências são muito bem aceitas por eles. No que tange a essas afirmações feitas pelos discentes, pode-se dizer que elas são coerentes com um comportamento típico dos tempos contemporâneos. Todavia, elas também evidenciam o interesse desses jovens em quererem enquadrarem-se num perfil padronizado de beleza que é aceito socialmente.

Nessa linha, Fantoni (2017, p. 158) afirma que

[...] os jovens demonstram cuidado em apresentar publicações esteticamente agradáveis, o que inclui aprovar a própria aparência como condição para veicular as fotografias. Assim, lançam mão dos filtros para tornar as imagens “mais bonitas” e, embora o Instagram

tenha disponibilizado diversas novas ferramentas de edição de imagem desde que foi criado, os filtros ainda são amplamente utilizados por esses adolescentes, e permanecem sendo uma das características mais atraentes do aplicativo.

Ainda discutindo a relação dos estudantes com os filtros de fotografias, é pertinente observar o valor que a aparência do rosto assume nesse trato. Segundo Le Breton (2007, p. 70), tal valorização é compreensível, uma vez que

O rosto é, de todas as partes do corpo humano, aquela onde se condensam os valores mais elevados. Nele cristalizam-se os sentimentos de identidade, estabelece-se o reconhecimento do outro, fixam-se qualidades de sedução, identifica-se o sexo, etc.

Por fim, destaca-se que os jovens participantes mostraram-se receptivos também às mídias publicitárias que respeitam a diversidade corporal. De acordo com eles, as marcas que optam por expor em suas campanhas modelos com os mais variados tipos de corpos, possibilitam que haja uma identificação deles para com os(as) modelos. Conseqüentemente, presume-se que tal identificação com esses personagens midiáticos seja algo benéfico para os estudantes, pois é capaz de promover maior aceitação deles em relação à própria aparência.

c) A participação ativa dos discentes no processo de ensino e aprendizagem

A terceira categoria refere-se à participação ativa dos estudantes durante as aulas ministradas nesta unidade de ensino sobre a temática dos padrões de beleza corporal. O desenvolvimento das atividades, apoiado nos princípios da Pedagogia Histórico-Crítica, oportunizou que os jovens elaborassem e compartilhassem constantemente o conhecimento que eles tinham sobre cada um dos tópicos trabalhados nas aulas.

O método de ensino praticado com as atividades selecionadas estiveram de acordo com o que sugerem Mattos e Neira (2013, p. 32), quando afirmam que, “idealmente, a aprendizagem deve ser uma aventura educacional significativa e partilhada”. Justamente por apresentarem essas características é que a execução das ações pedagógicas no presente estudo tenha sido proveitosa em termos didáticos, uma vez que elas facilitaram a construção do conhecimento perante os assuntos abordados no ambiente educacional.

No trabalho de promover a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, um procedimento bastante utilizado foi a de diagnosticar o que os discentes já dispunham de saberes acerca de determinados conteúdos tratados. Um exemplo disso, foi a utilização da ferramenta *online* “Mentimeter” para diagnosticar o que os estudantes sabiam sobre o fenômeno corpo. Com relação a esse ponto, Darido (2012) afirma que a prática de diagnosticar o conhecimento que os aprendizes já possuem a respeito de qualquer tema trabalhado no meio educacional é tido como uma estratégia pedagógica bastante profícua.

Outrossim, esse procedimento de diagnóstico exercido com os estudantes na abordagem dos conceitos de corpo e de beleza, por exemplo, estão em conformidade com o primeiro passo preconizado pela Pedagogia Histórico-Crítica, que é a etapa denominada de Prática Social Inicial. Nessa etapa, visa-se averiguar o nível de desenvolvimento atual dos educandos com relação ao conteúdo que se pretende trabalhar com eles. Durante a Prática Social Inicial, “o professor busca conhecer os educandos através do diálogo, percebendo qual a vivência próxima e remota cotidiana desse conteúdo antes que lhe seja ensinado em sala de aula” (GASPARIN; PETENUCCI, 2014, p. 9).

A opção feita pela roda de conversa como recurso didático-pedagógico também colaborou para a participação ativa dos estudantes. Essa técnica de debate desenvolvida com os jovens, deu-se pensando nas vantagens que essa estratégia pedagógica pode proporcionar no processo de ensino e aprendizagem.

Entende-se que as informações produzidas nesse contexto são de caráter qualitativo, pois as opiniões expressas nessas *Rodas de Conversa* são ‘falas’ sobre determinados temas discutidos pelos participantes sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso, podendo as opiniões convergirem ou divergirem, provocando o debate e a polêmica. Cabe ao mediador garantir a participação igualitária de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão. (MELO; CRUZ, 2014, p. 33, grifo do autor)

A estruturação da discussão ponderada por Melo e Cruz (2014) foi algo que, no caso desta intervenção, tornou-se viável a partir da elaboração prévia e da utilização dos roteiros de perguntas. A partir desses roteiros, os estudantes efetivaram a participação deles de forma mais retilínea e de acordo com os propósitos de cada debate.

A roda de conversa enquanto estratégia de ensino corresponde ao segundo passo da Pedagogia Histórico-Crítica, o da Problematização. Segundo Gasparin e Petenucci (2014, p. 9 e 10), este passo se caracteriza pela realização de

a) uma breve discussão sobre esses problemas em sua relação com o conteúdo científico do programa, buscando as razões pelas quais o conteúdo escolar deve ou precisa ser aprendido; b) em seguida, transforma-se esse conhecimento em questões, em perguntas problematizadoras levando em conta as dimensões científica, conceitual, cultural, histórica, social, política, ética, econômica, religiosa etc., conforme os aspectos sobre os quais se deseja abordar o tema, considerando-o sob múltiplos olhares.

Todavia, durante a problematização realizada nas rodas de conversa, percebeu-se que a questão da participação igualitária de todos nem sempre foi possível de acontecer, constituindo-se, portanto, num empecilho pedagógico a ser corrigido. Nesse sentido, é compreensível que nem todos os estudantes sintam-se à vontade para expressarem coletivamente as suas opiniões com relação a temas que, muitas vezes, são delicados. Reconhecendo esse entrave e pensando em não gerar prejuízos no processo de ensino e aprendizagem dos participantes, foi proposto também, atividades pedagógicas em pequenos grupos. Em alguns casos, inclusive, aplicou-se essas atividades previamente às rodas de conversa desenvolvidas com a turma toda, tal quando certificou-se o entendimento dos discentes sobre o termo beleza.

A utilização dessa estratégia didática em pequenos grupos foi benéfica, basicamente, por dois motivos. Primeiro porque ampliou a possibilidade de manifestação dos estudantes com os seus pares a respeito do assunto debatido, uma vez que em grupos reduzidos e com colegas mais íntimos, o acanhamento para se expressarem fica diminuído. O segundo motivo foi porque ofereceu melhores condições ao professor de exercer intervenções mais pontuais no momento do debate entre os grupos, algo que nem sempre foi possível com a roda de conversa praticada com a turma unificada.

Até mesmo na avaliação da unidade de ensino, os estudantes exerceram uma participação efetiva e criativa. Nos moldes em que a avaliação foi proposta, os jovens participantes puderam expressar uma nova forma de entender o conteúdo que foi trabalhado com eles. Tal expressão corresponde ao quarto passo da Pedagogia Histórico-Crítica, denominada de Catarse e se realiza:

a) por meio da nova síntese mental a que o educando chegou; manifesta-se através da nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Neste momento o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito do conteúdo; b) esta síntese se expressa através de uma avaliação oral ou escrita, formal ou informal, na qual o educando traduz tudo o que aprendeu até aquele momento, levando em consideração as dimensões sob as quais o conteúdo foi tratado.

Para além desses postos, a participação ativa dos discentes verificada durante as atividades ministradas nesta unidade de ensino, contribuiu também para a formação integral desses jovens, tal como preconiza a BNCC (BRASIL, 2017, p. 463)

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas.

Em síntese, a participação ativa dos estudantes notada de modo tão frequente na presente intervenção didático-pedagógica e destacada nesta categoria para ser analisada, permitiu que esses jovens legitimassem um protagonismo do próprio processo de escolarização. Algo, no mínimo, respeitoso para com a condição de jovens aprendizes que eles são.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa teve como problemática inicial a abordagem pedagógica do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física, mais especificamente, com os estudantes do Ensino Médio. Em suma, visamos analisar a aplicação de uma proposta educacional de ensino sobre essa temática, atentando para o efeito que ela poderia gerar perante a resignificação e a compreensão das questões estéticas de autoaceitação e de relação com o outro entre os estudantes participantes da pesquisa. Outrossim, também buscamos identificar como os professores de Educação Física de quatro Institutos Federais da Região Sul do Brasil (IFPR, IFSC, IFC e IFRS) costumam trabalhar o tema dos padrões de beleza corporal em suas aulas.

Previamente, tratamos de realizar um estudo teórico acerca dos termos corpo e beleza. Nesse levantamento teórico sobre o corpo, ponderamos a sua polissemia e passamos por várias áreas de conhecimento com a finalidade de aprofundarmos os nossos saberes sobre ele. Contudo, focamos a nossa atenção na concepção que a sociologia tem para com esse fenômeno, reconhecendo que ele é, então, o resultado de uma construção social permeada de simbolismo (LE BRETON, 2007). Já para a beleza, pautamo-nos nas proposições teóricas que a filosofia fez ao longo da história sobre ela. Desse modo, admitimos que a beleza é um evento complexo e que decorre de teorizações diversas, sendo estas de ordem moral/sensorial, objetiva/subjativa, individual/sócio-cultural, ou ainda outras (SANTANA, 2015).

Da mesma maneira, dedicamo-nos a fazer um aprofundamento bibliográfico sobre outros três aspectos que consideramos relevantes para o desenvolvimento do tema desta pesquisa. Tais aspectos foram: a mídia e a sua relação com a beleza; a adolescência e a juventude no contexto escolar; e o tema dos padrões de beleza enquanto conteúdo a ser desenvolvido com os estudantes do Ensino Médio.

Começando pelo primeiro aspecto mencionado, em nosso estudo verificamos que a mídia tem uma grande capacidade de penetração social, influenciando o comportamento dos indivíduos perante os fatores que envolvem a beleza. No tocante à adolescência e à juventude, observamos que ambas precisam ser entendidas de forma multidisciplinar, a fim de estabelecermos práticas pedagógicas mais justas com os estudantes que estão vivendo esse período da vida em sua escolarização. Por último, o terceiro aspecto do nosso levantamento bibliográfico constatou que o tema dos padrões de beleza corporal possui respaldo em documentos oficiais para ser desenvolvido como conteúdo das aulas de Educação Física no Ensino Médio; sendo um desses documentos, por exemplo, a BNCC (BRASIL, 2017).

O embasamento teórico realizado nesta pesquisa foi significativo para elaborarmos e ministrarmos de forma qualificada os conteúdos da unidade de ensino aplicada com os estudantes. A fundamentação obtida perante cada um dos tópicos de conhecimento mencionados anteriormente, permitiu-nos desenvolver uma intervenção didático-pedagógica mais profícua no tocante ao processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito à participação dos professores dos Institutos Federais na presente pesquisa, o método investigativo escolhido foi a aplicação de um

questionário *online*, contando tanto com questões abertas quanto com questões fechadas. Um ponto que destacamos dos dados que obtivemos nessa etapa da pesquisa, é que o tema dos padrões de beleza corporal se faz presente na atuação profissional de mais de 90% desses professores. Para além dessa informação, em 61,6% dos docentes entrevistados, o ensino da temática se dá em quatro ou mais aulas do curso em que eles lecionam. Tais dados nos permitem afirmar que, de certa forma, a abordagem do tema dos padrões de beleza está satisfatoriamente sendo contemplada nos quatro Institutos Federais investigados.

Os professores participantes da pesquisa, respondendo ao referido questionário, apresentaram cinco classes distintas de motivos para justificar a pertinência da abordagem do tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio. Foram elas: o desenvolvimento da criticidade dos estudantes; a atenção à fase da vida dos jovens; a consideração do tema se tratar de um conteúdo próprio da Educação Física; o zelo pela autoimagem e pela construção da identidade dos discentes; e os cuidados com a saúde física e mental dos aprendizes.

Com relação às dificuldades para lidar com a abordagem do tema em debate, o relato dos docentes possibilitou que identificássemos quatro classes de justificativas: a dificuldade em administrar a carga horária entre os conteúdos práticos e teóricos; a falta de embasamento teórico sobre o assunto; nenhuma dificuldade para lidar; e a resistência dos estudantes para falar sobre a temática. Por outro lado, as facilidades relatadas por esses professores para trabalhar com esse conteúdo se resumiram em apenas três classes: o interesse dos estudantes; a atualidade do tema; e a relação que o jovem tem com o seu corpo nessa fase da vida.

Ainda com relação à participação dos docentes dos quatro Institutos Federais em nossa pesquisa, eles também contribuíram descrevendo quais estratégias e metodologias de ensino eles costumam utilizar para a abordagem do tema dos padrões de beleza corporal. Nesse caso, a descrição dos docentes participantes gerou quatro classes de estratégias de ensino: a realização de trabalhos práticos, com atividades dinâmicas diversificadas; o método transversal, conciliado com outros temas; a exploração de recursos como textos, imagens e vídeos; e a execução de seminários e pesquisas.

Já no tocante à etapa da pesquisa que envolveu a participação dos estudantes, tratamos de elaborar uma intervenção didático-pedagógica sobre o tema dos padrões de beleza corporal. Em seguida, aplicamos essa intervenção como uma proposta educacional junto a duas turmas de dois cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio³². Nesse caso, optamos pela pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) como método de trabalho procedimental na nossa investigação.

A unidade de ensino elaborada e aplicada junto aos estudantes participantes da pesquisa conteve dez aulas e dividiu-se em cinco tópicos temáticos: os conceitos de corpo e beleza; as características do belo nas pessoas; a beleza e a mídia; os padrões de beleza e a autoimagem; e a avaliação sobre o tema. Tais tópicos foram trabalhados sequencialmente, respeitando a mesma ordem aqui apresentada; ou seja, em cada encontro que realizamos com os estudantes, cuidamos de ministrar atividades pedagógicas diversificadas que focaram na abordagem de um desses assuntos mencionados.

Concretizada a aplicação da referida proposta educacional e tendo registrado as ocorrências por meio de diários de campo, partimos para a análise dos dados que obtivemos perante esta intervenção com os discentes participantes da pesquisa. Para este trabalho, recorreremos à técnica de análise categorial (BARDIN, 2016) como método para analisar os dados obtidos com a proposta educacional aplicada. Sendo assim, três categorias dessa intervenção didático-pedagógica se destacaram e foram discutidas em nosso trabalho: a percepção e a relação dos estudantes para com o corpo; o convívio dos jovens com aspectos referentes à beleza corporal; e a participação ativa dos discentes no processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito à primeira categoria destacada e analisada, notamos que os estudantes demonstraram, inicialmente, uma percepção de corpo mais física, material e, posteriormente, ampliaram essa concepção reconhecendo-o como uma forma de linguagem e de comunicação com o mundo. Esse reconhecimento assinalado pelos discentes, permitiu que eles entendessem que o corpo é constantemente utilizado, por exemplo, pelas mídias, para transmitir mensagens que nem sempre são tão evidentes aos receptores. Vimos também durante a análise

³² Novamente, recordamos o leitor que a nossa pesquisa foi desenvolvida com os estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) em virtude de ser o nível de atuação do docente pesquisador. Reiteramos ainda que, mesmo reconhecendo que haja características na EPTNM que a distingue do Ensino Médio propriamente dito, optamos por não adentrar nessa discussão, uma vez que a diferença existente entre essas duas modalidades de ensino não compromete os desígnios da nossa pesquisa.

dessa categoria, que alguns estudantes foram rigorosos na apreciação da sua própria aparência, enquanto outros nem tanto. No que tange essa questão, os discentes atribuíram a pressão da mídia e os julgamentos alheios como empecilhos para exercerem uma autoaceitação perante a própria imagem corporal.

Já a segunda categoria destacada durante a nossa análise, referiu-se à maneira com que os estudantes vivenciam a beleza dos corpos. À princípio, constatamos que esses jovens possuem diferentes perspectivas conceituais acerca do que é beleza. Num momento, eles associaram-na a valores morais positivos; noutro, à agradabilidade dos sentidos; e, noutro ainda, atribuíram a ela um caráter subjetivo. Segundo esses participantes da pesquisa, a constituição dos padrões de beleza identificados socialmente deve-se, basicamente, aos mesmos dois fatores apontados na questão da autoaceitação; ou seja, a influência da mídia e os julgamentos alheios. Também nessa categoria, salientamos que os estudantes aprovam a utilização dos recursos tecnológicos como os filtros de fotografias do *Instagram* para modificar a própria aparência.

Na terceira categoria evidenciada e analisada, o ponto crucial que discutimos foi com relação à participação ativa dos discentes durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Observamos que nas atividades pedagógicas que foram ministradas, os estudantes contribuíram de forma atuante para a construção dos conhecimentos trabalhados em cada uma das aulas. As ações diagnósticas, as rodas de conversa e as tarefas em pequenos grupos foram estratégias de ensino que favoreceram esse protagonismo dos jovens na aprendizagem da temática que estava sendo abordada.

Para além dessas três categorias destacadas, mas ainda nos referindo à intervenção didático-pedagógica desenvolvida com os estudantes, é oportuno mencionar também quão satisfatória foi a aplicação da atividade avaliativa nessa unidade de ensino. Da forma como foi proposta, a referida atividade fugiu do formato convencional de prova, e primou pela criatividade e por formas de comunicação mais próximas da realidade dos estudantes. Ao mesmo tempo, a escolha por esse formato de avaliação foi desafiadora e estimulante aos estudantes, haja vista o nível de envolvimento deles durante o todo o processo. Ademais, nessa atividade avaliativa, percebemos que a forma como os estudantes recuperaram os tópicos discutidos ao longo da proposta educacional, revelou que a abordagem didático-pedagógica foi proveitosa para a formação dos estudantes.

Praticamente em nenhum momento deste trabalho acadêmico fomos à fundo na discussão das questões de gênero, relacionando-a com a temática da nossa pesquisa. Desde o princípio, isso não fez parte dos nossos propósitos aqui. No entanto, é válido registrar que a abordagem da temática dos padrões de beleza corporal em sala de aula despertou, de um modo geral, maior interesse no público estudantil feminino. Atribuímos tal ocorrência, pelo fato de, historicamente, as mulheres sofrerem mais as consequências do imperativo de beleza corporal vigente na sociedade (WOLF, 1992). Reconhecendo a opressão estética vivida pelo público feminino, inclusive pelas jovens estudantes, entendemos que tenha sido no mínimo conveniente trabalhar esse assunto no contexto escolar.

A análise dos dados que obtivemos nos permite concluir que os objetivos estabelecidos para esta pesquisa foram alcançados, tanto com relação à participação dos docentes, quanto à participação dos estudantes. Todavia, é pertinente ponderar algumas variáveis específicas e limitantes da realização do nosso trabalho como, por exemplo, o número e o perfil dos professores e das instituições de ensino participantes; a quantidade e a frequência das aulas destinadas à intervenção didático-pedagógica; e as características e as particularidades dos jovens participantes. É possível que tais variáveis, se modificadas, possam gerar resultados diferentes e, conseqüentemente, discussões distintas acerca deles. No entanto, isso são contingências investigativas que outros pesquisadores podem se apropriar e desenvolvê-las futuramente.

Trabalhar pedagogicamente o tema dos padrões de beleza corporal com estudantes do Ensino Médio nas aulas de Educação Física, embora seja entendido como algo pertinente pelos professores que colaboraram com este estudo, ainda consiste numa atividade profissional relativamente nova. Diante desse contexto de novidade, reconhecemos que foi desafiante o desenvolvimento do presente trabalho acadêmico. No entanto, esperamos que os resultados apresentados e analisados nesta dissertação pela perspectiva metodológica da pesquisa-ação, possam ter gerado subsídios elementares para que outros docentes consigam abordar de forma mais qualificada a referida temática de ensino.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 1014 p.
- ADORNO, T. W. A televisão e os padrões da cultura de massa. In: ROSENBERG, B.; WHITE, D. M. (Org.). **Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1973, 651 p.
- ALMEIDA, R. M. O conceito do belo em Agostinho de Hipona. **Basíliade - Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 9-23, jan/jun. 2019. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/25/7>>. Acesso em: 19 out. 2022.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, 123 p.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016, 279 p.
- BAYER, R. **História da Estética**. 1. ed. Lisboa: Editorial Estampa. 1993, 459 p.
- BEECH, D. Documents of contemporary art series. In: NUNES, T. **Deslocamentos e novos paradigmas do belo na arte contemporânea**. 2014. 285f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BOURDIEU, P. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Tradução de Ana Maria F. Almeida. **Pro-Posições**, [online], v. 25, n. 1, p. 247-256, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/B5WBgP7wWrwJvRwbDCRT5My/?lang=pt#>>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- BRASIL. Lei . 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução n. 2, de 30 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9864-rceb002-12&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 out. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017, 595 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- CERQUEIRA, L. R. A. **Corpo, arte e padrões de beleza: um material educativo de artes visuais**. 2020. 187f.. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- DARIDO, S. C. A Avaliação da Educação Física na Escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). **Caderno de formação**: formação de professores: didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2012, v. 6, Bloco 2, p. 127-141. 176 p. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41556/1/Caderno_blc2_vol6.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 339 p.
- DeFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução da 5. ed. norte americana de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 400 p.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 102 p.
- FANTONI, A. **Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrenses no Instagram**. 2017. 175 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Artes e Design Famecos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FARHAT, D. G. K. M. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008. 30f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- FERREIRA, E. L. Z. **A influência da mídia no conceito de corpo**. 2008. 27f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- FERREIRA, F. R. A produção dos sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 471-483, jul./set. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/KFjLwHL5JHcx3KxBHN4Yr7t/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 25 jan. 2022.
- FERREIRA, V. S. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**, Lisboa, v. XLVIII, n. 208, p. 494-528, 2013. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_208_a01.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- FONSECA, G. C. C. **A leitura crítica dos padrões de beleza**: uma possibilidade de letramento midiático para o ensino médio. 2009. 148f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, 288 p.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. C. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Dia a dia Educação**, Paraná, v. 2, p. 2289-8, 2014. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, Dourados, v. 10, n. 2, p. 201-219, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1083/1679>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GONÇALVES, R. G. C. **Forma e gosto na crítica do juízo**. 2006. 161f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HIGGINS, K. M. Whatever happened to Beauty? A response to Danto. In: NUNES, T. **Deslocamentos e novos paradigmas do belo na arte contemporânea**. 2014. 285f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HUME, D. Do padrão do gosto. Tradução de Luciano Trigo. In: DUARTE, R. **O belo autônomo**. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012, p. 91-113.

JORDÃO, J. V. P. **Beleza que põe mesa**: a relação de trabalhadoras domésticas com mídia, beleza e consumo. 2008. 159 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, 384 p.

LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. **Objectos impuros**: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 39-61.

LAUS, M. F. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2012. 121 p. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. C. O Corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-250, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/bVjD4hvChNCWssn8jbd5pSM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, 101 p.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. 6 ed. São Paulo: Phorte, 2013, 152 p.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MELO, L. C. M.; SOUZA, G. S.; DAYRELL, J. T. Escola e juventude: uma relação possível? **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 12, p. 161-186, jan./jun. 2012. Disponível

em:<<http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1584>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MELO, M. C. H. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar**. 2013. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível

em:<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>>.

Acesso em: 10 nov. 2022.

MUNIZ, K. R. A. **Práticas educativas digitais no facebook e formação de identidade**: percepções de adolescentes discentes de uma escola pública do Ceará. 2021. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

OLIVEIRA, R. A. A relação entre o corpo e a alma do ser humano na teologia cristã: uma aproximação histórica e contemporânea. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1081-1105, jul./set. 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n31p1081/5612>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PANELLA RIBERA, J. **Corpo, cultura e educação**. 1 ed. Marília: Cultura Acadêmica, 2017, 415 p.

PLATÃO. **Diálogos**: O banquete - Fédon - Sofista - Político. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972, 269 p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, 276 p.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. (2015). R: A language and environment for statistical computing. Disponível em:<<https://cran.r-project.org/doc/manuals/fullrefman.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

RAHDE, M. B. F.; DALPIZZOLO, J. Considerações sobre uma estética contemporânea. **E-Compós**, [S. l.], v. 8, p. 1-16, 2007. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/149>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RATINAUD, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Disponível em:<<http://www.iramuteq.org>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

REINERT, M. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de Gerard de Nerval. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 24-54, 1990. Disponível em:<<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/075910639002600103?download=true>>. Acesso em: 26 out. 2022.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pesquisa-ação e educação física escolar: analisando o estado da arte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 242-251, jan./mar. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/18521/16401>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SANDRU, T. G. **Relación entre el uso de redes sociales como "Instagram" y "Tik Tok" con la autoestima de adolescentes entre 13 y 17 años**: una revisión bibliográfica. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade das Ilhas Baleares, Ilhas Baleares.

SANTANA, E. **Filosofar é preciso**: as grandes indagações filosóficas e os enigmas da humanidade. 1 ed. São Paulo: DPL Golden Books, 2015, 176 p.

SILVA, A. M. Corpo e Diversidade Cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 1, p. 87-98. 2001. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/324>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVA, E. C.; MOREIRA, E. C.; OLIVEIRA, A. A. B. Objetivos e conteúdos para o ensino da Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v. 1, p. 65-82. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SILVA, M. C.; BAPTISTA, G. G. O Corpo na/da Escola: as possibilidades da educação física escolar na (des)construção das representações corporais. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 338-356, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.20500/rce.v9i18.1863>>. Acesso em 27 jun. 2021

SILVA, R. C. **Corpo e contemporaneidade**: uma abordagem crítica sobre os padrões de beleza e consumo estético da mulher veiculados pelas mídias. 2017. 123 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 171-188, mar. 2007. Disponível em:<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/95/96>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

SOARES, C. L. A educação do corpo, as pedagogias e seus vestígios. In: GÓMEZ, Z. P. **Políticas y estéticas del cuerpo en América Latina**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2007, p. 161-182.

_____. Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção. **Educar em Revista** [online], v. 37, e76507, p. 1-20, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.76507>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SOARES, C. L.; FRAGA, A. B. Pedagogia dos corpos retos: morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 77-90, 2003.

Disponível

em:<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643887/11357>>. Acesso em: 6 ago. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27989/29770>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

WARDE, M. J.; PANIZZOLO, C. Adolescentes e suas más companhias: lunáticos, criminosos, e pervertidos sexuais [sobre a obra *Adolescence* de Stanley Hall]. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 739-758, maio/ago. 2015. Disponível em:<<http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v33n2/2175-795X-rp-33-2-00739.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2022.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

APÊNDICE A - Questionário enviado aos professores participantes

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),

1. O objetivo específico da presente etapa desta pesquisa é identificar como vem sendo trabalhado o tema dos padrões de beleza corporal sob a ótica dos professores de Educação Física dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio.

1.2. Se você é professor de Educação Física e atua num desses 4 (quatro) Institutos Federais (IFSC, IFC, IFPR ou IFRS), então pode participar.

2. Este estudo é de caráter voluntário e os riscos são mínimos, envolvendo a possibilidade de cansaço ao responder o questionário ou incômodo por comentar sobre a sua prática profissional.

2.1. Para lidar com esses riscos mínimos, adotamos as seguintes ações:

2.1.1. Você pode desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Para isso, basta fechar a aba do seu navegador, sem precisar encaminhar as respostas já fornecidas.

2.1.2. Seus dados serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. O pesquisador fará o download das respostas ao questionário e o salvará em uma memória externa para evitar que outras pessoas consigam ter acesso a esse material. Após o download, será deletado todo o material coletado e até então armazenado nos ambientes virtuais.

3. Entendemos que a sua contribuição irá nos ajudar a compreender melhor sobre o ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física, auxiliando futuramente os professores na elaboração das suas aulas sobre o assunto.

4. Você pode obter mais informações sobre este estudo e uma cópia completa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido neste link:

<https://drive.google.com/file/d/1rqRBwPMRpy4vluvhJHzBrBsByDsc2Avz/view?usp=sharing>

5. A seguir, precisamos saber se você concorda em participar da pesquisa.

Contato com os pesquisadores

E-mail: luis.mendes@ifsc.edu.br

E-mail: acmmiranda@uem.br

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

Telefone: (19) 9 9740-7907

***Obrigatório**

1. E-mail *

Esta pesquisa está sendo conduzida por pesquisadores do Programa de Mestrado Profissional de Educação Física em Rede Nacional (ProEF), Polo da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**

2. Ao assinalar a opção "Concordo", a seguir, você atesta a sua anuência com esta *
pesquisa, conforme a descrição aqui efetuada.

Marcar apenas uma oval.

- Concordo e atesto que sou professor de Educação Física de um dos Institutos Federais: IFPR, IFSC, IFC, ou IFRS
- Não concordo em participar da pesquisa.

Vamos lá! Gostaríamos que você nos respondesse algumas questões sobre você e sobre a sua atuação profissional perante o ensino dos padrões de beleza corporal.

3. Qual é a sua idade?

4. Há quantos anos você terminou a sua graduação em Educação Física?

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

5. Você se graduou numa instituição de Ensino Superior...

Marcar apenas uma oval.

- Pública
- Privada
- Parcialmente em pública e parcialmente em privada

6. Em qual Instituto Federal você está atuando?

Marcar apenas uma oval.

- IFPR
- IFSC
- IFC
- IFRS

7. Em qual Câmpus você trabalha?

8. Há quantos anos você está trabalhando no Instituto Federal? (desde o seu ingresso na rede até o momento; seja ele da Região Sul ou não)

9. As ementas dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em que você leciona fazem alguma menção ao ensino da temática dos padrões de beleza, da estética corporal, ou de aspectos sociais do corpo?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

10. Você aborda o ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas suas turmas? Se sim, quantas aulas por curso você utiliza para tratar desse tema?

Marcar apenas uma oval.

- Não abordo o tema - 0 aulas
- Abordo o tema durante 1 aula de todo o curso
- Abordo o tema durante 2 aulas de todo o curso
- Abordo o tema durante 3 aulas de todo o curso
- Abordo o tema durante 4 aulas de todo o curso
- Abordo o tema durante 5 aulas de todo o curso
- Abordo o tema durante 6 aulas de todo o curso
- Abordo o tema por mais de 6 aulas de todo o curso

11. Se você aborda o tema dos padrões de beleza corporal com os seus estudantes, descreva brevemente a sua estratégia e metodologia de ensino.

12. Quais são as dificuldades que você aponta para ministrar aulas sobre o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio Integrado? (mesmo que nunca tenha abordado o tema anteriormente)

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

13. Quais são as facilidades que você aponta para ministrar aulas sobre o tema dos padrões de beleza corporal com os estudantes do Ensino Médio Integrado? (mesmo que nunca tenha abordado o tema anteriormente)

14. Por qual(is) motivo(s) você considera ou não pertinente o ensino do tema dos padrões de beleza corporal junto aos estudantes do Ensino Médio Integrado?

15. Se você já trabalhou o tema dos padrões de beleza corporal alguma vez em suas aulas, qual foi a reação dos estudantes ao abordarem este tema?

Clique na opção "Próxima" para você finalizar o seu questionário e depois na opção "Enviar" para recebermos as suas respostas!

Muito obrigado! Basta clicar na opção "Enviar" para recebermos as suas respostas. A sua colaboração irá nos ajudar a compreender melhor sobre o ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física do Ensino Médio Integrado.

14/08/22, 15:49

Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido (estudantes)**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Canoinhas, ____ de _____ de 2022.

Caro(a) estudante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa científica intitulada "Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio". Seu responsável permitiu que você participasse!

O objetivo do trabalho é analisar como uma proposta educacional de ensino sobre os padrões de beleza dos corpos junto aos estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio nas aulas de Educação Física pode ressignificar a compreensão das questões estéticas de auto aceitação e de relação com o outro.

Você não precisa participar do trabalho se não quiser; é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciada a sua participação.

As aulas de Educação Física ocorrerão normalmente e o pesquisador utilizará atividades de instrução e reflexão acerca do tema dos padrões de beleza corporal. Sua participação é importante, pois será estudada a qualidade dessas atividades para as aulas de Educação Física. Para ajudar na pesquisa, além da sua participação, será realizada a gravação das atividades desenvolvidas no momento das aulas. Reforçamos que o anonimato do seu nome e da sua imagem serão preservados durante a pesquisa e, somente o pesquisador e o coordenador deste trabalho é que terão acesso ao material de gravação.

Não há riscos (INACEITÁVEIS), porém, poderá ocorrer, eventualmente, o desconforto e/ou incômodo de manifestação sobre a temática dos padrões de beleza corporal, mas que serão minimizados com a adequada intermediação do pesquisador. No entanto, caso ocorra alguma inconveniência mais grave, o pesquisador responsabiliza-se em prestar os devidos atendimentos, bem como contatar um serviço de atendimento pedagógico e/ou psicológico escolar especializado, inclusive posteriormente à realização da pesquisa, caso seja necessário.

Os benefícios esperados com o desenvolvimento desta pesquisa é verificar a eficácia dessas atividades na sua aprendizagem crítica e significativa acerca do tema dos padrões de beleza corporal vigentes em nossa sociedade.

Caso venha a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar pessoalmente tanto o pesquisador, Luis Otávio Mendes, pelo telefone (19) 997407907, quanto o professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda pelo telefone (44) 999063045.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. A sua identificação não será divulgada e nem repassaremos os seus dados a qualquer outra pessoa. Para reduzir os riscos da violação das informações compartilhadas pelos participantes, o pesquisador fará o download dos registros e gravações e os salvará em uma memória externa para evitar que outras pessoas consigam ter acesso a esses materiais. Após o download, serão deletados todos os materiais coletados e armazenados nos ambientes virtuais. A nossa limitação em assegurar a total confidencialidade aos registros e gravações restringe-se ao acesso não autorizado de terceiros à memória externa em que serão salvas as entrevistas, o qual poderá ocorrer, eventualmente, por meio do furto ou roubo da memória externa. Ademais, os materiais coletados serão mantidos sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa, sendo posteriormente descartados mediante a formatação da memória externa que eles estarão salvos.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados tanto no formato de dissertação quanto no de produto educacional, tendo você, participante, o pleno direito de acesso a ambos quando estiverem finalizados, caso seja de seu interesse.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente assinada e entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo. Enfatizamos que é importante que você, participante, guarde esta sua cópia do termo em seus arquivos.

Eu, _____ aceito participar do trabalho .

Assinatura do estudante

Assinatura do pesquisador
Luis Otavio Mendes

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o coordenador e o pesquisador, conforme o contato abaixo:

- Luis Otávio Mendes (pesquisador)
 - Endereço: Rua Waldemiro Olsen, 318, Apartamento 6, Campo da Água Verde, CEP 89.466-246, Canoinhas-SC
 - E-mail: pg403380@uem.br
 - Telefone: 19 997407907
- Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR
 - E-mail: acmmiranda@uem.br
 - Telefone: 44 999063045

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

- COPEP/UEM
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR
 - E-mail: copep@uem.br
 - Telefone: (44) 3011-4597
 - Horário de funcionamento:
 - 2ª a 6ª das 8h00 às 11h40 e das 14h00 às 17h30

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido (responsáveis)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) responsável,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio”, que faz parte do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pelo pesquisador Luis Otávio Mendes.

O objetivo da pesquisa é analisar como uma proposta educacional de ensino sobre os padrões de beleza dos corpos junto aos estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio nas aulas de Educação Física pode ressignificar a compreensão das questões estéticas de auto aceitação e de relação com o outro.

Para isto, a sua participação é muito importante, e ela se dará autorizando o seu filho a participar de uma pesquisa do tipo intervenção didático-pedagógica nas aulas de Educação Física, com a aplicação de atividades educativas sobre o tema dos padrões de beleza corporal. Em suma, serão atividades que já ocorreriam normalmente nas aulas de Educação Física, mas que, para a pesquisa, carecem da sua autorização para que possamos fazer os registros necessários.

Não há riscos (INACEITÁVEIS), porém poderá ocorrer, eventualmente, o desconforto e/ou incômodo do estudante participante ao falar sobre o tema dos padrões de beleza corporal. Nesse caso, o estudante participante terá total liberdade para não se manifestar sobre qualquer atividade proposta em aula. Ainda assim, caso ocorra alguma inconveniência mais grave, o pesquisador responsabiliza-se em prestar os devidos atendimentos, bem como contatar um serviço de atendimento pedagógico e/ou psicológico escolar especializado, inclusive posteriormente à realização da pesquisa, caso seja necessário.

Gostaríamos de esclarecer que a sua participação e a de seu(sua) filho(a) é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a seu(sua) filho(a). Vale ressaltar que não estão previstos benefícios diretos à sua pessoa por participar da pesquisa, porém, entendemos que a sua contribuição nos ajudará a compreender melhor sobre o ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade e a de seu(sua) filho(a).

Os benefícios esperados com o desenvolvimento desta pesquisa consistem em auxiliar os professores futuramente na elaboração das suas aulas de Educação

Física, e promover um senso crítico nos estudantes a respeito dos padrões de beleza corporal vigentes em nossa sociedade.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), cujo endereço também consta neste documento.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados tanto no formato de dissertação quanto no de produto educacional, tendo você, participante, o pleno direito de acesso a ambos quando estiverem finalizados, caso seja de seu interesse.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente assinada e entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como responsável pelo estudante) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo. Enfatizamos que é importante que você, participante, guarde esta sua cópia do termo em seus arquivos.

Eu _____, responsável por _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pelo pesquisador Luis Otávio Mendes.

_____ Data:.....
Assinatura do participante

Eu, Luis Otávio Mendes, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data:.....
Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o coordenador e o pesquisador, conforme o contato abaixo:

- Luis Otávio Mendes (pesquisador)
 - Endereço: Rua Waldemiro Olsen, 318, Apartamento 6, Campo da Água Verde, CEP 89.466-246, Canoinhas-SC
 - E-mail: pg403380@uem.br
 - Telefone: 19 997407907
- Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)

- Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR
- E-mail: acmmiranda@uem.br
- Telefone: 44 999063045

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

- COPEP/UEM
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR
 - E-mail: copep@uem.br
 - Telefone: (44) 3011-4597
 - Horário de funcionamento:
 - 2ª a 6ª das 8h00 às 11h40 e das 14h00 às 17h30

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido (professores)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa "Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio", que faz parte do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pelo pesquisador Luis Otávio Mendes.

O objetivo da pesquisa é analisar como uma proposta educacional de ensino sobre os padrões de beleza dos corpos junto aos estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio nas aulas de Educação Física pode ressignificar a compreensão das questões estéticas de auto aceitação e de relação com o outro. Mais especificamente para essa etapa da pesquisa, pretendemos identificar como vem sendo trabalhado o tema dos padrões de beleza dos corpos sob a ótica dos professores de Educação Física dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio de 4 (quatro) Institutos Federais da Região Sul do Brasil (IFSC, IFC, IFPR e IFRS).

Para isto, a sua participação é muito importante e ela se daria respondendo a um questionário *online* a respeito da sua prática pedagógica sobre o tema dos padrões de beleza corporal.

Não há riscos (INACEITÁVEIS), porém poderá ocorrer o cansaço ou incômodo por comentar sobre a sua prática profissional. Nesse caso, você terá total liberdade para não se manifestar sobre qualquer questão do instrumento.

Gostaríamos de esclarecer que a sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Vale ressaltar que não estão previstos benefícios diretos à sua pessoa por participar da pesquisa, porém, entendemos que a sua contribuição nos ajudará a compreender melhor sobre o ensino do tema dos padrões de beleza corporal nas aulas de Educação Física.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. A sua identificação não será divulgada e nem repassaremos os seus dados a qualquer outra pessoa. Para reduzir os riscos da violação das informações compartilhadas pelos participantes, o pesquisador fará o download das respostas ao questionário e o salvará em uma memória externa para evitar que outras pessoas consigam ter acesso a esse material. Após o download, será deletado todo o material coletado e armazenado nos ambientes virtuais. A nossa limitação em assegurar a total confidencialidade das respostas ao questionário restringe-se ao

acesso não autorizado de terceiros à memória externa em que elas serão salvas, o qual poderá ocorrer, eventualmente, por meio do furto ou roubo da memória externa. Ademais, o material coletado será mantido sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa, sendo posteriormente descartado mediante a formatação da memória externa em que ele estará salvo.

Os benefícios esperados com o desenvolvimento desta pesquisa consistem em auxiliar os professores futuramente na elaboração das suas aulas de Educação Física sobre o assunto, e promover um senso crítico nos estudantes a respeito dos padrões de beleza corporal vigentes em nossa sociedade.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), cujo endereço também consta neste documento.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados tanto no formato de dissertação quanto no de produto educacional, tendo você, participante, o pleno direito de acesso a ambos quando estiverem finalizados, caso seja de seu interesse.

Explicamos por fim que, de acordo com o disposto nas resoluções 510/16 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde é necessário documentar o seu consentimento. Por esse motivo, você recebeu, por e-mail, uma cópia deste termo no formato pdf devidamente assinado pelo pesquisador. Enfatizamos que é importante que você, participante, guarde esta sua cópia eletrônica do termo em seus arquivos. Já para atestar a sua anuência, conforme determina as orientações do CONEP para procedimentos em pesquisas com etapa em ambiente virtual, basta você responder ao questionário *online* da presente pesquisa, encaminhado na mesma mensagem de e-mail citado anteriormente.

Eu _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pelo pesquisador Luis Otávio Mendes.

_____ Data:.....
Assinatura do participante

Eu, Luis Otávio Mendes, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o coordenador e o pesquisador, conforme o contato abaixo:

- Luis Otávio Mendes (pesquisador)
 - Endereço: Rua Waldemiro Olsen, 318, Apartamento 6, Campo da Água Verde, CEP 89.466-246, Canoinhas-SC
 - E-mail: pg403380@uem.br
 - Telefone: 19 997407907
- Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR
 - E-mail: acmmiranda@uem.br
 - Telefone: 44 999063045

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

- COPEP/UEM
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR
 - E-mail: copep@uem.br
 - Telefone: (44) 3011-4597
 - Horário de funcionamento:
 - 2ª a 6ª das 8h00 às 11h40 e das 14h00 às 17h30

APÊNDICE E - Atividade “por que concordamos tanto com o que é bonito?”**Grupo 1**

Por que na nossa sociedade existe padrão de beleza e se a pessoa está dentro desse padrão ela é bonita, e é muito difícil uma pessoa discordar disso. Porém por conta desse padrão muitas pessoas não se aceitam e acabam ficando mal com sua aparência por não serem da forma que querem.

Grupo 2

Se a beleza é algo subjetivo e individual e se somos tão diferentes entre si, por que concordamos tanto com que é bonito?

Porque desde os tempos mais antigos os padrões de beleza foram mudando, porém desde sempre a sociedade se importa com o padrão da atualidade que vive, fazendo com que as pessoas queiram se adequar a eles, com os padrões bem específicos assim que vemos alguém que se encaixa perfeitamente nele ficamos deslumbrados, dessa forma concordamos com o padrão imposto sem perceber.

Grupo 3

Pois a sociedade e a época em que vivemos contribui para que seja estabelecido um consenso sobre o que é considerado belo, mesmo que cada pessoa possua preferências individuais seja elas estilo, físico ou aparência, integrando esse meio social a pessoa é levada a considerar belo o que está dentro do padrão de beleza dessa sociedade. Esse padrão é alterado por questões sociais e da época atual, hoje em dia o que mais contribui para elaboração desse padrão são as mídias sociais.

Grupo 4

PORQUE DESDE QUE APRENDEMOS A LER E A ENTENDER AS COISAS A SOCIEDADE IMPÕE UM PADRÃO QUE NORMALMENTE É "O LADO DE FORA É MAIS BONITO QUE O LADO DE DENTRO" ENTÃO NORMALMENTE QUANDO NOS PERGUNTAM QUEM É MAIS BONITO VAMOS RESPONDER QUE É AQUELE ARRUMADINHO, CHEIROSO... SEM NEM PENSAR OU CONHECER OS SEUS VALORES.

Grupo 5

Cada pessoa tem sua beleza própria, mas cada pessoa tem seu tipo, e gosto em relação ao objeto ou pessoa, temos um padrão incommum onde respectivamente cada pessoa tem seu estilo que conscientemente são parecidos com as de outras pessoas por isso concordamos com o que é belo

Grupo 6

R: Pois a sociedade chega a um consenso comum de que a beleza é definida pelo mais aceitável, chegando a um consenso em sociedade de que é considerado bonito. Fazendo uma maioria acordada e seguir uma mesma concepção, incluindo uma minoria a tentar se encaixar nesse padrão proposto.

Grupo 7

O padrão de beleza em geral é influenciado pela sociedade, sendo uma opinião "comum" do povo de beleza. O padrão também depende de outras coisas como seu estado social e financeiro, exemplo uma pessoa mais rica terá roupas melhores e produtos para beleza será considerada mais bonita pelas seus materiais.

Grupo 8

Por causa dos ritos que a sociedade impõem na cabeça das pessoas, assim, fazendo as pessoas achar que "aquele rito" é bonito / bonito. Alguns exemplos são achar que as pessoas são bonitas, altas e magras.

Grupo 9

Conforme o passar dos anos, podemos perceber que muito se modificou, incluindo o que é considerado bonito. Claro que isso varia de acordo com a cultura. De certa forma, não é totalmente incorreto afirmar que beleza é uma construção social e cultural. Isso porque cada cultura/sociedade estabelece um padrão do que é belo, e aquilo que não se encaixa nas "exigências" do padrão, não é considerado bonito em comparação àquele que corresponde ao padrão.

Grupo 10

Se a beleza é algo subjetivo e individual e se somos tão diferentes entre si, por que concordamos tanto com o que é bonito?

Pelo fato de vivermos em uma sociedade somos levados a pensar de uma maneira em que já está definido o conceito de beleza.

Nossem pensarmos individualmente porém com um "conceito pronto" do que é a beleza, assim. E a internet é um exemplo disso, fazendo competições de beleza.

Grupo 11

É como se tivesse um padrão, uma forma correta de ser e vestir

As vezes por ter opinião própria pode ser julgado por meio desse julgamento e forçado a ter uma escolha igual da maioria

Grupo 12

- O que é belo para um pode ser feio para outro, cada um tem um ponto de vista, porém existe um padrão estabelecido pela sociedade.

A sociedade estabeleceu um padrão porque desde de crianças somos ensinados de que é bonito e feio.

Grupo 13

As pessoas são formadas desde criança a acreditar que certa coisa é bonita e certa coisa é feia.
Isso depende da cultura e do tempo, pois em culturas e tempos diferentes eram ensinadas coisas diferentes

Grupo 14

Por que existem muitos pontos, valeu, por menos que
as pessoas tenham, opiniões, pontos de vista e gostos
completamente diferentes, esses "pontos" não são que maioria
parte da sociedade julga como belo ou agradável
sal nos olhos, assim como o preto e o branco, são
esses pontos, e a maioria parte do mundo tem como
o preto sua cor favorita.

Grupo 15

Pois desde do início do ser humano na sociedade moderna, a sociedade é moldada a um padrão de beleza, seja pela harmonia do corpo ou pela introdução de uma ideia que é belo. E isso acaba interferindo no nosso modo de pensar, e nos levando a concórdância.

Grupo 16

Por que o fato de ser subjetivo não está totalmente certo pois desde o nosso nascimento estamos sendo induzidos através de propagandas, costumes e pessoas do nosso convívio, pois desde pequenos nós escutamos **AH** isso é bonito, **AH** ela é atraente, ou seja, conscientemente aprendemos que certo cara é bonito até de tomar um verso comum.

Grupo 17

R: Porque a sociedade impõe um "PADRÃO", sendo assim crianças acreditando que "aquilo" é bonito, mesmo não sendo muitas vezes.
--

APÊNDICE F - Atividade de decodificação de mensagens midiáticas

Grupo 1

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ela é um ícone de beleza, por que suas características são impostas pela sociedade.	Por que ninguém é igual a ninguém, e não devemos nos comparar com os padrões impostos pela sociedade.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que as vezes as pessoas admiram a foto, mas que inúmeras vezes tem muitas edições que modificam totalmente a pessoa.	Nem tudo que vemos na internet é real
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Quer passar uma mensagem de que o cabelo dela é hidratado e bonito, para vender um produto.	Porque o cabelo sofreu alterações, e que nunca seria possível na vida real.

Grupo 2

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que a modelo é referência como padrão de beleza.	Pois além dela já nasce dentro das padrões da sociedade ela tem condições melhores para cuidar da sua beleza além dela ser modelo e obter vantagens no foto
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ele(a) está dentro dos padrões da sociedade.	Pois ela está retocada, ela não nasceu deste jeito.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que o cabelo da modelo é hidratado e brilhoso.	Pois o cabelo teve muitos cuidados que acaba exigindo melhores condições e não se trata de haver vantagens no foto

Grupo 3

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	comprar produtos de beleza.	Porque ela está toda produzida com maquiagens que foram feitas por especialistas e photoshop
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	usar filtro de redes sociais	A maga está com maquiagens e efeitos
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Para você comprar o produto e ter seus cabelos perfeitos.	Seu cabelo foi feito em salão e modificaram ele com photoshop

Grupo 4

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ela está tentando vender produtos ou influenciar você como se você precisasse daquilo	Muitas vezes você não precisa desses produtos para realmente ser uma pessoa bonita
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ela está tentando deixar o rosto sem manchas, espinhas ou rugas, está tentando deixar o seu rosto "perfeito" na visão da mídia.	Porque a imagem não é real, é uma imagem cheia de edição.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que usando "aquele shampoo" seu cabelo vai ficar "brilhante" e "bonito" igual ao do comercial!	Porque é um comercial, sendo assim normalmente os comerciais são falsos (quase todos)

Grupo 5

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que para ser capa de revista as mulheres precisam ser bonitas, magras, ter uma pele perfeita, um corpo magro e sem celulite, manchas, estrias, etc.	Porque a foto passou por alterações para ter o resultado final.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ele(a) é bonito(a) e que não possui "imperfeições" como espinhas, manchas, etc.	Porque a foto foi retocada, pode ter filtros.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que se você usar este produto seu cabelo ficará "perfeito" sem frizz, sem ponta dupla, ressecado, com brilho, volume, etc.	Porque você não terá o cabelo "perfeito" o tempo todo e que provavelmente ele foi a um salão, sofreu alterações quando tirou a foto, etc.

Grupo 6

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Tenta nos mostrar um padrão de beleza, a mulher "perfeita"	A foto passou por várias transformações e edições, então é uma imagem unreal.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	A pessoa está tentando se encaixar nos padrões de beleza impostos pela mídia.	A pessoa transformou sua própria aparência para se encaixar, não é sua verdadeira aparência.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	A propaganda quer que comprem o produto para que deixe seus cabelos como estão no anúncio.	Pois o cabelo da modelo não é realmente assim, isso é resultado de edições.

Grupo 7

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Uma mulher loira, famosa e muito "bonita"	Por trás de tudo isso há uma produção enorme que modifica toda a imagem deixando com um aspecto perfeito.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Uma pessoa com auto-estima baixa que edita suas fotos para parecer perfeita nas redes sociais.	Muitas vezes nos comparamos com essas fotos que não existem.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Se usar o mesmo shampoo meu cabelo parecerá perfeito como o da foto.	Nem sempre o cabelo é de verdade e os tamanhos nem sempre são reais.

Grupo 8

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	<p>Elle mostra a imagem de uma mulher que se sente insegura e não gosta de produtos de beleza.</p>	<p>Porque tem usado uma lente que faz com que ela pareça diferente.</p>
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	<p>Elle quer mostrar a beleza que ela tem e não quer ser comparada com outras pessoas.</p>	<p>Porque ela está usando muitos filtros e isso não é a realidade.</p>
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	<p>Elle quer mostrar a beleza que ela tem e não quer ser comparada com outras pessoas.</p>	<p>Porque ela está usando muitos filtros e isso não é a realidade.</p>

Grupo 9

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Bla bla tentando passar um padrão de beleza e por uma revista	porque a foto está modificada, e nem todos são iguais
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	tentando passar a imagem que ele é bonito e não tem imperfeições	porque depois de modificar a foto
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que se você usar o produto seu cabelo vai ficar perfeito	porque o cabelo foi tratado com químicos

Grupo 10

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que você precisa desses produtos para alcançar os padrões de beleza perfeito e ser igual a foto da modelo.	Porque as vezes você nem precisa desses produtos, e está se comparando com a foto, algo irreal.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ele está em um padrão de beleza perfeito e que isso é ser bonito.	não é justo porque esta foto esta retocada e mostra algo que não é realmente
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que seus cabelos precisam disso para serem lindos e perfeitos igual a foto.	Porque aquilo não é real e está cheio de foto shop e alterações.

Grupo 11

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que se comprem os produtos e não ficar bonita que não ela.	Não é justo porque provavelmente o fato sofreu alteração.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ela é bonita naturalmente com maquiagem.	Não é justo porque o fato provavelmente tem filtros.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que se usar o shampoo você vai ter o cabelo bonito.	Não é justo porque ela provavelmente usou outras coisas além do shampoo.

Grupo 12

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ela passa uma mensagem contendo um certo padrão (cabelo loiro, pele clara)	Porque é uma foto de revista, que quase certeza que está cheio de maquiagem e photoshop a foto.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ele tá tentando passar uma pessoa diferente dele, uma foto com mudanças físicas, sendo que pessoalmente ele não é assim.	Porque na foto a pessoa pode fazer as mudanças que ele quiser, e pessoalmente não ser nada igual.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	De um cabelo bonito, brilhoso, hidratado.	Porque até mesmo em uma foto de cabelo conseguem fazer edições e fazem parecer o mais real possível, mas às vezes até mesmo esse cabelo é uma mentira, e o cabelo dela é diferente.

Grupo 13

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que para você mexer capa de uma revista tecnicamente você tem que estar dentro dos "padrões" da sociedade	Porque provavelmente existem muitas edições dessa foto
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que para você conseguir muitas seguidoras você precisa ser ou estar bonita	As fotos postadas na internet possuem muitos filtros e as vezes as pessoas fingem ser outras pessoas para ter mais influencia
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que cabelos hidratados como este te tornam mais bonita	Por que existem diversos tipos de cabelos não só os lisos, também tem os crespos, encaracolados entre outros

Grupo 14

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Quem os usuários, produtos e desta moda, assim pode ficar bonita, e até se comparar com a gente do lado da revista.	Por que muito das vezes as revistas não são reais, as imagens que mostram a realidade, tem que ser do que é mesmo.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Quem os usuários de se aceitar, ele se compara com o que é dele e achando de se que ele mesmo não tem sua beleza própria.	Por que não é sua realidade, se se comparar com alguém, ele faz o possível para não se aceitar e se imitar e usar retoque.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Quem os usuários aquele shampoo em específico, se se comparar com seu cabelo, assim fica dele o que ele quer, como o do shampoo.	Por que é por fake, se se comparar com o que ele quer, pode ser diferente.

Grupo 15

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que a mulher está passando por uma etapa de revista.	Por que a foto passou por muitas modificações, tanto na roupa quanto na edição de uma photoshop.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que modificações podem ser feitas com um photoshop para que a foto fique perfeita.	A foto retocada não expressa a beleza natural dela.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que o cabelo da mulher na propaganda fica perfeito com o shampoo da propaganda.	porque como vimos nas últimas aulas é feita uma série de edições no photoshop para que ela fique bem feita além de muita produção e jogo de câmera para tudo ficar perfeito.

Grupo 16

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	É uma modelo bem arrumada postando a lembrança para ler o revista de moda com os memes dela.	Nem todas são perfeitas como esta mulher parece ser, ela só está com Makeup, jóias e cabelos bonitos, junta de iluminação e photoshop na foto.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Para que na mídia as pessoas se encantem por ele, usando filtros, photoshop, etc. Mas na vida real ele é diferente.	É melhor ter sua própria bem mentir para a mídia ou a sociedade mesma não estenda os padrões de beleza que a sociedade impõe.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Para mostrar os efeitos de cabelos e deixá-los luminosos e lisos como na propaganda.	Nem todos tem o cabelo liso como o da foto e o produto pode deixar o cabelo com aparência contrária do que se para ser.

Grupo 17

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Obrigar em uma modelo na revista e, camisas, as camisas da revista aumentam, por muitas vezes fazem comparações: beleza, no imagem foi utilizada edição e outras alterações para ficar mais bonita.	Não é justo fazer comparações pois a modelo sofre alterações na aparência.
Seu (suá) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ela quer se encaixar nos padrões de beleza de acordo com as fotos que ela vê em suas redes sociais.	Não é justo se comparar pois a foto pode ter sofrido alterações.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	A mensagem que passa é que usando o shampoo ficaria mais com o cabelo igual da modelo na foto.	Não é justo fazer comparações pois a foto e a própria modelo sofreram alterações, tornando-se algo artificial, ex: alterações no cabelo, iluminação, etc.

Grupo 18

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Esta tentando nos mostrar o padrão de beleza imposto pela sociedade	Porque a pessoa nas capas de revistas, geralmente são modelos com corpos perfeitos, e ainda possuem por um processo de edição, para ficar mais "perfeita".
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	De que ele é assim no mundo real, não possui "defeitos" característicos de qualquer pessoa no dia a dia. Pele/traço idealiz	Todas as pessoas possuem "defeitos", e não devemos olhar as pessoas somente pelas fotos no internet
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	A mensagem é que se você usar o produto desta marca, seu cabelo ficará lindo/perfeito, etc.	Existem diferentes tipos de cabelo que não são representados pelas propagandas, onde a foto sofreu edição.

Grupo 19

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que para se você utiliza os recursos destas revistas você não fica bonito igual ele	por que os modelos que aparecem foram mudados em programas de edição
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que é atraente e está tentando se fazer se sentir através por ele	por que provavelmente ele utilizou filtros e efeitos de edição em suas fotos
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	que se você utiliza essa máscara cabelo você fica bonito igual o do modelo.	por que além do modelo para por várias mudanças estéticas, ele foi retocado em programas de edição

Grupo 20

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Estão tentando chamar atenção de comparar com a foto da moça por ela ser bonita	Porque a imagem está editada e com maquiagem e a intenção da revista é impor um padrão de beleza.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ele está tentando entrar em um padrão de beleza. Ele está tentando chamar a atenção das pessoas, ficar mais atraente.	Porque a maioria das fotos tem um corpo, veste sexual que mais é realidade com muitos efeitos edições que são feitas.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Se você comprar o produto você ficará com o cabelo perfurado como o da moça da foto.	Porque provavelmente a foto passou edição e também seu cabelo pode estar com mais produtos químicos, como por exemplo progressiva.

Grupo 21

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que se compare os pontos da revista, não ficam igual o modelo da capa.	Que na revista a uma modelo que passou por diversos tipos de maquiagem e edições na foto.
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Sua auto-estima, por estar tão belo através de edições	Porque ele(a) não está mostrando ser quem realmente é.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Ela está tentando vender o shampoo, porque fica igual o da imagem	Porque ela está usando química e edições na foto.

Grupo 22

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ela é um padrão de beleza referente ao ser humano, uma modelo	Essa imagem tem um tamanho grande para ela ficar "bonita"
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que ela tem um corpo, cabelo, pele tudo perfeito, de acordo com o padrão	Por que não somos assim na vida real não tem como estar dentro do padrão proposto pela sociedade.
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que é uma propaganda de cabelo. Que se talvez você usar o produto seu cabelo fique sedoso e liso	Porque tem todos uma produção tipo promcha e exceto provavelmente usar de edição.

Grupo 23

Você lê a manchete de uma revista e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que as superlatos	Por não é uma
	zouros não tão bon	coisa / coisas
	que até a Gisele	que faz a Gisele
	Biendchen ser	Biendchen ser
		conhecida bonita
Seu (sua) amigo(a) posta uma selfie retocada e...		
	Que mensagem ele(a) está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que a pessoa	O ser humano
	é "através" o tempo	passa de momentos
	todo	em um momento
		porá não estar abn-
		ente e em outras rõe
Você assiste a uma propaganda de shampoo e...		
	Que mensagem ela está tentando passar?	Não é justo fazer comparações porque...
	Que se não usa	Não é só o cabelo
	um produto seu	fatoras fotográficas
	coloca tudo igual	como fatoras de
um comercial	lozquez imitações	

APÊNDICE G - Produção textual da atividade avaliativa

Grupo 1

Padrões e sociedade	
Olhando pro espelho do quarto	Para gostar do que vejo
Bruno encerta um padrão	Diante deste espelho
Não há moda de errado nele	Não deu brincar padrões de beleza
Nas mãos é essa a questão	Não ter o amor próprio primeiro
É certo cuidar deste corpo	
Proteger, enfeitar e amar - lo.	
O que não se deve, no entanto	
É querer ser o que querem os outros	
Existe beleza no magro	
É há encanto no gordo	
Não é o tamanho ou a cor	
Que define o desabrochar do amor	
O amor surge diferente	
Ele não muda além	
De quem está na minha frente	

Grupo 2

Reflexo da superfície
Presença dentro da sociedade
Sem poder olhar para a verdade
Perdido no pensamento
Com isso vem muito sofrimento
Algumas palavras geram discriminação
Podem levar para a corrupção
Olhando para o espelho da realidade
Comparando-se com os padrões de beleza
Olhando a mídia
Vendo a humanidade
Julgando pela personalidade
Esperando solidariedade
Em nosso mundo onde a beleza Me sinto inspirada
Não tão admirada Para isso mudar.
Nessa grande profundidade

Grupo 3

Autoaceitação.

Quem criou esse bandido padrão?

Alguém que pensou ser genial?

Achou que seria um feito motivacional.

Apenas tornou ainda mais forte o sentimento de frustração.

O maior impulso agora é ser a perfeição.

Almejamos cada vez mais ser bonitas aos olhos da sociedade.

Mas o que ninguém te conta, é que nesse processo não existe autopiedade.

A real sensação é de completo desespero o tempo inteiro.

De repente nada te causa tanto medo.

Da que olhar seu próprio reflexo no espelho.

A maior sensação que procuramos é a de validação.

Mas isso porque não importa o quão bela você se torne.

Sempre terá alguém que é mais, estar ditos como a perfeição.

Você nunca é suficiente.

Não importa o quanto tente.

Tentamos nos encaixar

Nesse padrão irreal

Para tentar sentir-se normal

Mas dentro de todo esse padrão

O que realmente importa é a nossa aceitação.

Grupo 4

Ilusão e Autoaceitação

A mídia gera tristeza
Propondo padrões de beleza
No mundo cheio de ilusão
Onde todos tentam seguir um padrão

Em cada cultura diversa
Existe uma beleza interna
É a atitude de autoaceitação
Gera respeito e não discriminação

Por trás da maquiagem
Ninguém mostra a sua verdadeira imagem
Para terminar essa reflexão
Todos devem aceitar quem são!

Grupo 5

Yuri é um chefe que irá realizar entrevistas de emprego. Beatriz é a primeira pessoa a chegar, ela tem (três faculdades e mestrado em administração) mas ela não tem uma boa aparência, não é contratada.

- Paixinus - diz Yuri:

O próximo pessoa a chegar é a Sily, não conduziu o mesmo método, e não se preocupa com aparência.

- Sobre seu currículo, está contratado -

Juacas é o Paixinus, sua aparência é fulgo do lado de fora, usa óculos e lentes, porém (muitos anos de experiência) nunca recebeu uma promoção.

- O senhor não tem um bom passado -

Yuri contrata Sily após julgar Beatriz e Juacas, Sily não fez uma boa escolha.

Setor de Administração.

Grupo 6

Da outra lado do espelho	
Hoje olhei meu reflexo Um sentimento completo	não agora que me vejo com outros olhos
Aquela mãe era eu Onde está o irmão que um dia foi meu?	Consegue entender que era só uma distração, distração Uma pressão para que eu me encaixe num padrão
Não tinha um sorriso no meu rosto Toda vez que me sinto insegura Por um padrão que foi imposto Onde ter defeitos é ser impura	Não é sobre ser bonita É sobre ser aceita É estar sempre perfeita
A cor do meu rosto está desbotada A euforia que aqui havia foi apagada Como foi que isso aconteceu? Não sei se o problema é o espelho ou sou eu	Nesta sociedade que só aceita corpos artificiais É criar padrões irreais
Quem me disse assim? A insegurança e o padrão É toda comparação	Que até pensei em dar um fim

Grupo 7-A

Autoestima

Me olho no espelho e não me reconheço, tento me acitar
mas não vejo uma beleza ou Padrão aonde me encaixar
tenho medo de errar e tento me acitar. O erro acapandimento
me faz chorar e pensar no grande constrangimento
começo a me limitar com o sentimento de esquecimento

Demorei a encontrar entre em desespero e começo a gritar
enfraquecendo meus pulmões com falta de ar,

Deixo a vida sem a respirar, me peço me peço
de sofrimento, sem nem se que me alto me amar

Amar a mim mesmo, traz a dor de próprios amor
dizendo minha vontade de viver desaparecer,

Amando apenas a beleza do tempo.

Vivo, com pensamentos em padrões, com amarguras
na pupila alma.

Eu sou minha única insegurança Por um
bom tempo.

Grupo 7-B

O que eu aprendi com esses aulas	
Que beleza significa o admiração de ser sendo de estar, admiração de prazer.	Sobre a nossa roupa eu comecei a entender sobre em como seu espírito pode machucar, mesmo que sobre uma não desistamos nos importamos.
Também que a beleza está nos olhos de quem vê, assim é que é feita para mim pode não ser para você.	Em uma pessoa que muitas vezes não tem coração, a diversidade sempre está em uma pessoa.
Que roupa muitas vezes pode significar muito para mim e tudo aquilo que se pode perceber.	e dirigida pelo tempo

Grupo 8

As diferenças

Não me deve julgar as pessoas pelo seu corpo.

Independente de ser magro ou gordo.

Quem é mesmo por seu estilo e aparência.

Isso que constitui a nossa essência.

Não se compare os propagandas.

Elas utilizam formatos irreais.

E usam edições e maquiagem demais.

Não se importe com os demais opiniões.

Elas não todos temos sentimentos e emoções.

Grupo 9

Seja seu próprio padrão de beleza!

Autoaceitação é o que todos precisam
Para se sentirem bem e acolhidos
Não ligue para opiniões e pensamentos alheios
Seja você mesmo, com seu próprio pensamento
No meio de tantos padrões e estéticas
Somos obrigados a ser o que não somos
Se encaixar em um mundo no qual não
fazemos parte.
Até quando vamos aceitar pessoas dizendo
que estamos "gorda demais ou magra pra caramba"
Chega de comentários ofensivos e desnecessários
se valorize, seja seu próprio padrão de beleza!!!

Grupo 10

Sofremos com a merda da comparação
Deveras tristeza profunda, somos assombrações
A sociedade não tem aceitação
Falta de amor, isso é discriminação
Um corpo magro, é o padrão
Taxado de gordo feio, isso é desrespeito a população.

Barriga chapada, olhos claros, bunda grande, cabelos longos.
Essa é o padrão que a sociedade imita
O padrão que mata, machuca e destrói.
Porém todos os tipos de corpos são bonitos
As pessoas só veem beleza, na magreza.

Auto estima é que há de mais divino
Pois quando nada lhe resta
resta-lhe a si mesma

Grupo 11

Aceitação
Diariamente quando abro o Instagram
Me deparo com corpos ideais
Com padrões irreais
Todos aqueles elogios me desalegram
Penso porque não nasci com um corpo de modelo
sem marcas eminentes, cabelos hidratados
Corpo magro, tudo visto um pesadelo
E quando tiro uma foto penso que tudo deve ser editado
Esses padrões me desintegram
Para que essas ideias irracionais?
Com palavras sobre o que é perfeito, essas coisas não devem ser reais?
Tudo isso para que se integram
Em um mundo onde julga a cor do seu cabelo
Prefiro ser alguém que dizem ser azarado
Do que viver todos os dias mudando algo em mim e em um apelo
Viva do seu jeito, mesmo que considerem errado

ANEXO A - Anuência do IFC para a realização da pesquisa

Firefox

https://sig.ifc.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizac...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
REITORIA - PRO-REITORIA PESQ.PÓS GRAD IN

AUTORIZAÇÃO Nº 1 / 2022 - PROPI/REIT (11.01.18.00.29)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Blumenau-SC, 26 de janeiro de 2022.

Eu, CLADECIR ALBERTO SCHENKEL, Reitor Substituto em Exercício do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC), declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada "GOSTO SE DISCUTE: INCORPORANDO REFLEXÕES SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO", sob a responsabilidade de LUIS OTÁVIO MENDES.

Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, autorizo a sua execução. Esta autorização não exime, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares, e à Lei 13.709, de 14 de agosto de 2018.

(Assinado digitalmente em 27/01/2022 16:43)
CLADECIR ALBERTO SCHENKEL
REITOR SUBSTITUTO EM EXERCÍCIO

Processo Associado: 23348.000015/2022-66

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1**, ano: **2022**, tipo: **AUTORIZAÇÃO**, data de emissão: **26/01/2022** e o código de verificação: **4b0320696f**

ANEXO B - Anuência do IFPR para a realização da pesquisa



CARTA

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que estamos cientes e aceitamos que o pesquisador Luis Otávio Mendes desenvolva seu projeto de pesquisa intitulado "Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de Educação Física do Ensino Médio", cujo objetivo é coletar informações através de questionários junto aos professores de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução CNS nº 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.



Documento assinado eletronicamente por **ODACIR ANTONIO ZANATTA**, Reitor, em 27/01/2022, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, caput, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ifpr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1575187** e o código CRC **14823713**.

Referência: Processo nº 23411.001664/2022-73

SEI nº 1575187

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ | REITORIA-REITORIA
Rua Emilio Bertolini, nº 54, Curitiba - PR | CEP CEP 82920-030 - Brasil

ANEXO C - Anuência do IFRS para a realização da pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Gabinete do Reitor

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Júlio Xandro Heck, responsável pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), autorizo os pesquisadores abaixo relacionados a fazerem contato com os professores de Educação Física do IFRS, a fim de que sejam consultados sobre a possibilidade de participar voluntariamente da pesquisa intitulada "Gosto se discute: incorporando reflexões sobre os padrões de beleza nas aulas de educação física do ensino médio", respondendo um questionário online, sendo a participação facultativa.

O contato de e-mail dos professores de Educação Física do IFRS pode ser obtido através do portal Integra: <https://integra.ifrs.edu.br/>.

Foi assegurado pelo pesquisador responsável que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde no 466/2012, que trata da Pesquisa envolvendo seres humanos e que serão utilizados tão somente para a realização deste estudo.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa.

JULIO XANDRO HECK:
93476043053

Assinado digitalmente por JULIO XANDRO HECK em 26 de janeiro de 2022.
93476043053
DN: C=BR, O=CP-Brasil, OU=Videoconferencia,
OU=33683111000107, OU=Secretaria da Receita
Federal do Brasil - RFB, OU=ARSERPRO, OU=RFB
e-CPFAS, CN=JULIO XANDRO HECK:93476043053
Razão: Eu sou o autor deste documento
Localização: sua localização de assinatura aqui
Data: 2022.01.26 11:13:37-0300
Foxit PDF Reader Versão: 11.1.0

JÚLIO XANDRO HECK
Reitor do IFRS

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, consultar:

COPEP/UEM

E-mail: copep@uem.br

Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4.

CEP 87020-900 Maringá-PR

Telefone: (44) 3011-4597

Pesquisador(a) principal: Luis Otávio Mendes

Telefone para contato: (19) 99740-7907

E-mail para contato: luis.mendes@ifsc.edu.br

Demais pesquisadores:

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Telefone para contato: (44) 99906-3045

E-mail para contato: acmmiranda@uem.br

ANEXO D - Anuência do IFSC para a realização da pesquisa

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada "GOSTO SE DISCUTE: INCORPORANDO REFLEXÕES SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO", sob a responsabilidade de LUIS OTÁVIO MENDES.

Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, autorizo a sua execução. Esta autorização não exime, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares, e à Lei 13.709 de 14 de agosto de 2018.

Flavia Maia Moreira

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Portaria do(a) Reitor(a) N° 2496, de 25 de agosto de 2021



Documento assinado digitalmente

CLOVIS ANTONIO PETRY

Data: 16/11/2021 17:21:52-0300

CPF: 892.970-419-87

Verifique as assinaturas em <https://v.ifsc.edu.br>

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação em exercício
Portaria do(a) Reitor(a) N° 3302, de 11 de novembro de 2021

Florianópolis, 16 de novembro de 2021

Instituto Federal de Santa Catarina – Reitoria

Rua: 14 de julho, 150 | Coqueiros | Florianópolis/SC | CEP: 88.075-010
Fone: (48) 3877-9000 | www.ifsc.edu.br | CNPJ 11.402.887/0001-60